

Textos

Vilma Confortin Scherer

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 03/08/2018

Título : A ARTE DA VIDA CONSISTE EM FAZER DA VIDA UMA OBRA DE ARTE

Categoria: Crônicas

Este foi o lema escolhido pela turma de formandas do curso ginásial do Colégio São José de Erechim, nos idos de 1955, entre as quais eu me incluía.

Tenho certeza, não foi escolhido por lhe entendermos o significado, mas porque soava bem, por conter poesia e romantismo.

Esta afirmativa fez sua morada em mim, muitíssimas vezes veio à tona e juntas, relembramos o passado e vivemos o presente. Sempre lhe afirmei que é profunda, causa impacto e é muito sábia.

Viver é uma arte, digo mais, um mistério, pois entendemos muito pouco da vida.

No palco da vida somos atores de nossa própria história; não há porque invejar a profissão privilegiada dos artistas!

Às vezes somos meros expectadores; noutras, atores coadjuvantes. Seguidamente, a vida nos oferece peças em que somos os atores principais, nos cerca de dificuldades que exigem de nós muito esforço, trabalho e superação.

“O que a vida quer da gente, é coragem.”, diz Guimarães Rosa.

Dia após dia devemos vestir a couraça da coragem e enfrentar o maior inimigo que temos, ou seja, nós mesmos. A vida é um contínuo aprendizado. Cada dia nos surpreende com novas lições, as quais exercitamos na prática.

Na grande sinfonia da vida, é preciso que toquemos com afinação o instrumento que nos é dado e tenhamos a sensibilidade de ouvir e admirar a arte e a capacidade de quem toca ao nosso lado.

E Elisa Lucinda, para quem a vida é pura poesia e arte, diz: “A vida é uma colcha de retalhos, bordada com personagens comuns, pescados no mar do cotidiano, bordada como quem vai bordando a existência, como quem colhe poesia pela vida afora e traz notícias de melodia que não se perdeu, que parece coisa inventada...”

A minha colcha de retalhos é a minha obra de arte e já vai bem adiantada. Cada retalhinho nela aplicado tem sua história, a minha história...

Data : 03/08/2018

Título : A ARTE DE ENVELHECER - I

Categoria: Crônicas

A gente mal nasce e começa a morrer, diz Vinícius de Moraes.

Durante toda a vida devemos nos preparar para morrer. Parece uma meta muito distante, mas como diz o Livro Sagrado: “Estais preparados; não sabeis o dia nem a hora.” Sou do parecer de que não devemos nos preocupar tanto com a morte, mas sim com a vida, com a maneira como a vivemos, como cuidamos do nosso físico, como alimentamos nosso espírito.

Felizmente somos provenientes de famílias sólidas, recebemos bons ensinamentos, boa educação. A base, o alicerce é o que conta para a construção sólida de nossa vida, aliada à nossa vontade de crescer, de ser mais e melhor, de ser útil, de galgar com sabedoria a escala de valores.

Vamos vivendo. Em seu tempo aparecem os primeiros cabelos brancos, rugas no rosto, a pele perde o viço, as forças diminuem.

Somos tão velhos quanto pensamos.

O físico Albert Einstein dizia: “Jamais envelheça, não importa quanto tempo você viva. Nunca deixe de ser como uma criança curiosa diante do grande mistério do qual nascemos.”

Envelhecer, diz Ingrid Bergman, é como escalar uma montanha. Você vai se apoiando em cada uma das saliências. Quanto mais alto você chega, mais cansado e sem fôlego fica, mas pode ver cada vez mais longe.

De uma coisa estou certa: envelhecer é um privilégio e envelhecer bem é uma dádiva de Deus. -

Data : 03/08/2018

Título : A ARTE DE ENVELHECER - II

Categoria: Crônicas

“A pessoa que tem o dom de envelhecer bem, é aquela que se contenta com um pouco de conforto. Se você reconhece o calor como uma bênção, se sua cama, seu banho, sua comida e bebida favoritas são considerados a mais pura alegria, então você terá uma boa velhice.” – é o que afirma a escritora Florida Scott Maxwell.

Concordo plenamente com a afirmação, porque com o avançar dos anos, penso que a pessoa vai se desapegando das coisas materiais, não as valoriza tanto, não ambiciona ter mais, e a simplicidade lhe faz bem. E eu diria mais: oxalá todas as pessoas idosas tivessem o essencial para viver com dignidade.

No entanto, acrescentaria ao conforto simples da escritora Maxwell, um requisito de primeira necessidade para envelhecer feliz: estar ativo!

Eu tenho relativo conforto. O sol e a luz inundam meu amplo apartamento, deito na melhor cama do mundo, faço minha comida gostosa e saudável. Mas já pensou se não me ocupasse, se não fizesse minha cabeça funcionar através da leitura diária; se minhas mãos não manejassem linhas, lãs, agulhas e tecidos, várias horas do dia, confeccionando peças de tricô, crochê, patchwork... o que faria eu com o tempo vago que a idade me trouxe?

Acredito não haver melhor maneira de envelhecer do que manter-se ativo, fazendo o que se gosta.

Com a cabeça e as mãos em constante atividade, não se tem tempo para queixas e lamúrias. O tempo passa sem ser notado e se fica feliz com o que se produz.

Adoro meus trabalhos artísticos, minhas peças únicas em linhas, tecidos e bordados, pois elas permanecerão após o término dos meus dias.

E agora, me surge uma dúvida: com o que vou me ocupar do outro lado da existência? Não mais envelheceremos, não mais sofreremos, não teremos mais dissabores? O que nos espera...

Data : 30/04/2009

Título : A cara que os outros veem

Categoria: Poesia

Alegre,
Sorridente
Expansiva
Dedicada,
Mão extremosa,
Esposa exemplar.

Traços nobres,
Meiga,
Amiga,
irmã,
companheira,
feita doação.

Palavra doce,
Olhar sereno
A refletir o azul do céu
E a imensidão do mar.

Invejo-lhe a sorte.
Dize-me qual teu segredo.
E o reverso da medalha?

Coração sangrando.
Aflito,
Ferido,

Traído,
Triste.

Desvelo não reconhecido,
Doença,
Pobreza,
A imagem do sofrimento.

Se o demonstrasse atrairia compaixão.
Seu equilíbrio,
A grandeza de sua alma,
Seu desprendimento,
Sua fé,
Confiança em Deus e em si a fez agir assim.

Seu lema: o coração é meu, pode sofrer; o semblante é dos outros, deve sorrir...

Data : 03/08/2018

Título : A CASA, O CAMELO E O MAR

Categoria: Crônicas

A casa onde moramos é lugar sagrado. Por esta razão cuidamos para que esteja em ordem, limpa e acolhedora.

O que a compõe, ou seja, seus móveis e tudo o que há nela, devem servir par nosso conforto e bem-estar.

O mais importante num lar, é que os membros que fazem parte da família sejam unidos, se amem e se auxiliem uns aos outros a transpor as dificuldades que sempre fazem questão de estar presentes.

Nada mais reconfortante do que ao final de um dia de trabalho ou estudos, regressar ao aconchego do lar.

A mãe camelo vivia com seu filhinho num zoológico onde eram visitados e admirados principalmente pelas crianças que se extasiavam por sua corcova, suas longas pernas e dos enormes cílios que praticamente lhe impediam a visão.

O jovem camelo ficava intrigado com os comentários feitos pelos visitantes e certo dia interrogou sua mãe sobre suas justificadas dúvidas.

Meu filho, disse mamãe camelo do alto de sua sabedoria: somos animais cujo habitat é o deserto. Na corcova armazenamos água, pois no deserto é escassa. As pernas são longas e as patas arredondadas para facilitar a caminhada pelo quente deserto e os longos cílios protegem nossos olhos da areia e do vento constante que há no deserto.

O filho camelo ficou pensativo e falou: se temos todos estes predicados para viver no deserto, o que estamos fazendo no zoológico?

O mar e sua grandeza. O que o fez tão grande foi sua humildade a colocar-se abaixo dos rios e receber destes, suas águas.

Ele não se gloria de sua grandeza, mas dia após dia repete seus movimentos de vai e vem, faz a água elevar-se e formar as marés e as magníficas ondas que encantam e atraem os surfistas.

É fonte de alimentação à população e mão-de-obra dos pescadores.

Oferece meio de transporte através da navegação.

Não deixa de oferecer perigo a quem o frequenta ou enfrenta e sua força pode ser destruidora.

É fonte de alegria e descanso, mas exige respeito e cautela.

O que tais breves relatos e observações podem ter em comum?

O mundo em que vivemos, é nossa casa. Nem sempre as coisas são do nosso agrado e muitas questões nos inquietam, mas não podemos e nem devemos esmorecer. Para tudo há um propósito. A vida nos ensina a arte de ceder, a agir ante a perda e o ganho, o acerto e o erro, a dar e a receber, a morrer um pouco a cada dia, pois aqui estamos de passagem e sabemos que nada é perfeito ou dura para sempre.

Data : 03/08/2018

Título : A ESCOLA DA VIDA

Categoria: Crônicas

Admiro pessoas sábias com fome e sede de saber, ainda mais se esta sabedoria for vivenciada e transmitida em prol do crescimento intelectual de outros.

Há pessoas que a vida tornou sábias, embora com pouca instrução escolar.

A vida é mestra por excelência. Basta ter a sensibilidade de ouvir e seguir seus ensinamentos.

É sapientíssimo o analfabeto que cria, educa e encaminha para a vida seus filhos.

É inteligente o agricultor que trata da terra sem o uso de agrotóxicos danosos à saúde.
É sábio o indígena que mora no interior da floresta e conhece a propriedade das plantas e ervas medicinais.
É de imensa sabedoria aquela velhinha que impõe as mãos, benze e traz saúde às pessoas através de chás e infusões caseiras.
E é sábio, muito sábio, aquele profissional ao qual o dia não o favorecera quanto merecia e esperava, mas que ao chegar ao lar, à tardinha, deixa sua sobrecarga e seus problemas do lado de fora da casa, aos cuidados de uma planta, digamos, para não transmitir aos familiares os problemas ou o mau humor que o afetam.
Há um ditado popular que diz que não se deve levar ao trabalho os problemas do lar e vice-versa.
O convívio familiar e uma noite bem dormida, renovam as forças para o novo dia de trabalho.
Importa ouvir e seguir as lições da vida, mestra por excelência.
Ela só quer o nosso bem.

Data : 30/04/2009

Título : A felicidade

Categoria: Crônicas

“Colocaremos a felicidade dentro deles, pois estarão preocupados buscando-a fora e nunca a encontrarão. O homem passa a vida toda buscando a felicidade sem saber que a traz consigo.” Extraído de uma mensagem em que Deus e os anjos se reuniram para criar o homem, de autor desconhecido.

O texto “Ser Feliz” de Moacyr Scliar mostra como a felicidade está dentro de nós e se manifesta nas pequenas coisas do dia-a-dia que nos dão prazer.

Eu me sinto feliz sempre que faço algo e vejo-o bem feito; quando faço a comida e as filhas comem com gosto; quando faço o bem a alguém e por que não: quando recebo um elogio.

“Doar é a melhor forma de ser feliz “ diz Carlos A . Nóbrega. É raro ouvir-se alguém dizer que é feliz. Julgo esta pessoa realizada, madura, de bem consigo, com o mundo e com o criador. Assim mesmo terá momentos em que algo parece lhe faltar.

Enquanto humanos não seremos totalmente felizes.

Já o grande Santo Agostinho dizia: “ Inquieto está nosso coração enquanto não descansar em ti, Senhor.”

A Edy diz em seu livro “Viver na Luz”: somos criaturas divinas, às vezes com lampejos humanos...

A maioria das pessoas, no corre-corre da vida não tem tempo para si, para uma interiorização, um conhecimento mais aprofundado de seu íntimo, seus sentimentos e aspirações. Sentem o vazio interior e procuram preenche-lo com exterioridades. Procuram a felicidade longe quando ela está bem junto a eles. (eu era feliz e não sabia...)

“A felicidade é como a pluma que o vento vai levando pelo ar. Voa tão leve, mas tem a vida breve; precisa que haja vento sem parar.”

A .C. Jobim e Vinícius de Moraes.

Data : 03/08/2018

Título : A LIÇÃO DO PINHEIRO

Categoria: Crônicas

Sou apaixonada pela natureza. Os infinitos tons de verde, o formato diferenciado de cada folha, a imponência das árvores, a perfeição das minúsculas florzinhas..., tudo, tudo me causa encantamento.

A natureza é uma grande prova de amor do Criador para com sua criatura. Para mim, a natureza é a sala de espera do céu.

No entanto, em meio a toda essa variação de espécies, uma me cativa de modo especial: o pinheiro.

Ele cresce reto, esbelto, imponente. Sobressai-se às demais árvores como para mostrar que acima delas há mais espaço para conquistar. As intempéries do tempo não o afetam. Enquanto a maioria das árvores perdem as folhas no outono, a geada seca as pastagens, tudo parece morrer, o pinheiro continua verde, impávido...

Dele podemos tirar importantes lições de vida.

Ser pinheiro, na vida, é não se entregar por pouca coisa, é ser capaz de conservar o otimismo no fracasso, ser alegre no desprezo, saber aceitar uma crítica sem se abalar, superar o ódio, não aceitar ser igual aos outros, mas querer crescer sempre mais, buscar novos horizontes, conquistar espaços, buscar novos conhecimentos e não se contentar com a mediocridade.

A natureza que nos cerca é para nós uma lição de humildade, de superação, de otimismo, de confiança e de força.

Sejamos pinheiros, raros e imponentes.

Cresçamos, não para ser vistos, mas para enxergar melhor.

Data : 30/04/2009

Título : A maravilhosa máquina humana

Categoria: Crônicas

Não sou escritora, tão pouco pretendo escrever. Apenas coloco no papel alguma coisa que acho interessante, que me atrai e que me ocupa o espírito. Tenho mais facilidade em escrever do que expressar-me verbalmente quando seguido ocorrem-me “brancos” e eu não sei sequer do que estou falando!

Contudo, se me houvesse dedicado à ciência, gostaria de escrever, detalhadamente, sobre esta máquina misteriosa que é o corpo humano.

Você olha para alguém, de preferência jovem e, instintivamente, vem-lhe ao pensamento a imagem da beleza. Boca, olhos, nariz, queixo, fronte, que sintonia há em tudo isto. Pequenos detalhes, alguns traços apenas, distinguem uma pessoa de outra e o incrivelmente extraordinário é que não existem, existiram ou existirão duas pessoas totalmente iguais. Eu, você, somos únicos...

Há pessoas que fogem ao padrão da beleza; seus traços são mais fortes, mais marcantes, mas em seu conjunto formam belo exemplar.

Até entre um magnífico roseiral podemos encontrar uma flor que foge ao padrão, mas que por ser única tem seu encanto.

No entanto, não queria deter-me ao exterior desta pessoa que achei linda, mas aportar-me ao seu interior. É ali que habita o incompreensível, o divino do (ser) humano.

Ah! Mas a medicina desvendou todos os mistérios do corpo humano, conhece-o em seus mínimos detalhes, sabe-lhe a função de cada órgão, músculo, nervo, veia e nada viu nele de tão extraordinário, tão misterioso.

Quando se quer afirmar o bem que se tem a alguém se diz: fulano eu te amo de todo o coração! No entanto, o coração não passa de um órgão, de estranho formato, repleto de artérias, válvulas, veias, músculos, cavidades e cuja função é bombear o sangue, fazendo-o atingir todas as partes do corpo humano.

Sem dúvida, o órgão da vida, complicado, misterioso. Mas não é ele a sede do amor e dos sentimentos.

Sigamos em nossa viagem até a parte superior do corpo humano, a cabeça.

Na face estão os olhos. São o que há de mais belo em nós. Há olhos doces, serenos, cativantes, puros. Há olhos tristes que revelam sofrimento, amargura. Outros são disfarçados, agressivos, maldosos. Variam na cor, tamanho, formato, mas o misterioso

é sua capacidade de ver. Acho a visão a maior prova da bondade do Criador. Eles retratam o íntimo de cada ser. São eles, o espelho da alma.

Na parte interna superior da cabeça está o cérebro, formado por massa de substância nervosa, origem dos movimentos voluntários. Esta formação de extraordinária magnitude, nos torna seres superiores, inteligentes, com razão, vontade própria, talentos, aptidões. Nada fizemos para merecermos tão grande dádiva. Simplesmente fomos feitos.

Cabe-nos desenvolver e fazer estes talentos produzirem frutos e sermos filialmente agradecidos a Deus que nos fez semelhantes a Ele. É um pouco estranha esta minha afirmação, mas, meu irmão, eu te amo com todas as forças do meu cérebro!

Data : 30/04/2009

Título : A vida

Categoria: Poesia

Sol, luz, ar, água.

Sons, vozes, cantos, gritos.

Buzinas, sirenes, estampidos

Passos, correrias, risos.

Tudo é vida, animação, agitação.

Vida é a gota de orvalho que reluz ao sol;

É a pequena haste que aponta na relva;

É a abelha que suga o néctar da flor;

A borboleta multicolor que voa leve no espaço.

Vida é água da chuva que cai;

É a pequena fonte que brota na rocha;

O córrego que canta entre as pedras;

O rio manso que corre ao mar.

É o pequeno molusco que rasteja entre as folhas;

A formiga ligeira que carrega seu alimento,
O veloz colibri que beija a flor;
O sabiá que canta ao alvorecer.

Vida é o sol dourado que passeia no universo;
A lua e as estrelas que enfeitam a noite;
A geada que nas manhãs frias cobre a Campina;
O arco-íris que exhibe suas cores após a chuva.

Vida é o ser que nasce,
O leite materno que alimenta o filho indefeso;
É o sorriso angélico da criança;
O olhar doce e puro do inocente.

Vida é o coração que pulsa forte;
O sangue que corre nas veias;
O cérebro inteligente e pensante;
Os sentidos que dão vida à vida.

Vida é o amor que temos no coração;
Os sentimentos que nos enobrecem;
Os sonhos que queremos realizar;
Os amigos que nos cercam.
Vida é dádiva de um Pai extremoso que nos criou
Para si e nos ama com infinito amor.

Outubro de 2002
Texto apresentado no
I Sarau Artístico Literário do CREATI

Data : 03/08/2018

Título : A VIDA E O RIO

Categoria: Crônicas

Fantástica a comparação da vida a um rio.

Nasce pequeno, desvia obstáculos, corre manso, abre sulcos, avança, joga-se do alto da montanha por entre penhascos, puro, limpo, refrescante, belo, maravilhosamente belo, cantando por entre as pedras a doce cantilena da paz, da mansidão, do aconchego, da vida.

Transpostos os obstáculos, vencidas as barreiras, missão cumprida, ele vai calmo ao mar, espalhando o bem por onde passa.

A vida é isto: desde o nascimento, enquanto avançamos em ida- de, diminuimos a distância que nos separa do mar eterno, nosso Criador e Pai. E no nosso correr, levamos uma missão da mesma forma que o rio: dar vida, cantar, umedecer as margens, produzir energias... e, ao final, o Pai nos espera como o grande mar ao rio. Nele há lugar para a água de todos os rios. Importa navegar sempre, superando os obstáculos sem nos deixarmos vencer pelo cansaço, pelos falsos valores, com o olhar sempre voltado para o alto, para o infinito.

A idade torna a pessoa mais introspectiva, consciente, mais justa na atribuição de valores, sabendo sobrepor o espírito à matéria.

A perseverança é um dos maiores valores do espírito. O importante não é começar bem, mas permanecer no bem, e embora exaustos, machucados pelos encontrões e pelas quedas, chegar ao fim.

A pessoa que sabe fazer da vida uma obra de arte, deixa transparecer de seu semblante e de seu olhar, muita serenidade, paz, ternura.

Ela não maldiz os espinhos, mas exalta a beleza da flor; nas agruras do dia-a-dia espalha sorrisos e agradecimento. Ela faz da vida um hino ao Criador.

Não é fácil viver bem; é preciso recomeçar sempre e do meio do campo minado de joio, saber separar a semente do amor, fonte de todo o bem.

É uma bênção a convivência com pessoas portadoras da verdadeira sabedoria que, conhecem os segredos de pendurar sorrisos de alegria e gratidão até nos galhos secos do cotidiano.

Data : 30/04/2009

Título : A vida e o rio

Categoria: Crônicas

Fantástica a comparação da vida a um rio.

Nasce pequeno, desvia obstáculos, corre manso, abre sulcos, avança, joga-se do alto da montanha por entre penhascos, puro, limpo, refrescante, belo, maravilhosamente belo, cantando por entre as pedras a doce cantilena da paz, da mansidão, do aconchego, da vida.

Transpostos os obstáculos, vencidas as barreiras, missão cumprida, ele vai calmo ao mar, espalhando o bem por onde passa.

A vida é isto: desde o nascimento, enquanto avançamos em idade, diminuimos a distância que nos separa do mar eterno, nosso Criador e Pai. E no nosso correr, levamos uma missão da mesma forma que o rio: dar vida, cantar, umedecer as margens, produzir energias... e ao final, o Pai nos espera como o grande mar ao rio. Nele há lugar para a água de todos os rios. Importa navegar sempre, superando os obstáculos sem nos deixarmos vencer pelo cansaço, pelos falsos valores, com o olhar sempre voltado para o alto, para o infinito.

A idade torna a pessoa mais introspectiva, consciente, mais justa na atribuição de valores, sabendo sobrepor o espírito à matéria. A perseverança é um dos maiores valores do espírito. O importante não é começar bem, mas permanecer no bem, e embora exaustos, machucados pelos encontrões e pelas quedas, chegar ao fim.

A pessoa que sabe fazer da vida uma obra de arte, deixa transparecer de seu semblante e de seu olhar, muita serenidade, paz, ternura. Ela não maldiz os espinhos, mas exalta a beleza da flor; nas agruras do dia-a-dia espalha sorrisos e agradecimento. Ela faz da vida um hino ao Criador.

Não é fácil viver bem; é preciso recomeçar sempre e do meio do campo minado de joio, saber separar a semente do amor, fonte de todo o bem.

É uma bênção a convivência com pessoas portadoras da verdadeira sabedoria que, conhecem os segredos de pendurar sorrisos de alegria e gratidão até nos galhos secos do cotidiano.

Data : 01/01/2013

Título : A VIDA E O RIO

Categoria: Crônicas

Descrição: Fantástica a comparação da vida a um rio.

Fantástica a comparação da vida a um rio.

Nasce pequeno, desvia obstáculos, corre manso, abre sulcos, avança, joga-se do alto da montanha por entre penhascos, puro, limpo, refrescante, belo, maravilhosamente belo, cantando por entre as pedras a doce cantilena da paz, da mansidão, do aconchego, da vida.

Transpostos os obstáculos, vencidas as barreiras, missão cumprida, ele vai calmo ao mar, espalhando o bem por onde passa.

A vida é isto: desde o nascimento, enquanto avançamos em idade, diminuimos a distância que nos separa do mar eterno, nosso Criador e Pai. E no nosso correr, levamos uma missão da mesma forma que o rio: dar vida, cantar, umedecer as margens, produzir energias... e, ao final, o Pai nos espera como o grande mar ao rio. Nele há lugar para a água de todos os rios. Importa navegar sempre, superando os obstáculos sem nos deixarmos vencer pelo cansaço, pelos falsos valores, com o olhar sempre voltado para o alto, para o infinito.

A idade torna a pessoa mais introspectiva, consciente, mais justa na atribuição de valores, sabendo sobrepor o espírito à matéria.

A perseverança é um dos maiores valores do espírito. O importante não é começar bem, mas permanecer no bem, e embora exaustos, machucados pelos encontrões e pelas quedas, chegar ao fim.

A pessoa que sabe fazer da vida uma obra de arte, deixa transparecer de seu semblante e de seu olhar, muita serenidade, paz, ternura.

Ela não maldiz os espinhos, mas exalta a beleza da flor; nas agruras do dia-a-dia espalha sorrisos e agradecimento. Ela faz da vida um hino ao Criador.

Não é fácil viver bem; é preciso recomeçar sempre e do meio do campo minado de joio, saber separar a semente do amor, fonte de todo o bem.

É uma bênção a convivência com pessoas portadoras da verdadeira sabedoria que, conhecem os segredos de pendurar sorrisos de alegria e gratidão até nos galhos secos do cotidiano.

Data : 03/08/2018

Título : A VOZ DA NATUREZA

Categoria: Crônicas

Durante a noite caíra uma grande tempestade com ventos muito fortes.

Ao clarear o dia, o menino, que passava férias na casa do avô, no sítio, chegou-se à varanda e, estupefato, com o que via, chamou pelo avô que veio apressado e também ficou surpreso ao ver a grande figueira por terra.

“Como isto, a grossa árvore tombou e o frágil bambu está ali, de pé!”, exclamou o menino.

O avô chegou-se ao neto, lhe pôs o braço sobre os ombros e do alto de sua octogenária sabedoria e experiência, assim falou:

- Meu filho, a imponente árvore não teve a humildade de se curvar à força da natureza. Quis enfrentar o vento e este a venceu. O bambu, humildemente, curvou-se à forte chuva e ventania reconhecendo sua imponência diante da fúria dos elementos da natureza. Era o que lhe coube e devia fazer.

- Proporcionalmente ao tamanho, as raízes da figueira não são tão fundas. As do bambu, no entanto, são tão profundas quanto a altura que ele tem para o alto. É praticamente impossível arrancar um bambu adulto pelas raízes.

- Outra razão de o vento não o haver arrancado, falou o avô, é que o bambu nunca está sozinho. Forma um aglomerado de hastes cujas raízes se entrelaçam, tornando-se muito fortes.

- Você notou que o bambu não tem galhos? Ele cresce para o alto e não para os lados, disse o avô. Com esta característica o bambu parece nos dizer que não devemos nos preocupar com coisas insignificantes que nos impedem de crescermos na vida.

- Você notou que ele é cheio de nós, não de eu´s? Como ele é oco não poderia resistir e quebraria fácil. Os nós o ajudam a ser forte e superar as intempéries a que está sujeito.

Meu neto, disse o velho, os nós em nossa vida representam as dificuldades que superamos. São, também, as pessoas que nos ajudam nos momentos difíceis.

- O bambu é oco, vazio de si mesmo. Mais uma grande lição para a nossa vida. Se nós nos esvaziarmos de nossas mesquinhas e preocupações que nos roubam o tempo e a tranquilidade, estaremos prontos para nos preenchermos de paz, alegria e tudo o mais que nos auxilia em nossa caminhada terrena.

Por fim, diz o bom velho: - O bambu só cresce para o alto, é a sua meta.

Fantástica lição! Certamente o neto ficou ali a pensar e admirar a sabedoria de seu avô.

Dia após dia me convenço que tudo na natureza é uma lição para a vida.

Aqui prevalece a lição da humildade, e também, da necessidade de aprofundar, através da oração, nossas raízes em Deus, de nos desapegarmos das mesquinhas, nos preenchermos de bons sentimentos e buscarmos as coisas do alto para o qual fomos criados.

Data : 30/04/2009

Título : Abra a porta

Categoria: Crônicas

“A magia não é olhar a vida pelo olho mágico. A magia é poder abrir a porta” - Nilza Menezes.

Olhar a vida de porta aberta. Encará-la de frente.

Sábria esta afirmação. Característica dos fortes, dos corajosos, dos que enfrentam a vida sem temores e seguem o caminho sem procurar visão. Otimistas, ou melhor, realistas.

Não lastimam a acidez do limão, mas fazem dele saborosa limonada.

Passava sempre frente a uma casa onde o muro estava pichado com uma frase que me chamava a atenção: “Não suba para ser vista mas para ver melhor” Ver do alto, torna o campo mais claro, amplo e colorido.

Instrução, formação fator psicológico, emocional, fazem com que haja pessoas que em tudo só vejam o lado positivo das coisas. Vencem as dificuldades com muita facilidade. A fração negativa da vida é muito diminuta e o cinza de seu colorido leva tons azulados.

É agradável a convivência com pessoas portadoras deste atributo.

São alegres, seus momentos de felicidade de que é feita vida são freqüentes e duradouros.

Há pessoas que olham a vida através das ripas defeituosas das venezianas da casa.

Dispensa comentários a visão distorcida das pessoas, das coisas, dos acontecimentos observados por uma estreita fresta.

Seria medo, desconfiança ou que outro tipo de problema?

Espiar a vida é fugir de si, do que a vida tem de bom a nos oferecer, é fechar os olhos e só olhar para si, para seu mundo escuro e sombrio.

Data : 30/04/2009

Título : Acordar

Categoria: Crônicas

Sair da inércia.

Tirar do sono.

Despertar.

Encontrar-se.

Encontrar-se depois do completo adormecimento dos sentidos, da cessação normal e periódica da atividade orgânica, do repouso dos órgãos dos sentidos e do movimento, durante o qual o corpo recupera suas forças.

Você para, abstrai-se de tudo quanto o cerca, fica quieto, imóvel e dorme. Entra em estado latente e recupera suas energias.

Após algumas horas você acorda, seus órgãos voltam à atividade normal você se encontra e está, de novo frente à vida.

Acho maravilhoso o ato de dormir, descansar e acordar. Seguido é motivo de reflexão.

Eu podia não acordar, pois o ato dormir se aproxima a morrer. Mas não, acordo, abro os olhos e a luz brilha, ouço o canto dos pássaros vejo a luz do sol, as pessoas passando pela rua, enfim a vida continua.

Tenho o hábito de acordar sempre á mesma hora e de levantar-me assim que desperto. Já levanto pensando no que vou fazer neste dia.

Assim que saio da cama, ressalto aqui, a melhor cama e o melhor travesseiro do mundo, já estou de bem comigo e com os que me cercam. Começo minhas atividades e não perco tempo. À primeira, seguem-se outras e assim passo o dia todo sempre ocupada.

Gosto de tudo o que faço e fui acostumada a fazer tudo bem feito.

Não sou perfeita, não. Culpo-me às vezes, de agir como autômato, isto é de agir sem objetivos determinados, sei lá. A gente muito se parece com máquina, a qual se lhe liga o motor e ela vai trabalhando.

A vida seria simples, nós é que a complicamos, mas não reclamo dela, não. Quero continuar acordada, manhã após manhã por muito tempo ainda e achando a vida cada dia mais bela.

“Mesmo quando estamos vazios de pensamentos, não desistimos de nossa capacidade de pensar” – Heidegger .

Data : 03/08/2018

Título : AFINIDADE

Categoria: Crônicas

É um dos poucos sentimentos que resistem ao tempo.

Afinidade é o mais sutil, delicado e penetrante dos sentimentos.

É o mais independente, também.

Não importa o tempo, a ausência, os adiantamentos, as distâncias, as impossibilidades.

Quando há afinidade, qualquer reencontro retoma a relação, o diálogo, a conversa, o afeto, no exato ponto em que foi interrompido.

Ter afinidade é muito raro, mas quando existe não precisa de códigos verbais para se manifestar.

Existe antes do conhecimento, irradia durante e permanece depois que as pessoas deixaram de estar juntas.

Afinidade é ficar longe, pensando parecido, pensando nos mesmos fatos que impressionam, comovem ou imobilizam.

É receber o que vem do outro, com aceitação anterior ao entendimento.

Afinidade é sentir “com”, não é sentir contra, nem sentir para, nem sentir por, nem sentir pelo...

Sentir “com” não é ter necessidade de explicar o que está sentindo, é olhar e perceber.

É mais calar do que falar, jamais explicar, apenas afirmar.

Afinidade é ter perdas semelhantes e iguais esperanças... é conversar no silêncio, tanto das possibilidades exercidas quanto nas impossibilidades vividas.

Afinidade é retomar a relação no ponto que parou, sem lamentar o tempo da separação porque tempo e separação nunca existiram, foram apenas oportunidades dadas ou tiradas pela vida.

Data : 03/08/2018

Título : AMAR E PERDOAR

Categoria: Crônicas

Quando não há compaixão ou mesmo um gesto de ajuda, o que pensar da vida e daqueles que sabemos que amamos?

Quem pensa por si mesmo é livre e, ser livre, é uma coisa muito séria, diz Renato Russo em ‘L’aventura’.

Muito profunda esta afirmação do Renato, que nos deixou precocemente e, sem a menor dúvida, suas letras e músicas teriam penetrado na terra fértil de muitos corações jovens que o admiravam, produzindo muitos frutos bons e de agradável sabor.

Não são precisas muitas palavras para transpor barreiras: por vezes uma basta: o amor. E ele deixou subsídios através de suas músicas: “Amar não é coisa fácil. O amor verdadeiro se traduz em atos e ações”.

Bonitas palavras, declarações amorosas, mimos artisticamente embalados, são gestos que fazem bem, são talvez a antessala do amor.

Amar mesmo é você ser capaz de tirar parte do que é seu e dá-lo a quem lhe estende a mão, dar parte do seu àquele que o olhar com olhar suplicante; ajudar aquele ancião que

não tem o suficiente para comprar o medicamento; ajudar, com seu agasalho, aquele mendigo que tiritava de frio ao relento.

O amor ao próximo deve ser sincero e universal. Em Mateus, Jesus nos diz: “Amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem ou vos maltratam.” E ainda: “Se perdoardes aos homens suas ofensas, o Pai celeste também vos perdoará.”

Renato Russo, referia que: “Triste coisa é querer bem a quem não sabe perdoar.” Talvez ele não devesse ter dito que amar a um desafeto é coisa triste, porque o amor transpõe barreiras e nada impede que toque um coração endurecido.

Eu penso que amar a quem não sabe perdoar é um gesto de generosidade, superação, fortaleza, amadurecimento, até heroísmo.

Ao que não sabe perdoar resta muito a aprender. Precisa dominar o orgulho, exercitar a humildade, refletir e, quiçá, pedir ajuda.

Os caminhos da vida já não são fáceis de serem trilhados. Com o fardo do não perdão, do desamor, do rancor, do ódio, a pessoa se torna amarga e infeliz.

Nem todas as pessoas tem grandeza de espírito e generosidade de coração.

É de se perguntar: seria capaz de perdoar sem guardar mágoa?

Não é fácil livrar-se do ressentimento e do rancor.

O apóstolo Paulo diz em sua carta aos Romanos, “Abençoai os que vos perseguem, não pagueis o mal com o mal, não vos vingueis...”

A ira cabe a Deus, que fará justiça.

Data : 03/08/2018

Título : ANTIGUIDADES

Categoria: Crônicas

Gosto, no pouco que viajo, sempre que possível, visitar antiquários. Admiro as pessoas que preservam objetos do passado, não por apego mas para recordar tempos que lá se vão, por amor à arte.

Imaginem que aquela geringonça de fazer queijo ou aquela outra, de espremer o torresmo para extrair a banha, se fossem colocadas frente a frente e se falassem, lógico, quantas boas passagens não teriam para contar e quantas gargalhadas dariam.

Encanto-me com as louças de porcelana antigas; são de uma elegância a toda prova. E aqueles talheres sofisticadíssimos.

Tenho comigo alguma coisa antiga, como o ferro de passar à brasa, um velho lampião à querosene, um bule esmaltado branco com pintura já descascada, no qual coloquei um arranjo de flores. Deve ter servido milhares de xícaras de café, passando de mão em mão, numa mesa austera e muito grande, sobre a qual, estendida uma toalha xadrez, eram colocados pães caseiros, pratos de polenta, queijo, salame e doces caseiros.

Quando o bule, cansado de sua função, furou, foi jogado fora, assim como tudo o que não servia mais, assim como a máquina manual de plantar milho e feijão, assim como a velha e manchada máquina de sulfatar parreiras, assim como a de espremer o torresmo, a de fazer queijo.

Mas o que mais gosto das minhas velharias, além da lousa onde aprendi a escrever e fazer contas, nos idos de mil novecentos e quarenta e cinco, são dois pedaços de madeira que numa visita recente à casinha onde nasci, há muitas décadas passadas, meu irmão arrancou da parede, colocou num saco velho que havia por ali e deu-me para trazer como recordação.

Passei-as numa solução de prevenção a cupins, envernizei-as e apliquei nelas uns ramos de orquídeas. Lá estão a enfeitar a parede da sacada e a lembrar de meus avançados anos.

São um pedaço de mim.

Data : 03/08/2018

Título : AONDE EU VOLTARIA

Categoria: Crônicas

Dizem que sempre se volta ao lugar onde foi feliz.

Para falar a verdade, feliz, feliz, fui mesmo na infância, até meus treze anos incompletos, quando vivia junto com meus pais e irmãos.

A gente levava a vida na maior simplicidade e alegria, sob o cuidado e ordens dos pais.

Fazia-se o que mandavam, obedecia-se sempre, não se respondia, não se reclamava.

Éramos, nós irmãos, muito unidos e muito amigos.

Íamos ao colégio numa longa caminhada de mais de quatro quilômetros, outros tantos para a volta.

Não se faltava às aulas a não ser por doença, o que raramente acontecia.

Enfrentávamos chuva, barro, frio e achávamos normal.

Não tínhamos maiores ambições e não reclamávamos do trabalho que tínhamos por fazer.

Brincávamos à noite, ao luar; aos sábados de tarde, após o serviço feito e aos domingos de tarde, ao regressarmos da catequese.

Conhecíamos tudo nas extensas terras da família.

Sabíamos o nome de todas as árvores que davam frutos silvestres, como as gaviroveiras, pitangueiras, cerejeiras, ovalheiras, ariticunzeiros. Sabíamos do pinheiro que dava pinhão mais graúdo, das melancias que cresciam na roça, da figueira da índia que se carregava de viçosos figos e sofríamos demais para descascá-los a fim de lhes degustar o incomparável sabor.

Nossa moradia era mágica. Sua paisagem surpreendentemente linda. Havia extensa mata ao lado de onde soprava o ar puro e fresco.

O luar era apaixonante para nós, já que naqueles longínquos tempos, a energia elétrica não alcançava as zonas rurais. Adorávamos brincar quando se fazia lua cheia.

Para este lugar de magia, de alimentos saudáveis e sem agrotóxicos, onde tudo era muito natural, eu voltaria.

No entanto, o verbo se encontra no pretérito, ou seja, voltaria; e não no presente, eu volto. Assim, não vou voltar a este lugar que me fez tão feliz, porque a vida foi passando, os anos acumulando década sobre década e o caminho da ida só se faz para a frente, sem retorno.

Hoje sou uma pessoa adulta, vivida, madura e feliz quanto uma pessoa nestas condições consegue ser feliz, sabendo que a felicidade tem altos e baixos, que há momentos de muita estabilidade e outros que nos desestabilizam e quase nos rompem os alicerces.

É bom sempre olharmos para os lados e sentirmo-nos privilegiados se comparados com tantos desafortunados da sorte e da vida.

A vida acontece no aqui e agora, e é aqui que quero estar.

Data : 03/08/2018

Título : AQUELA MULHER

Categoria: Crônicas

Como defini-la?

Mulher forte, saudável, guerreira, larga visão, prendada, trabalhadora, corajosa, criativa e, por que não, escrava.

Aquela mulher era tudo isso e muito mais. Para ela não havia empecilhos, levantava muito cedo. Jamais era vista sem ocupação. Nas horas dedicadas ao descanso do meio-dia, ou antes de recolher-se à noite, puxava para perto de si o balaio de roupas e fazia-lhes os reparos necessários: punha botões, fazia barras, pregava remendos...

Era mil e uma utilidades, cuidando dos filhos, da casa, das roupas, da horta, das vacas, das galinhas, da comida, fazendo queijo, muitos pães, abastecendo a despensa com latas de chimias, melados, bolachas caseiras. Fazia trança com palha de trigo e com ela costurava chapéus para todos os da casa e cestas ('sporte') usadas para colocar o material escolar ou os ovos e queijos que se vendiam no mercado.

Embora cansada das lides diárias, era a última a deitar-se à noite, não sem antes passar de cama em cama para certificar-se de que todos estivessem bem.

Lógico que desde muito cedo acostumou os filhos ao trabalho. Foi muito severa na educação dos filhos, não os poupando de boas palmadas quando necessário.

Fez-se amada e respeitada. Preocupava-se muito com tudo e todos.

Passou por muitas necessidades materiais, mas nunca deixou faltar o essencial aos seus.

Era um misto de felicidade e amargura ao mesmo tempo, o que lhe dava o necessário equilíbrio.

Gozou sempre de boa saúde, excetuando-se os problemas de coluna ocasionados pelas enormes cargas de pasto ou pesados cestos que carregava sobre os ombros.

Suas mãos eram calejadas e seus dedos grossos e retorcidos, dado o contínuo trabalho pesado a que era obrigada fazer, além de costurar, remendar, pregar elásticos e botões, coser bolsos no sentido ver- dadeiro e simbólico; e encaminhar cada um dos dez filhos para a vida, fazendo-os sabedores que a vida é trabalho, esforço e dedicação.

Era exímia cozinheira. Suas comidas simples continham um tempero especial: o amor. Tudo o que fazia era muito bom.

Incomparável o pão por ela amassado, o qual, colocado sobre a palha de milho, ia para o forno de barro. Ela o trançava, enrolava, inventava formatos, não esquecendo nunca as pombinhas ou bonequinhos que fazia para as crianças, colocando neles grãos de feijão a imitar os olhinhos.

Era de pouca fala, mas o exemplo valia por muitos conselhos e sermões.

Tenho certeza que envelheceu e morreu com a consciência tranquila do dever cumprido.

Aquela sábia analfabeta, doutora no saber e ensinar, era minha mãe.

Deus a tenha em sua glória.

Data : 30/04/2009

Título : Aquela nascente

Categoria: Crônicas

“Se vocês ficarem com sede, vão tomar água da nascente no canto do potreiro.”, disse-nos papai certa vez, quando limpávamos uma roça de milho. Éramos pequenos, o trabalho não rendia muito e o sol de dezembro estava causticante.

Papai deixou-nos a sós, pois tinha outros compromissos. A sede bateu e nós, passando por entre os fios de arame farpado de uma cerca que separava a plantação do potreiro, fomos à fonte.

A água era limpa e vinha borbulhante. Em torno dela papai fizera uma mureta para que se formasse uma fonte e o gado pudesse beber. Brincamos muito dentro desta pequena reserva de água.

Passados uns cinqüenta anos, neste final de semana, prolongado pelo feriado da segunda-feira, voltei ao local. Por doação, boa área de terra na qual está a nascente pertence a um dos meus irmãos.

Rente à mata, se ergueu-se uma bonita e confortável casa, em estilo rústico, caprichosamente cercada com brancas ripas de madeira. Ao lado da casa, uma horta, orgulho da amiga-comadre Dete, fornece toda espécie de fresca e bem cuidadas verduras à família.

Muitas árvores frutíferas, destacando-se as frondosas nogueiras, castanheiras e laranjeiras cobrem boa parte da área.

Hoje, o rebanho de ovelhas do Seu Ivo, irmão querido, é uma das atrações principais deste sítio, que sempre recebe com carinho e aconchego os amigos, os netos, a família.

A borbulhante nascente de águas cristalinas tomou corpo, expandiu-se e é hoje um açude que abriga boa quantidade de peixes.

Munidos de anzóis e iscas, passamos horas da tarde à beira da água. Fisgamos bom número de carpas, aliás, eu não, os outros.

Quando crianças, papai nos ensinou pescar e era uma alegria enorme quando, ao puxarmos o anzol vinha com ele um peixinho. Desta vez, tentativa frustrada a minha; alegria para minhas filhas que vibraram ao tirar o peixe da água (talvez o primeiro peixe, de um raro momento em suas vidas tão urbanizadas...).

Ao andar por entre as árvores, reconheci aquelas as quais já havia “escalado”, das quais derrubei frutas silvestres ou recolhi musgos para os enfeites de Natal.

Respirei em profundidade aquele ar puro da mata onde sabiás entoam sem cessar as mais extasiantes melodias e muitos pássaros saltam de galho em galho comendo pequenos frutos ou insetos que povoam a mata.

Voltando à infância recarrego minhas energias e aprendo a valorizar ainda mais a vida que mora em mim.

Data : 03/08/2018

Título : AS LIDUÍNAS DA VIDA

Categoria: Crônicas

A Liduína a que se refere J.J. Camargo em seu artigo semanal na Zero Hora, intitulado “A parte de cada um”, estava ela no seu lugar, na hora certa, embora seu expediente já houvesse acabado naquele dia. Certa ela. Sabia da importância do seu trabalho e orgulhava-se de fazê-lo com o devido cuidado que um bloco cirúrgico merece.

Ela fazia tudo com amor. Este é o mais importante, o indispensável material de limpeza, o que elimina qualquer tipo de sujeira e em qualquer lugar que esteja.

E se todos os dias, Liduína estava lá para a limpeza e desinfecção após cada cirurgia, por que não estaria hoje em que é realizado o primeiro transplante de pulmão da América Latina?

Ela possuía a verdadeira humildade, reconhecia o quanto seu trabalho era importante e os médicos confiavam nela.

E ela estava lá e assistiu!

Todo trabalho, por humilde que seja, quando feito com amor, é tão ou mais importante do que o feito por qualquer graduado, que embora experiente e bem sucedido o faça vangloriando-se de suas capacidades e de sua graduação.

Felizmente encontramos muitas Liduínas em nossos caminhos, as quais atendem pelo nome de Lúcia, Maria, Flora, Joana... pessoas amadas, simples, generosas, despojadas, responsáveis, que por simples seja o seu trabalho o fazem com amor.

Outra lição que a Liduína nos dá é que devemos elogiar e valorizar quando as pessoas fazem seu trabalho bem feito.

É hábito tecer elogios nos atos fúnebres de quem falece.

Por que não elogiá-lo em vida, reconhecendo o bem por ele praticado? O elogio verdadeiro dado a alguém serve de estímulo e encorajamento e faz bem a quem dá e quem ouve.

Vivam e multipliquem-se as Liduínas da vida, porque não importa qual seja a tarefa dessas pessoas, importa que existem e estão por perto sempre que se precisa delas.

Data : 03/08/2018

Título : AULA DOS SONHOS

Categoria: Crônicas

Aula dos sonhos? Que aula? Seus participantes também sonham? Do que ela precisa?

Ah, sei! Precisa de uma sala mais espaçosa, paredes coloridas, cadeiras confortáveis, ar condicionado...

Besteira! Nada disto é essencial.

Se a sala for muito espaçosa, haverá maior distanciamento entre uma mesa e outra e o calor humano não aquecerá tanto.

Se as paredes forem em tons fortes, poderão causar danos à visão e ser causa de stress.

Se as cadeiras forem muito confortáveis, podem favorecer um cochilo e em alguns casos até começo de ronco, próprio da idade. Já pensou no vexame que isto causaria?

Ar condicionado? Não, não. A troca brusca de temperatura pode ser causadora de algum resfriado, o que não é bom para nenhum dos participantes.

As paredes de nossa sala tem alma e só nós o sabemos e só nós temos ouvidos sensíveis e aguçados para ouvi-las.

Os relatos alegres ou tristes, os desabafos, as lições de vida de que estão impregnadas... Aqui nos sentimos como no interior de um templo.

Lógico que a sala de aula que, semanalmente, ocupamos podia ser mais sofisticada, mas sua simplicidade não nos incomoda. Seus ocupantes, na melhor idade, achegam-se com seus enormes fardos de sabedoria, vivência, lições de vida colhidas ao longo dos caminhos percorridos. Aqui chegam, descansam seus volumes, abrem-nos e mostram aos demais os frutos colhidos, as lições apreendidas e propõem trocas.

Acho fantástica a troca de conhecimentos, de ideias.

O grupo é unido, bonito e quanto mais nos conhecemos maior, é a união, a tolerância e a compreensão entre seus membros.

Já que temos não sabemos quantos anos vindos antes de nós, é preciso que nos aprofundemos em conhecimentos que contribuam para nosso crescimento espiritual.

Amo, quando, em conjunto, analisamos textos.

Fico deslumbrada ante a riqueza de ideias que surgem e que muito nos enriquecem e, se nos enriquecemos, também damos de nós aos outros.

Não é porque estamos avançados em idade que não precisamos crescer. Sempre há tempo para armazenarmos novos conhecimentos e vivermos em plenitude os dias que Deus generosamente nos concede.

A aula da Oficina Literária muito nos ajuda na realização de nossos sonhos.

Data : 30/04/2009

Título : Avós

Categoria: Crônicas

Pela lógica, devia ter tido quatro: dois avós maternos e dois avós paternos.

Os maternos não conheci. A avó materna faleceu ao dar a luz o décimo filho o qual foi junto dela à sepultura. Ficaram, além do esposo, nove filhos dispersos quais pintinhos a quem retiraram a galinha mãe. Minha mãe, com poucos anos, conta que ao entardecer aquelas pobres crianças iam a porta, chamavam pela mãe que não vinha e choravam muito. Não muito tempo após, o pai desposou a irmã da falecida esposa, a qual, além de tia foi boa mãe para aqueles nove órfãos.

Passados poucos anos e com mais três filhos da nova união, falece o pai. As crianças já agora mais crescidas, sofreram muito sob a tutela do irmão mais velho que lhes foi muito rígido e exigente.

Dos avós paternos, cheguei a conhecer o avô Sílvio. A avó também faleceu ao dar a luz o décimo segundo filho, o qual levou consigo. Pelas fotos, devia ter sido uma pessoa de fino trato, prendada e mãe dedicada, o que se denotou nas filhas quando crescidas.

O vô Sílvio ficou por algum tempo com seus onze filhos, alguns já moços, mas todos solteiros, quando, em segundas núpcias, uniu-se a uma viúva que também tinha onze filhos.

Desta convivência com mais onze quase irmãos, meu pai e tios guardaram lembranças agradáveis.

Meu avô e sua nova consorte foram morar sós, aliás, não tão sós, porque o vô Sílvio levou consigo o velho pai, meu bisavô, do qual guardo algumas recordações.

Muito velhinho, alquebrado, apoiado em sua bengala, ia todas as tardes até um “boteco” jogar cartas com amigos. Alguns dos bisnetos deviam acompanhá-lo até o local.

Vovô Sílvio, atraía o respeito e a obediência dos filhos, por sua austeridade. Bastava um olhar para ser entendido. Era de poucas palavras. Gostava muito de cuidar das parreiras, mas seu passatempo preferido era a música. Era músico, compositor e regente da banda Santa Cecília de Marau, que ainda existe e na qual participaram também dois tios, um hoje falecido e outro, membro atuante embora já com seus quase 90 anos.

Talvez pela forma rígida como fora criado, o vô Sílvio não dava muita atenção aos netos. Nós tínhamos medo dele, não nos aproximávamos a não ser quando solicitados a prestar-lhe algum serviço.

Era do Vêneto, Itália, tendo vindo para cá ainda criança. Viveu entre os seus por cerca de 80 anos.

Passou longos anos enfermo. Era diabético, época em que a doença era pouco conhecida.

Sua lembrança vive até hoje...

Data : 03/08/2018

Título : BEM-ME-QUER, MAL-ME-QUER

Categoria: Crônicas

Quem quando criança ou mesmo adulto não desfolhou, uma vez ao menos, as pétalas da branca margarida ou da calêndula amarelinha, naquele doce bem me quer, mal me quer, até ficar só com a haste e o miolinho desnudo nas mãos?

Nós colhíamos punhados de flores e, sentados em alguma sombra, fazíamos apostas para ver o que daria ao arrancar a última pétala.

A inocente criança que trazemos em nós, emerge, por vezes, do nosso ser embora adulto e sisudo.

Ainda hoje sinto vontade de fazer isto, só mudaria a cantilena. Diria talvez, vou, não vou..., quero, não quero..., faço, não faço..., sei, não sei..., digo, não digo....gosto, não gosto... .

E alguém haveria de se importar com o que gosto ou desgosto, mesmo que ande só ao redor da praça, passos lentos parando a cada pouco e falando sozinha: gosto, não gosto..., gosto, não gosto. , dando uma risadinha ao tirar a última pétala e tomando outra flor da sacola que carrego aos ombros?

Coitada, está caducando, poderia pensar ou dizer alguém. Mas sem fazer teatrinho extra, vou ficar no gosto, não gosto...

Gosto de muita coisa, por exemplo, da brisa fresca da manhã. No entanto, odeio o calor ardente que faz suar por todos os poros, causando mal estar.

Gosto da revoada dos pássaros ao amanhecer e entardecer do dia, mas andar pelas ruelas da praça repletas de excrementos e sujeita e ser atingida por uma descarga fétida, não, gosto não!

Adoro as alegres reuniões de jovens, adultos, famílias, vizinhos... que ao entardecer tomam chimarrão nos bancos da praça, conversam, riem, andam de skate e se recolhem ao anoitecer. No entanto, muitos jovens, vindos sei lá de que canto ou bairro da cidade, desconhecem limites de direitos e deveres e passam a madrugada inteira até raiar o dia e brilhar o sol, em altas conversas, gritos, bebedeiras e sei lá o que mais, sem se importar que nos arredores residem centenas de famílias, muitas crianças e idosos, pessoas com direito a uma noite tranquila de sono e descanso, para, no dia seguinte, retornar ao trabalho com o ânimo renovado.

Acho isto um problema de difícil solução e não gosto mesmo.

Considero um desrespeito.

Gosto e é extremamente necessária a comunicação entre as pessoas, mas, cá entre nós: se andarmos pelas ruas, observando e prestando um pouco de atenção, veremos grande número delas caminha, entra em lojas, bancos, repartições públicas, falando ao celular, passando ou recebendo ordens, conversando com amigos, mas poucos param para conversar com pessoas.

Você anda e percebe alguém atrás de si que conversa, ri, discute. Reduz o passo para este alguém passar e ele fala sozinho. Parecem robôs apenas com um andar mais humanizado.

O ato de andar, mesmo a serviço, era um descanso; hoje é um stress duplicado.

Andar pela rua está sendo um problema. Ninguém o vê, você não vê o outro. Não há mais espaço para um cumprimento, um abraço, um oi, um sorriso.

Se o pequeno aparelho celular representa um avanço tecnológico, não deixa de escravizar o ser humano.

Seu uso virou vício, mania, faz tudo.

E eu que gosto e desgosto, quero e não quero, faço e não faço, digo ou não digo, continuo desfolhando a bela margarida, dia após dia, porque a brisa soprará em todas as manhãs, o sol seguirá transmitindo luz e calor, os pássaros partirão diariamente em suas alegres revoadas e os jovens, ah... os jovens, queira Deus tenham a cada dia mais alegrias e motivos para viver.

Data : 30/04/2009

Título : Bolo da amizade

Categoria: Crônicas

Gostaria de repassar aos colegas uma receita simples cujos ingredientes são de fácil digestão, indicados para cardíacos, hipertensos, diabéticos, alérgicos, obesos, safenados, depressivos.

Tome um recipiente bastante espaçoso, pois as medidas serão generosas. Passe um pano limpo a fim de tirar dele todo pó que possa interferir na união dos elementos ou macular sua pureza. Obs: Use o dosador na capacidade máxima!

- Coloque várias medidas de dedicação e paciência da Pia Helena;
- uma medida bem cheia da sensibilidade e franqueza do seu Darcy;
- um dosador socado do otimismo e gosto pela vida da Márcia;
- um copo grande de bondade da Maria Bicca;
- duas medidas de simplicidade e força de vontade da Rosa;
- diversos canecos de alegria e disposição da Wanda;
- alguns punhados de tranqüilidade estampada no rosto da Ivanilza;
- A tudo isto misture o conhecimento da Edy, bem como seu desejo de repassá-lo aos outros.

- Eu coloco minhas inquietações, inseguranças e aspirações...
- Com generosidade coloque a ternura e paz que nos transmite a dona Palmira;
- Use uma boa medida de serenidade da Áurea;
- Não economize na criatividade e prazer em divertir da Maria de Lurdes;
- Ponha várias medidas da meiguice da Terezinha;
- Vá colocando muita humildade que guarda a Conceição;
- Derrame, sem medir, da segurança da Eny.
- Seja generoso na medida de liderança da Laide e use boa medida de ponderação da Maura;
- coloque vários pacotes do bom humor e felicidade da Herbeni;
- com as duas mãos em concha vá colocando da delicadeza que nos oferece a Ofélia e não economize as capacidades e bom gosto da Neuza;
- esbanje da atenção e disposição em servir do Benhur e não esqueça de por várias medidas da capacidade de ouvir e conviver com (outras) pessoas por vezes um pouco chatas como nós, de que é possuidora a Carine.

O fermento da amizade que nos une deve ser colocado em quantidade suficiente para levedar toda a massa e dar-lhe bom crescimento. Com muito calma vamos misturando todos os ingredientes até formar uma massa uniforme onde sabores e aromas sejam igualmente distribuídos. Para que cresça por igual, o forno deve ser aquecido com o amor, a generosidade, a capacidade de conviver e de nos aceitarmos como somos.

Quando pudermos enfiar um palito e este sair limpo, ou seja, quando formos capazes de nos dar uma sugestão um conselho ou até fazer-nos uma correção, o bolo da amizade estará pronto para ser degustado por todos.

Deve ter notado que nenhum dos ingredientes tem sabor picante ou sabor específico.

Somos todos iguais, todos temos dotes e capacidades. Importa nos valorizarmos e crescermos juntos.

“Ninguém chega a se tornar humano se está sozinho. Nós nos fazemos uns aos outros”
- Fernando Salvater.

Data : 03/08/2018

Título : BRAÇOS QUE ACOLHEM

Categoria: Crônicas

Em Pirangi, município de Parnamirim, no Rio Grande do Norte, existe um cajueiro que já foi registrado no Guinness Book, o livro dos records, por ser o maior do mundo.

A árvore cobre uma área de aproximadamente 8.500m². Foi plantada em 1888 por um pescador. Seus galhos, ao invés de crescerem para o alto, se expandem para os lados. Com o tempo, por causa do peso, baixaram-se até o solo, onde começaram a criar raízes e passaram a crescer novamente como se fossem uma nova árvore.

Este cajueiro produz, na safra, de 70 a 80 mil cajus, o equivalente a 2,5 toneladas, frutos estes colhidos pelos turistas que o visitam. Suas raízes alcançam dois metros de profundidade e o tronco principal, que cresceu para o alto, atinge de 20 a 25 metros de altura.

Trouxe este fato porque vi nele muita semelhança com o Clube Juvenil.

Criado há cem anos, não cresceu para cima, onde seria apenas visto e admirado, mas estendeu seus longos braços para os lados, alcançando, abraçando e atraindo para sua benfazeja sombra, milhares de associados (hoje, aproximadamente 14.000) que aqui vem para usufruir de seus inúmeros benefícios de cunho social, esportivo e cultural.

O Clube Recreativo Juvenil produz, igual ao cajueiro de Pirangi, muitos e agradáveis frutos que por tantas pessoas são colhidos e a tantos satisfazem.

Desde o mês de setembro de 2013, mais precisamente no dia 11, o Clube Recreativo Juvenil incorporou diversas novas atividades, voltadas ao público da terceira idade.

Presentes membros das diretorias, do Clube Recreativo Juvenil Terceira Idade (CREJUTI) e o Departamento Cultural (DC), fomos solenemente recepcionados, nós, provenientes das Oficinas Literária e Dialogando Emoções, e dos Grupos de Dança Chinesa e Bem-Viver, vindos de outra instituição.

Aqui, onde tão carinhosamente fomos acolhidos, queremos viver, até com maior intensidade, a união, a amizade, a troca de ideias e experiências, o dar e receber que nos torna cada vez mais jovens. Em nosso convívio, revivemos, remoçamos, despertamos dotes adormecidos ou nunca descobertos em nós, recarregamos energias, rimos e choramos e aprendemos muito da verdadeira sabedoria, própria das pessoas de idade mais avançada.

Vocês, do Clube Juvenil, não tem a exata noção do quanto a nobreza deste gesto de acolhida representa e nos cativa.

Sentimo-nos valorizados, importantes e, acima de tudo, imensamente agradecidos.

Queremos colaborar na produção de frutos deste imenso cajueiro humano e impregnarmo-nos de seu espírito altruísta.

Data : 30/04/2009

Título : Brincar de infância

Categoria: Crônicas

“Vem e deixa que eu abandone a minha mão na tua para que possamos brincar de infância. Vem e entrega a tua mão na minha outra para que possamos fazer currupios.”

Assim começa o texto Redescobrimo Cantigas, de Eunice Jacques.

Retrato-me nele e volto aos belos tempos da infância.

Pés descalços, cabelos em desalinho, rosto lambuzado de frutas silvestres, inconseqüentes, despreocupados, chegávamos ao limite em nossas brincadeiras: tirar aquela fruta no galho mais alto da árvore, alcançar aquela forquilha da árvore onde um passarinho fizera seu ninho para ver quantos ovinhos havia nele; provocar aquelas vespas que construía seu cortiço na cumeeira da casa; imitar o Tarzan de- pendurando-se naquele cipoal que descia da árvore no meio do mato; correr a cavalo pelos campos; pescar à noite junto do pai; andar em pernas de pau; jogar bolas de gude e muitas outras brincadeiras que nós mesmo criávamos... Como era gostoso, como fazia bem. Não se pensava em coisas menos boas.

Se você contar a seus netos que fazia tudo isto, vão duvidar de você. Hoje, ainda bebês vão para as creches, escolinhas, pré-escolas, onde são muito bem cuidados para que não se sujem ou se machuquem. Em casa, pregam-se ao sofá e quedam imóveis diante da tevê. Ficam tão absortos que esquecem de tudo e ali mesmo fazem suas refeições. Seus brinquedos são eletrônicos. Jamais colocaram seus pés em contato com a terra; jamais subiram em uma árvore; nunca comeram aquelas deliciosas frutinhas colhidas diretamente do pomar ou da árvore no meio do mato; tomam o leite embalado em caixas, quando nós o tomávamos recém tirado da vaquinha, quentinho e espumante; jamais acariciaram um terneirinho apenas nascido, muito menos entrariam em um galinheiro, pegariam as galinhas de seus ninhos para ver se já botaram ovos ou tirariam uma galinha choca de sobre os ovos para ver os pintinhos na hora de quebrar a casca e colocar as cabecinhas macias para fora do ovo que os abrigou. Nós fomos do tempo da peteca que fazíamos com a palha de milho. Se cismássemos colocar nela as penas do galo que ciscava no pátio, corríamos atrás dele até pegar e conseguir as desejadas penas. Que emoção descobrir escondido por trás de um arbusto ou por entre o capim, uma ninhada de ovos! Éramos muito criativos. Nossa imaginação fervia!

Minhas filhas curtiram um pouco deste contato com a natureza quando de nossa idas anuais à casa dos avós, onde permanecíamos alguns dias, mas já não era a mesma coisa de quando éramos crianças. Aquela liberdade, o contato constante com a natureza, os pés sempre junto à terra, os alimentos simples mas sadios, sem nenhum agrotóxico, muita fruta e verdura colhidas da horta, carne de aves criadas sem ração... tudo colaborou para que tivéssemos uma infância saudável, sem doenças, com muita disposição para o trabalho, o estudo e as brincadeiras. E aí, nos intervalos da aula, na folga após o almoço, nos fins de semana, às noites de lugar, nós brincávamos muito. Conhecíamos como você conheceu e talvez brincou, todas as cantigas de roda que hoje não são mais cantadas; brincávamos de estátua e fazíamos as mais estranhas expressões para sermos os escolhidos.

Como recordar é viver, eu recordo e vibro em meu íntimo, por tão bons tempos vividos na simplicidade sim, mas muito gostosos e acima de tudo muito felizes.

Outubro de 2004

Texto apresentado no

III Sarau Artístico Literário do CREATI

Data : 03/08/2018

Título : CAMINHANTE, NÃO HÁ CAMINHO...

Categoria: Crônicas

Nesta vida, todos somos caminheiros. Cada qual tem seu caminho a percorrer, suas marcas a deixar que confirmam sua passagem por aquele caminho.

“Nunca ande pelo caminho traçado, pois ele conduz somente até onde outros foram”, disse sabiamente Alexander Gramh Bell.

Antonio Machado, citado por Rubem Alves no livro Desatando Nós, ferido pela dor do caminho, assim se expressa: “Caminhante, não há caminho; se faz caminho ao andar.”

Nem sempre o caminho escolhido é o certo, o que conduz a um bom termo. Nem sempre fazemos boa escolha. Caminhos largos e ensolarados podem nos trair.

“Não há estrada real para a felicidade, mas sim caminhos diferentes.

Há quem seja feliz sem coisa nenhuma, enquanto outros são infelizes possuindo tudo”, diz Luigi Pirandello.

Caminhos estreitos, pedregosos, íngremes é o que mais há e parecem ser os que mais se aproximam da realidade da vida.

O grande Kahlil Gibran assim se expressa: “Quando o amor vos fizer sinal, segui-o, ainda que os seus caminhos sejam duros e escarpados.

E quando as suas asas vos envolverem, entregai-vos, ainda que a espada escondida sob sua plumagem vos possa ferir.”

Um texto judaico, assim reza: “Covarde é aquele que não abre novos caminhos na vida, nem emprega suas forças para enfrentar os obstáculos.”

Por vezes seguimos caminhos largos e fáceis e nos alegamos por havê-los encontrado. No entanto, Paulo Coelho adverte: “Uma coisa é achar que está no caminho certo, outra coisa é achar que seu caminho é único. Quando uma pessoa encontra seu caminho precisa ter coragem suficiente para dar passos errados. As decepções, as derrotas, o desânimo são ferramentas que Deus utiliza para nos mostrar a estrada.”

O importante é seguirmos sempre, sem parar, sem olhar para trás e sem invejar o caminho dos outros, pois é tempo de travessia e se não ousarmos fazê-las ficaremos sempre às margens de nós mesmos.

“Os nossos caminhos são inumeráveis, mas incertas são as nossas estadias.” – Saint John Perse.

Caminheemos, pois, com os olhos fitos na luz que ilumina nossos passos.

“Sou uma pessoa feliz.

Amo muito a vida

E dela sou aprendiz;

Tenho várias paixões,

Mas, como qualquer um

Possuo imperfeições.

Se os caminhos desta vida

Ainda não sei de cor,

Pelo menos busco,

A cada dia,

Tornar-me alguém melhor

(Dennys Távora)

Data : 30/04/2009

Título : Caminho

Categoria: Crônicas

Nos sulcos das minhas mãos, ela leu o meu destino e eu sonhei. E persegui meus sonhos, busquei, lutei, tropecei nas pedras do caminho, feri os pés nos espinhos, provei o amargor das derrotas e colhi louros de vitória.

Prosegui meu caminho, fascinada pela grandeza dos oceanos, pela força dos elementos da natureza, pelo brilho do luar, pelas miríades das estrelas que povoam o universo infinito, pelas maravilhas da inteligência humana, deslumbrada ante a beleza de um por de sol. As incontáveis cores das matas, a perfeição e perfume das flores, o canto do sabiá, a abelha que suga o néctar, a gota de orvalho que torna a rosa ainda mais bela.

Enterneçada pelo sorriso da criança, o olhar triste do mendigo, a decrepitude do ancião.

Assim é o meu eu, tão forte e tão fraco ao mesmo tempo, complexo e difícil de definir, que tem rompantes de alegria e que desce aos porões da insatisfação.

Sou eu este ser desconhecido, que incessantemente busca crescer, realizar, alcançar, que sonha e crê e espera...

A cigana tomou minhas mãos e leu o meu destino, ou seja, tomou um livro, olhou-o e leu o título.

Que sabe ela do conteúdo, da essência deste livro?

Que sabe ela que olhou apenas para minhas mãos, da grandeza de meus sentimentos, das muitas qualidades que trago em meu íntimo?

Meu destino sou eu quem traço, assim como meu caminho sou eu quem percorro, guiada por mãos bondosas, sábias Daquele que me quer feliz...

Data : 30/04/2009

Título : Casinha branca sem porta e sem janela

Categoria: Crônicas

Quando crianças, nos emocionávamos ao encontrarmos uma ninhada de ovos. Contávamos quantos havia e corríamos levar a boa nova à mamãe. Se a galinha não estivesse sobre os ovos e se eram poucos, mamãe nos mandava recolher e deitar só um para que a galinha voltasse ao mesmo lugar para botar mais ovos.

Se, porém eram muitos, ou seja, uns doze ou mais, e a galinha estivesse sobre eles é porque dali saíam os pintinhos.

Ficávamos à espreita para ver quando os pintinhos viriam para fora da casca. O ovo se rompia, quebrava a casquinha e lá estava um pintinho fazendo força para abrir espaço e vir ao mundo.

Que gracinha, em geral eram amarelinhos, quase brancos e por vezes, pretinhos. Frágeis, uma bolinha de penugens. O biquinho rosado, olhinhos muito pequenos, piavam colocando a pequena cabeça para fora da casca do ovo e já eram acolhidos sob as asas da mãe-galinha que, pacientemente esperava que todos saíssem do seu ovo. Por vezes, algum ovo não chegava a abrir e o pintinho não nascia. Romper a casca do ovo é a maneira como todas as aves nascem. Aparentemente simples, romper uma casca e estar livre para a vida.

Só então a galinha saía com seus pintinhos, ciscando aqui e acolá, provendo alimento para os recém nascidos.

Embora não nasçamos da mesma maneira, a casca que nos impede de termos uma vida plena é, por vezes, muito grossa e difícil de ser rompida. São amarras de diversos tipos que nos prendem.

Amarras que nós mesmos fazemos em forma de medos, complexos, defeitos dos quais não nos esforçamos por eliminar, ignorância e comodismo que nos impedem de procurarmos ajuda, de nos desvencilharmos daquilo que nos aprisiona e não nos deixa agir e viver em plenitude a vida que gratuitamente recebemos.

Data : 30/04/2009

Título : Colabora amiga!

Categoria: Crônicas

Pensei... Pensei... Estava a fim de desistir. Ora, escrever sobre a memória. Sei lá o que é, como funciona, onde se localiza. Nunca li nada a respeito e nunca ouvi alguém cientificamente, referir-se a ela. Por vezes, ocorrem-me uns lapsos de memória e eu penso cá comigo: é a danada da memória me deixando na mão. Não raro estou falando e esqueço o assunto ou falta-me a palavra.

Não raro, vou de uma peça a outra da casa apanhar algo e chegando lá, fico feito pateta, pensando o que estou fazendo ali! Volto, olho para o que estou fazendo e aí lembro do que queria!

Numa noite dessas acordei com uma idéia boa para fazer meu texto. Escuro, frio, não tinha papel para anotações: amanhã ao levantar anoto a idéia e desenvolvo o texto, pensei. Ao levantar, não lembrei absolutamente nada do que havia pensado e não tinha sido sonho. Domingo, após o almoço, para aproveitar umas claras de ovo, resolvi fazer uns suspirinhos. Em casa gostamos muito.

Coloquei os ingredientes numa tigela e amassei bem. A massa ficou muito bonita. Preparei as formas e fui fazendo bolinhas do mesmo tamanho e dispondo-as de modo que ao crescer não grudassem umas nas outras. Tudo indicava que saíam muito lindas. Com cuidado levei-as ao forno pré-aquecido e fiz meu pensamento positivo.

Pouco depois dei uma espiadela. Para minha surpresa com o calor, ao invés de crescer, espalharam-se para os lados. Fiquei chateada e repensei os ingredientes: polvilho, açúcar, claras. Lembrei então do quarto ingrediente tão ou mais importante que os outros, o fermento; ingrediente que tantas vezes nos falta em nosso cotidiano, em nossas decisões e a massa de nossas ações ao invés de crescer e ajudar a alguém que está perto e nós a crescer também, amofina e seca.

Foi só uma brincadeirinha da memória que achou que uma colherinha de pó branco não iria fazer falta naquela imensidão de açúcar e polvilho tão branquinhos.

E dia desses na hora do almoço, minha filha reclamou do gosto adocicado da carne na panela. Mãe, a senhora deve ter se enganado ao salgar a carne: colocou açúcar ao invés de sal. Respondi-lhe que não usei o açúcar naquela manhã e não tinha explicação para o acontecido. Ao chegar a outra filha à tarde, reclamou do sabor da carne.

Eu não tinha como explicar o fato quando a mesma me perguntou que água eu havia usado. Coloquei a água da térmica na chaleira, respondi. Eu mesma colocara açúcar na água da térmica para o mate e aí estava a explicação. Quantos livros já li, que não lembro absolutamente nada de seus conteúdos.

Gostaria de saber qual a porçãozinha do cérebro é a responsável por este misterioso e magnânimo ato de reter as idéias ou noções adquiridas. Esta massa de substância nervosa é a sede das sensações, da inteligência, talentos, razão, vontade e a origem dos movimentos voluntários. Estará esta porçãozinha responsável pela memória sofrendo alguma alteração ou não estará recebendo o devido cuidado?

Tenho grande admiração por pessoas de idade avançada e senhoras de brilhante memória. Não brinca comigo minha amiga massa cinzenta!

A vida é bela e eu quero ficar bem velhinha e lúcida; e juntas contaremos histórias aos netos e bisnetos, leremos muito, faremos muitos bordados e muitas roupinhas de tricô...

Colabora, amiga!

Data : 03/08/2018

Título : COMO CHEGARAM NOSSOS ANTEPASSADOS

Categoria: Crônicas

Toda vez que passo pela região da serra gaúcha, sinto uma estranha nostalgia, como se algo de mim houvesse passado ou ficado por lá.

Acho aquilo tudo de uma beleza incomparável. As terras muito dobradas, vales e montanhas com suas matas virgens.

Nas encostas e poucas planícies, muitos e muitos parreirais, cultivados com esmero, com carinho, com o cuidado próprio de quem lhes conhece os segredos do cultivo.

É a região de imigração italiana, dos valorosos italianos, entre eles meus antepassados, gente forte, de pele bronzeada, mãos calejadas, portadores de grandes valores, sobretudo coragem.

Na maioria dos países europeus havia população excedente tanto no campo quanto nas cidades, destacando-se entre eles, a Itália, que passava por grande transformação devido à revolução industrial que favorecia os grandes proprietários em detrimento dos pequenos camponeses que perdiam suas glebas de terra e com suas numerosas famílias aglomeravam-se nas periferias das cidades.

Ameaçados pela fome e frio e incentivados pelo governo, a emigração para a América tornara-se bom negócio.

A propaganda falava em país da fartura. Os cartazes afixados nos portos de Gênova sugeriam que a comida caía do céu. Os folhetos prometiam transporte gratuito, hospedagem, instrumentos de trabalho, sementes, assistência médica, instrução para os filhos, crédito para a compra de um lote de terras e outras regalias mais.

No final do século XIX, mais precisamente em 1875, chegaram ao Rio Grande do Sul os primeiros grupos de imigrantes italianos. Até o final do século um milhão de italianos chegou ao Brasil, sendo que oitenta e quatro mil para o Rio Grande do Sul.

A viagem na 3ª classe de um navio superlotado, sem assistência médica, comida precária, dormindo no chão, durava um mês.

Desembarcavam no Rio de Janeiro onde se hospedavam na Casa de Imigrantes e após, em vapores, chegavam a Porto Alegre onde eram hospedados em barracões precários. Dali partiam em carroças, lombo de burros ou a pé, para os locais de destino.

Através de picadas abertas na mata virgem, chegavam ao destino ficando em barracões coletivos de onde saíam cedo da manhã para o lote que lhes fora destinado, onde improvisavam precária moradia. Voltavam ao anoitecer.

Diante das dificuldades e promessas não cumpridas (em 1879 o governo suspendeu toda despesa oficial destinada à imigração), muitos pensavam em desistir, mas nada mais possuíam nem tinham para onde ir, então ficavam.

Restava-lhes viver como podiam, assim nos contavam os antigos.

Contudo, não desistiram: trabalharam, desbravaram, sofreram e aos poucos, foram adquirindo novas terras e alcançando novas regiões.

Mais imigrantes chegaram provenientes quase que na totalidade do norte da Itália, região mais atingida pela crise econômica da época.

Esta procedência é comprovada sobretudo pelos nomes dados às localidades por eles fundadas: Nova Trento, Nova Veneza, Nova Pádua, Nova Bassano, Nova Roma, Nova Prata, dentre outras.

Certamente podemos dizer que nossos antepassados foram heróis.

Enfrentaram o mato com a cara e a coragem e desbravaram toda a região, superando dificuldades sem tamanho e sem número.

Isto serviu-lhe de combustível para tornarem-se fortes e destemidos, exemplo de trabalho, perseverança e prosperidade.

Trazemos deles, muitas destas qualidades e valores.

Data : 03/08/2018

Título : COMO DOU SENTIDO À MINHA VIDA?

Categoria: Crônicas

É muito fácil falar bem ou mal de alguém. Criticá-lo por seus erros ou defeitos.

Difícilmente em um grupo de pessoas nos detemos a falar de nós.

Em se tratando de relacionar nossas qualidades ou defeitos, nos perdemos. Infelizmente não nos conhecemos. Não é fácil penetrarmos em nosso interior, vasculhar os recônditos de nosso ser, os cantinhos onde se instalam nossos sentimentos, ver as boas tendências que ali se aninham, sabermos aplicá-las em nosso favor ou em benefício de outrem, descobrir as tendências menos boas, o que fazer para corrigi-las e sermos árvores de bons frutos.

Pelo fato de não nos conhecermos a fundo e não desenvolvermos as qualidades que não sabemos possuir, passamos a vida sem viver plenamente, sem nos darmos por inteiro em benefício próprio ou dos outros.

É célebre a máxima “Conhece-te a ti mesmo”, já usada por Sócrates e Platão no antigo Egito e na Grécia antiga.

Eliane Brum diria, em outras palavras: “[...] tem gente cuja vida acontece e, outras pessoas não existem, desacontecem.”

Nem a vida nem a morte delas acontece. Passam a vida em branco, sem dar nada de si a si mesmo nem aos outros. Simplesmente desacontecem.

Aprendemos a ser através da educação recebida de nossos pais, na infância, e aprofundada, ao longo dos anos através da formação, da vivência e do esforço pessoal.

Lembro de um rompimento em minha vida, o que muito me acometeu em momento que eu mais precisava para ser eu mesma.

Minha mãe chorando ao pé da escada de nossa casa, despachou minha infância, enquanto meu pai carregava, às costas, a mala da minha precoce vida adulta.

Perdi minha infância no caminho de casa até a entrada do colégio onde fixei residência. Eu era grande e forte, mas tinha treze anos incompletos.

Da primeira noite ali dormida e diga-se, mal dormida, acordei adulta, com uma carga de responsabilidades.

Onde ficou minha alegre infância? Como teria sido minha adolescência da qual nem ouvi falar?

Lembro sempre que assim que chegasse ao colégio uma nova candidata à vida religiosa, mandavam-na trabalhar comigo, pois eu era “responsável”. Sentia um secreto orgulho ao ouvir isto de mim.

Lógico que houve desacontecimentos importantes em minha vida. Pulei etapas como diversões próprias daquela idade, festas, namoricos... Aliás, sofri de um enamoramento casto, como diria Isabel Allende em seu livro “Paula”.

A formação severa recebida naquele educandário fez-me erguer a cabeça, avançar com postura e seriedade, por vezes recolhendo os cacós de algum desmoração e, no fim, achando que a vida era aquilo mesmo.

Hoje sou adepta do “nada como um dia após o outro”, sem levar a vida a ferro e fogo e sem martirizar-me com perguntas do tipo: Será que minha vida está de acordo com o fim a que fui criada? O que é que não acordei ainda dentro de mim? Sou um sinal para os outros? Como dou sentido à minha vida? Em que sentido?

Minha consciência não me recrimina. Estou muito de bem comigo mesma.
E vou dizer mais: a vida não deixa de ser um mistério e um milagre a cada dia.

Data : 30/04/2009

Título : Como vi e senti o Sarau

Categoria: Crônicas

Meu pai, agricultor simples e de poucas posses, trabalhador, honesto, pacato e bonachão, orgulhava-se de seus dez filhos terem estudado em escola particular. Para ele, o Grupo Escolar não era confiável!

Realmente, aprendia-se muito e valorizávamos os esforços de nosso bom e preocupado pai, de saudosa memória.

Todas as datas cívicas eram comemoradas, merecendo destaque especial a festa da Independência, mais conhecida como o “7 de Setembro”.

Quanto ensaio de marcha por aquelas ruas poeirentas, ao som de um ou dois tambores! Marchava-se cantando hinos pátrios e nenhum aluno, salvo grave motivo, furtava-se ao desfile. No altar da pátria, todos em posição de sentido, ficava-se horas a ouvir discursos e declamações. No entanto, um 7 de Setembro calou fundo em mim. Os pelotões eram formados em ordem decrescente de tamanho e à frente de cada pelotão ia o mascote. Era o ano de 1950 e eu, aluna da 5ª série. Fui escolhida mascote!

Meu Deus, quanta emoção! Saia azul pregueada, blusa branca com o emblema da escola bordado à mão, tope de cetim branco no cabelo, “carpim” branco com uma listra azul marinho e pasmem: sandália de duas tiras nos pés.

O que distinguia o mascote era aquela faixa verde-amarela em diagonal do ombro ao quadril. Eu, caipirinha que era, me sentia emocionada, enlevada, não cabia em mim de tanta felicidade. Parecia que todos me olhavam, que emoção!

Decorridos mais de 50 anos, eu me senti novamente aquela menina feliz com todos os olhares voltados para mim, no primeiro Sarau Literário do qual participei. Não senti o tempo passar, pois não sentia a mim mesma. Estava enlevada e para meu espanto, falei da melhor maneira que consegui e fui aplaudida generosamente. Podem ter aplaudido porque estavam emocionados pela apresentação dos números anteriores, pelo desfecho do Sarau, visto que minha apresentação foi a última, mas enfim, se por delicadeza do seletor público ou por merecimento, senti-me novamente importante com o reconhecimento do público!

Eu, qual menina da 5ª série dos anos cinquenta do século passado (...), senti-me o máximo. Como é bom massagear o ego.

Fazendo uma avaliação do Sarau Artístico que participei, ele realmente marcou e não será esquecido. Fora muito bem pensado, planejado e executado em seus mínimos detalhes. Houve entrosamento na organização, preparativos, decoração.

Sempre há os que corajosamente tomam a dianteira e tudo fazem para algo acontecer. Neste caso, méritos à nossa professora Pia Helena. A professora Márcia deu asas a seus nobres sentimentos e tocou com alma e coração, dando vida às mais belas melodias. Thiago, o violinista, fez chorar as cordas de seu doce violino, e o grupo Tanz, leves qual borboletas e velozes como colibris, deram ao evento um toque ímpar.

Até aqui todos desempenharam perfeitamente seu papel, mas modestamente falando, o sucesso da apresentação recaiu em grande parte sobre cada integrante da Oficina Literária do CREATI, que deu tudo de si para o maior brilhantismo do acontecimento, prova da capacidade e desempenho de cada um.

Sinto que, mesmo havendo outros, não mais haverá momento tão especial, posto que fora único... A platéia aplaudiu e aplaudirá sempre que algo semelhante volte a abrilhantar nossos olhos!

Data : 30/04/2009

Título : Curve-se à Natureza

Categoria: Crônicas

Nunca imaginei que um dia voltaria a ver aqueles lugares onde o arquiteto maior esmerou-se tanto por criar: lagoa da Conceição, as dunas de areia fina e alvíssima, ocupando cada vez espaço maior, a praia da Joaquina com suas ondas fortes, pedras gigantes a ornar-lhe as costas, água muito azul e as calmas gaivotas no seu vôo baixo encantando os visitantes.

Curvas, subidas, descidas, morros e do alto, até onde a vista alcança, inúmeras praias, recantos belíssimos.

Pelos caminhos, com freqüência, placas com dizeres, tais como: “De frente para o mar, de costas para o stress.”

Nosso objetivo era a praia do Santinho. É impossível descrever tamanha beleza ali concentrada. A água muito azul em altas ondas que se quebravam brancas nos rochedos. Todo visitante que ali chega tem uma meta: alcançar o ponto mais alto daquelas rochas. Um caminho sobre as pedras, completado em vários lugares por pontes e escadas de madeira, sempre com corrimão. Bancos distribuídos ao longo do caminho para uma parada. Ladeando a subida, muitas colunetas em metal com o cimo em declive, encontram-se gravadas, inscrições contando dos primeiros moradores que ali viveram há milhares de anos. Ao chegar ao alto você sente estar mais perto do céu, tamanha a beleza que vê de todos os lados.

Seguindo caminho passamos pelas praias de Ponta das Canas, Canasvieiras, Jurerê, paraíso das mais fantásticas mansões.

Voltando ao continente subimos até Bombinhas e quase ao anoitecer, Camboriú.

Acompanhava-nos a lua cheia refletindo sua luz sobre as águas do mar, iluminando os barquinhos que calmamente balançavam sobre as águas.

Estava cansada, mas feliz.

Na manhã de domingo fomos dar um passeio no teleférico em Camboriú. Acometeu-nos certo medo no começo, trocado pelas emoções de ver, lá do alto, dezenas de praias, vilas, morros e uma muralha de edifícios enormes, contornando toda praia.

Ao alto do morro uma parada para quem o desejar. Preferimos descer até Laranjeiras onde se faz o retorno dos bondinhos. Ao subir, descemos no alto do morro de onde se vêem paisagens paradisíacas.

Seguimos, a pé, pela trilha no meio da mata. Toda trilha feita em madeira, degraus grossos, toda ladeada por corrimão e a cada poucos degraus um lance com bancos para descanso. A vegetação que cerca este caminho é a mais rica e variada possível. Chamou-me a atenção o grande número de bromélias de diferentes espécies, algumas floridas. Descendo, chega-se a um mirante de onde se admiram belezas sem fim.

A subida é por outro caminho e em certa altura uma grossa árvore deita enorme galho sobre a passarela, numa altura de mais ou menos 1,65m. Sobre o meio da passarela, preso ao tronco que ali se debruça, uma placa com a inscrição: "Curve-se à natureza." Fiquei emocionada. Não só me curvava para passar. Ajoelharia-me diante de tanta beleza com que a natureza nos presenteia. Admiração também ao homem que soube valorizar e trabalhar tais belezas.

Pedi a Deus que conservasse na retina de meus olhos tudo o que vi, pois nunca imaginei que um dia retornaria a ver tanta beleza.

Data : 03/08/2018

Título : CURVEMO-NOS À FÚRIA DOS ELEMENTOS DA NATUREZA

Categoria: Crônicas

Tudo na natureza é, ou melhor, foi, muito perfeito quando de sua criação. E Deus pôs neste mundo perfeito a sua obra maior, com a ordem de cuidar de tudo.

A humanidade cresceu, evoluiu e foi como que reinventando a criação, destruindo a harmonia das coisas, estragando o projeto inicial.

A natureza não aceitou esta intromissão, esta desordem total.

O ar que respiramos, revoltou-se mostrando sua não aceitação através de ciclones e tornados de velocidade e força inimagináveis.

A água, elemento puro e indispensável a todo tipo de vida, não suportando mais o desrespeito e mau uso através da poluição, perdeu o controle e aqui e ali a chuva cai em tão grande quantidade que provoca inundações, invade cidades, destrói casas, estradas e pontes, fazendo vítimas. Em contraste às enchentes, regiões inteiras ficam por longo tempo sem ver a chuva cair do céu, vítimas de prolongadas secas.

E o terceiro elemento da natureza quando enfurecido, causa muita destruição e pavor.

Felizmente não vivemos em região vulcânica onde a terra abre suas entranhas e vomita lavas de fogo do qual seu centro é formado.

Mas, dia desses, ou melhor, às dezenove horas e vinte minutos do ainda quinze de julho de dois mil e quatorze, um repórter de uma rádio local, apavorado ante o quadro infernal que se desenhava, gritava ao microfone: “um vulcão explodiu em Passo Fundo”.

O fogo começou rápido e se espalhou qual raio pelos três blocos do prédio de quatro andares, escapando ao total controle dos incansáveis bombeiros que, em vão, jogavam água para tentar diminuir as chamas de mais de vinte metros de altura que se lançavam das inúmeras aberturas do prédio.

Uma fumaça negra e tóxica enchia o ar e tomava a direção do vento sul.

Foram quatro horas de luta contra as fortes labaredas alimentadas por elementos favoráveis à combustão, como papelão, tecidos sintéticos e produtos de uma loja de cosméticos, além da grande quantidade de madeira do próprio prédio cujo piso era todo de madeira e dos móveis dos apartamentos ali estabelecidos.

Ao amanhecer o dia ainda havia fogo e o que se via era um monstro esqueleto negro e muitos, muitos ferros das aberturas totalmente retorcidos e suas vidraças estilhaçadas.

Era um quadro desolador. Muitas pessoas perderam todos seus bens materiais.

Mas em meio àquela terrível destruição, não houve feridos ou vítimas, o que pode considerar-se fato relevante. Nem mesmo Chico, o cãozinho de uma moradora, que foi encontrado a um canto do apartamento totalmente destruído, teve seu pelo chamuscado ou suas patinhas queimadas. Estava era muito assustado e sem nada entender daquilo tudo.

Data : 30/04/2009

Título : Decepcionante impressão

Categoria: Crônicas

Foi durante e após a segunda guerra mundial, quando nossos pracinhas incorporaram as forças armadas e rumaram para a longínqua Itália.

Um irmão de meu pai e um de minha mãe, também foram chamados para o quartel a fim de juntar-se aos que aqui ficaram em prontidão para transpor o oceano e integrar-se aos heróis da guerra assim que fosse necessário. E não o foi.

Seguidamente meu pai, dada a falta total de comunicação daquela época, vinha a Passo Fundo buscar alguma notícia do irmão e cunhado.

Naquela época, dada a precariedade dos meios de transporte e das estradas, levava um dia inteiro para percorrer os trinta km que separam Marau de Passo Fundo.

O esperávamos ansiosos. Mamãe e a tia que residia conosco, por notícias do irmão e marido (recém casados) e nós pequenos, por que sabíamos que papai nos traria bananas. O cercávamos felizes e ele, num dito um tanto jocoso nos dizia: “não se pode ir a Passo Fundo sem que se veja o trem e se coma bananas”.

Ouvir papai falar de Passo Fundo, do quartel, com quem havia falado, do trajeto que percorrera, da viagem, era o máximo! Para nós ele era um herói e eu fui crescendo curiosa por conhecer esta cidade que devia ser um misto de grandeza e mistério.

Passaram-se vários anos. A guerra acabou, os tios voltaram e meu pai não viajou mais em busca de notícias.

Algum tempo depois, não sei precisar quanto, sei que eu ainda era pequena, mamãe e titia vieram a Passo Fundo por alguma razão que desconheço. Foi a primeira vez que se aventuraram a tanto e haviam combinado comprar um calçado para cada uma.

Lembro até hoje o quanto lindo era o produto da compra. Era uma sandália de saldo (uns 5 cm) em camurça preta, de tiras entrelaçadas, linda demais. Mamãe guardou a sua no armário do quarto e eu seguidas vezes ia lá, pegava nas mãos, alisava, punha nos pés. Achava impossível haver outro calçado mais bonito do que os de mamãe e titia.

Mas deixemos isso de lado.

Chegara a minha vez de conhecer a cidade dos sonhos.

Foi num domingo de fevereiro de mil novecentos e cinqüenta e dois. Eu e uma amiga residíamos no colégio em Marau e seríamos transferidas a Erechim para prosseguirmos nos estudos.

Por ocasião da visita da superiora àquela casa, partimos em sua companhia, num carro próprio do colégio, para Passo Fundo, onde permaneceria alguns dias no Hospital São Vicente em visita às Irmãs que moravam e atendiam esta instituição.

A viagem foi pura emoção que rapidamente se converteu em decepção. Esperava ver as ruas tomadas de gente e de carros, muito barulho, movimento. O que vi foi uma cidade morta, ruas desertas, não lembro de ter visto um carro sequer da entrada da cidade até o hospital. Mas uma coisa marcou profundamente em meio a esta cidade deserta: à direita de quem vinha chegando, era uma rua larga, casas altas, nos degraus de uma delas, próximo da praça, havia um homem sentado, aparentemente jovem, com a cabeça reclinada sobre os joelhos. Não a ergueu a passar ao veículo. O que faria lá, meio dia de um domingo de sol, tão solitário? Quem seria? Por que estava naquela posição?

Fiquei impressionada ante a solidão daquele homem e muitas vezes recordei daquela cena.

Nos dias que se seguiram, minha amiga e eu ficávamos frente ao hospital vendo o então fraco movimento de entrada e saída de médicos e pessoas naquela casa de saúde e muito curiosas por ver, só de longe, o quartel com seus muitos soldados em forma, marchando.

Certo que lá se vão cinqüenta e cinco anos. A cidade cresceu, as ruas apinharam-se de carros e pessoas, e eu, depois de uma vida nômade e de morar em diversas cidades distantes, me rendi à hoje imponente Passo Fundo, que me acolheu e fora palco de tantas emoções e experiências.

Praticamente impossível conseguir minutos de solidão, cabeça sobre os joelhos, sentado próximo à praça ou mesmo de frente a casa ou edifício onde se habita.

Data : 03/08/2018

Título : DENTRO E FORA DA MODA

Categoria: Crônicas

Aqui não se refere ao modo refinado de trajar criado por famosos costureiros que vestem elegantes modelos e personalidades do mundo inteiro.

Em geral, colocam-se os valores no exterior e gastam fortunas para ter um visual segundo a moda das grifes mais famosas.

Não me incluo em nada neste estilo, embora em épocas da vida houvesse sonhado com melhores aparências externas. Mas graças a esta impossibilidade, cultivei com carinho a moda interior, que não exige investimentos e traz muita satisfação.

Posso falar de amor, o qual deve se manifestar mais em atos que em palavras. Posso transmitir sinceridade, amizade, felicidade.

Encanto-me com a roupagem da natureza que nos cerca, que é sábia, perfeita e que dá preferência ao verde em suas infinitas tonalidades. Veste-se de roupagens tais que o Rei Salomão em toda sua imponência, não chegou aos pés da criação viva que nos cerca. Nela tudo é grandioso, perfeito e exuberante.

O desequilíbrio tão frequente na natureza é obra da imperícia e da ganância humana.

A natureza faz acontecer cenários incríveis e diferenciados que nos impactam e fazem refletir.

Ela segue ciclos que a regulam; veste-se de cores dos mais variados e incopiáveis tons. Em suas devidas épocas, cobre-se de flores que após se mudam em frutos. No outono o vento sopra e a terra fica coberta por colorido tapete formado pelas folhas que se desprendem das árvores. Há árvores que dão a impressão de haverem morrido. Ficam inteiramente desnudas. É a época do silêncio, da renovação da seiva, das forças. Na

estação seguinte, ressurgem com viço e força, dando-nos grande lição de simplicidade, despojamento, força e coragem.

Feliz de quem, como as árvores no outono, se recolhem e visitam seu interior para pensar, avaliar decisões tomadas, caminhos trilha- dos e resgatar esperanças que insistem em enfraquecer e revoar com as folhas leves e soltas.

Data : 03/08/2018

Título : DESIDERATE-SE

Categoria: Crônicas

O médico e filósofo alemão Max Ehrmann devia estar em estado de graça e iluminadíssimo, ao escrever “Desiderata”.

É um texto poético completo, pleno da mais alta sabedoria.

Cada um de seus parágrafos é um programa de vida: vai tranquilo por entre o barulho e a pressa, pensando na paz que pode haver no silêncio; conviva bem com todas as pessoas sem sacrificar seus princípios; diga a sua verdade a quem quer que seja; evite os vulgares e agressivos; não se compare com os outros e seja você mesmo. E por aí segue, cada um dos parágrafos impregnados de sabedoria e virtude.

Recomenda valorizar as conquistas, cuidado nos negócios, usar a sinceridade, acreditar na força do amor, demonstrar a sabedoria que caracteriza a idade avançada, estar preparado para os infortúnios que a vida nos oferece, valorizar e manter a paz interior.

É um tema para ser meditado e vivido; e se pequena parcela da humanidade fizesse isso, o mundo não se encontraria no caos em que caiu, onde, ao invés do amor e paz, reinam o ódio, a desunião, o egoísmo, a ambição, o materialismo e tudo o mais que torna o viver cada dia mais penoso.

Acrescentaria ao final do texto original, um “amém”, que significa: que assim seja, que assim se faça.

Data : 30/04/2009

Título : Dia da faxina II

Categoria: Crônicas

Há dias que você acorda com vontade de fazer ordem na casa, nos armários, dar um novo lugar às coisas. Isto lhe faz bem, lhe dá o prazer da renovação.

Neste dia, porém, levantei com a disposição de rever os cômodos do meu eu, rever o meu interior, a minha essência.

Não sabia por onde começar. Somos um tanto complicados. Fui vendo tudo que havia em mim. Separei as coisas boas das menos boas e ali, na minha frente, um montão de coisas.

Comecei a limpar as gavetas, tirando bem o pó.

Separei a falta de sensibilidade, o comodismo, falta de diálogo...

Para, ao final, resolver o que fazer com eles.

Recolhi, com carinho, o amor e a gratidão ali encontrados e dei-lhes um lugar especial.

Coloquei perfume na esperança, passei um paninho na caixinha das minhas metas e coloquei-as bem à mostra para não perdê-las de vista.

A seguir, passei para a gaveta das lembranças onde me detive por longo tempo: papéis amarelados, mas bem guardados, perfumados e amarradinhos com laços de ternura.

Soltei o laço e docemente acariciei as lembranças de minha infância. Senti-me renascer!

Lá estava meu bom e carinhoso pai, sentado sobre um tosco banco de madeira, fazendo bonequinhos malabaristas ou pernas de pau para nós brincarmos. Nas tardes de chuva, enquanto papai fazia cestos de vime ou taquara, nos sentávamos junto a uma grande bacia de pipocas e ouvíamos suas histórias de quando era criança ou falando de seus pais e avós vindos da longínqua Itália.

À hora dos temas de casa, ao redor da grande mesa, papai fazia-se verdadeiro e severo professor. Quanta coisa aprendi com aquele homem rude de mãos calejadas e coração magnânimo. Sabia ser firme paciente e compreensivo ao mesmo tempo.

Mamãe, aquela sábia analfabeta que conduzia com firmeza as rédeas da casa, lá estava a cozinhar, fazer pão para muitas bocas, lavar, remendar costuras, mantendo tudo sob controle.

A vocês, meus pais queridos, reconhecimento, gratidão, saudades.

Aquela enorme casa onde meus pais criaram seus filhos, quantas lembranças traz!

Fui abrindo uma a uma, todas as lembranças, e após revividas, coloquei-as com carinho, junto ao amor e a gratidão, porque as doces e sadias lembranças da infância vivida no aconchego de um verdadeiro lar, são a tatuagem afetiva que todos nós carregamos no coração.

No chão, só restos, marcas de um tempo que não volta mais...

Outubro de 2003

Texto apresentado no

II Sarau Artístico Literário do CREATI

Data : 30/04/2009

Título : Dia de faxina

Categoria: Crônicas

Estava precisando fazer uma faxina em mim...

Jogar alguns pensamentos indesejados fora, lavar alguns tesouros que andavam meio que enferrujados...

Então tirei do fundo das gavetas lembranças que não uso e não quero mais!

Joguei fora alguns sonhos, algumas ilusões...

Papéis de presente que nunca usei, sorrisos que nunca dei; joguei fora a raiva e o rancor das flores murchas que estavam dentro de um livro que nunca li.

Olhei para os meus sorrisos futuros e minhas alegrias pretendidas... E as coloquei num cantinho, bem arrumadinhas.

Fiquei sem paciência!...

Tirei tudo de dentro do armário e fui jogando no chão:

...paixões escondidas, desejos reprimidos, palavras horríveis que nunca queria ter dito, mágoas de um amigo, lembranças de um dia triste...

Mas lá também havia outras coisas... E belas!

Um passarinho cantando na minha janela...

Fui me encantando e me distraíndo, olhando para cada uma daquelas lembranças.

Aquela lua, cor de prata, o pôr do sol ...

Sentei no chão, para poder fazer minhas escolhas.

Joguei direto no saco de lixo os restos de um amor que me magoou.

Outras coisas que ainda me magoam, coloquei num canto para depois ver o que farei com elas, se as esqueço lá mesmo ou se as envio para o lixão.

Peguei as palavras de raiva e de dor que estavam na prateleira de cima, pois quase não as uso, e também joguei fora no mesmo instante!

Aí, fui naquele cantinho, naquela gaveta que a gente guarda tudo o que é mais importante: o amor, a alegria, os sorrisos, um dedinho de fé para os momentos que mais precisamos...

Como foi bom relembrar tudo

Recolhi com carinho o amor encontrado, dobrei direitinho os desejos, coloquei perfume na esperança, passei um paninho na prateleira das minhas metas, deixei-as à mostra, para não perdê-las de vista. Coloquei nas prateleiras de baixo algumas lembranças da infância, na gaveta de cima as da minha juventude e, pendurado bem à minha frente, coloquei capacidade de amar...

Data : 30/04/2009

Título : E serás feliz

Categoria: Poesia

Não tem identidade, não tem nome,
Não tem rosto;
Não mora,
Não tem lar,
Não tem ninguém;
Não trabalha, não sabe trabalhar,
Ninguém lhe ensinou.

Ele tem fome,
Não tem comida,
Ninguém lhe dá.

Dorme ao relento,
Treme de frio,
Coberto de trapos.

Não admira o pôr do sol,
Não se enamora do encanto da lua,
Não conta as estrelas que piscam lá no alto.

Remove as lixeiras,

Cata sobras podres ali jogadas,
Com ratos e moscas divide seus achados.

Ele está doente, subnutrido, alquebrado,
Cheira mal, não tem hábitos de higiene,
É um estorvo para a sociedade.

Este anônimo à margem da vida,
Imundo, esfarrapado, esfomeado,
Tem coração, cérebro, sentimentos.

É humano e não tem com quem chorar suas mágoas,
Está doente e não recebe ajuda.
Desprezado, ignorado, humilhado. Só.

Este homem destituído de dignidade humana,
Que não vive, apenas vegeta.
É nosso irmão.

No dia em que soarem as trombetas,
Estarás à direita, terás a recompensa.
A vida é breve, o prêmio certo. Perdoa a insensatez de quem hoje te ignora.
Então brilharás qual estrela e serás feliz, muito feliz...

Data : 03/08/2018

Título : ELAS, NOSSAS AVÓS

Categoria: Crônicas

Vestiam saias escuras e franzidas que quase tocavam o chão, avental também escuro e longo, mangas compridas.

Cabelos feito coque, sempre protegidos pelo sagrado lenço escuro.

Era uma figura austera a de nossas avós, assim trajadas. Inspiravam respeito e, até, um certo medo.

No entanto, sob esta austeridade, pulsava um coração doce e bondoso.

Para mim, criança naqueles longínquos e bons tempos, as avós eram todas muito prendadas. Mãos enrugadas, pele fina e ressecada, eram ágeis e hábeis em fazer trança com palha de trigo, com a qual costuravam, à mão, chapéus para toda a família e faziam lindas cestas para se levar produtos como queijo e ovos ao mercado, ou para se colocar o material escolar.

Uniam os retalhos que sobravam das costuras e faziam lindos tapetes ou colchas para as camas. Não sabia e não era preciso saber, que com esta técnica estavam fazendo a arte do Patchwork, hoje muito conhecida.

Nas paredes dependuravam panos por elas bordados com flores e desejos, tais como: “Seja bem-vindo” ou “Deus abençoe este lar”.

Faziam tapetes com tiras de meias ‘strakam’, que colocavam nas portas.

Lindíssimas as toalhas que faziam abrindo bolsas de açúcar, desfiavam e amarravam franjas num trabalho demorado e paciente, o hoje conhecido Macramê.

Em geral, criavam numerosa família a quem educavam com muita rigidez. Daí vinha a necessidade de muito trabalho para o sustento dos filhos.

Benditas as sagradas mãos que tanto trabalharam; benditas para sempre queridas e bondosas avós.

Data : 30/04/2009

Título : Embalagens

Categoria: Crônicas

Embrulhos ou invólucros dos mais variados tamanhos, cores, formatos. É bom receber embrulhos. Fica-se na expectativa de seu conteúdo, ainda mais quando decorados com laços e enfeites.

Ouvi dizer que para dar sorte deve-se rasgar o invólucro. Eu já procuro abrir com cuidado para reutilizar a embalagem, não por economia, mas por realmente apreciá-las muito.

Não quero aqui me referir às lindas embalagens de papel ou plástico, hoje tão utilizadas e práticas, mas ao maravilhoso invólucro que envolve meu eu, o meu espírito, as minhas aptidões, a minha vida. O corpo é matéria, a essência, ou seja, o conteúdo é o espírito.

Este fez morada naquele e aquele sem este retorna ao pó do qual foi feito. Aprofundar-se neste assunto confunde os neurônios.

Por vezes este invólucro humano apresenta-se com falhas, com deficiências, mal feito, nada impedindo seu conteúdo ser perfeito. Outras vezes são fatores de percurso, como acidentes ou doenças que estragam ou deformam este corpo material, mas seu conteúdo não se altera, pelo contrário, fortifica-o.

Quando nascemos, éramos frágeis, indefesos, dependentes em tudo e de todos.

Crescemos, ficamos fortes, começamos a decidir por nós, a agir, usar nossas capacidades, desenvolver aptidões e chegamos ao cume da nossa força física.

Usamos e abusamos da nossa vitalidade.

Passadas algumas décadas, começamos a estranhar a falta de resistência nas caminhadas e exercícios físicos, a dificuldade de movimentos, as dores aqui e ali, visão e audição regredindo.

Temos que nos esforçar em provar aos outros que somos mais do que nossa velha embalagem sugere; que temos mais resistência em nossos atos e pensamentos do que em nosso já frágil esqueleto.

Estas mudanças que se instalam em nós, nos assustam, não estamos acostumados a elas e não estamos preparados psicologicamente para aceitar os limites que a idade nos impõe.

Começamos a depender dos outros e o problema é tão mais sério quanto se pode imaginar: onde estão os outros? As pessoas preparadas para cuidar de idosos? Terá a família condições (e disponibilidade) para cuidar de seus velhos?

Preciso que nos preparemos para as incertezas do amanhã, que ajudemos a nos ajudar, que em tempo, tomemos os cuidados necessários para que nosso corpo envelheça nas melhores condições possíveis enquanto nosso espírito permanece jovem, desperto, ativo.

“O inverno cobre minha cabeça, mas uma eterna primavera invade o meu coração”. Vitor Hugo.

Falar e escrever é fácil, mas a velhice e suas naturais conseqüências assustam...

Data : 30/04/2009

Título : Envelhecer

Categoria: Poesia

Sonhei, acordei.

Já não era menina.

Os anos passaram, o tempo passou.

A vida me enriqueceu.

Foi um longo caminho...

Experiências,

sonhos,

perdas,

conquistas.

Pedras, espinhos, caminhos estreitos, limitações.

No fim do túnel, ainda uma luz a iluminar-me sempre:

Luz da afirmação,

do amadurecimento,

das recordações,

da sabedoria

conquistas

e ainda sonhos...

A coragem e a esperança tomaram dianteira

Seguidas pela espiritualidade, otimismo, conhecimentos e vontade de viver.

Aqui estou.

Resta muito a percorrer?

Não sei.

A mim, cabe apenas, caminhar...

Data : 30/04/2009

Título : Era o meu reino

Categoria: Crônicas

Nossa casa ficava num jardim e como era lindo aquele jardim! A casa simples tomava ares de grandeza. À época eu não entendia, mas os anos transmitiram-me sensação de grandeza, romantismo, aconchego.

Quando criança eram duas casas em estilo tipicamente italiano. Numa delas ficava a grande cozinha, despensa, área de serviço e enorme sala.

Ligada por um corredor coberto, estava a outra casa onde se localizavam os enormes e arejados quartos.

A área coberta – corredor – abrigava incontável número de vasos e latas com flores dentre as quais begonhas, gerânios, onze-horas e muitas espécies.

Em casa, tanto o pai quanto a mãe gostavam de flores, que pediam ou ganhavam de alguma vizinha e em não se sabendo o nome batizava-se a flor como “a flor da vizinha tal”.

Ali havia beijos, bei homini, calêndulas, zínias, junquinhos, cravos, cravinas, espironele, aços-de-ouro, margaridas, perpétuas, gérberas, lírios e palmas diversas, jasmims, camélias, azaléias, dalias, mosquitinhos, tulipas, roseiras, bocas-de-leão, brincos de noiva, hortênsias, cristas de galo, buquê de noiva, amor-perfeito e outras mais que não me lembro o nome.

Passados mais de cinqüenta anos desde que saí de casa, lembro-lhes ainda a cor e o lugar onde estavam plantadas.

O que fazia a beleza do jardim é que as flores eram plantadas de- sordenadamente. Um espaço qualquer era ocupado por uma nova planta. Lembro bem quanto papai lutou para conseguir mudas de camélia, flor que ele muito admirava. Hoje as camelheiras estão lá, poderosas, cobrindo-se de flores multicores.

Nós crianças, adorávamos apertar os casulos onde se abrigavam as sementes dos bei homini e ver o casulo se enrolar todinho.

Das espironelas nós tirávamos o miolinho que, enfiando uns nos outros, formavam uma corozinha que guardávamos nos livros para prensar.

O dorme-dorme não tinha sossego conosco. Era só tocá-lo e ele se encolhia todinho.

As flores de maior porte como as camélias, jasmims, hortênsias, azaléias e outras, bem como as trepadeiras, ficavam junto às cercas e muros de pedra que cercavam o terreno.

Ao lado da casa havia laranjeiras e em seus galhos colocávamos as bromélias que trazíamos do mato.

Atravessando o jardim havia um largo caminho de terra, ladeado por pedras em ambos os lados. Esta passarela estava sempre muito linda, impecável.

Em nosso jardim só não havia duendes que se escondiam entre as flores, inspirando seu perfume e admirando as pétalas entreabertas; mas havia abelhas sugando o néctar, as borboletas multicores pousando nas pétalas aveludadas. Havia também uma dezena de carinhas alegres, saudáveis, que curtiram profundamente a beleza daquelas flores e a pródiga natureza que cercava nossa humilde casa.

À noite, uma das minhas distrações favoritas era acompanhar as aranhas tecendo sua teia. Sua obra desafiava o mais exímio engenheiro ou artista. Ficava sentida quando mamãe, vassoura em punho, destruía aquela obra faraônica.

Nomeio aquela beleza, respirando o profundo ar puro vindo da mata, onde eu me sentia ali, a “Alice no país das maravilhas” e aquele castelo, simples e cercado de flores, era o meu reino...

Data : 03/08/2018

Título : ESCOLA DO CORAÇÃO

Categoria: Crônicas

Jamais esquecerei. Era a tarde de dezenove de março de mil novecentos e setenta e três.

Para este dia, a Diretora da nova Escola, Hilda Fin, convocara a primeira reunião do corpo docente, por sinal, bem incompleta.

Eu fui a primeira funcionária a chegar à Escola, vindo logo a prof. Sueli Cecchin, seguida por Nieda de Carli Bissani.

Eram só expectativas...

Construção moderna para aqueles longínquos anos, a escola era imponente, espaçosa, arejada. Uma quadra inteira para uma escola de bairro, numa localização privilegiada. Tinha tudo para tornar-se grande e fazer história, a Escola Básica Professora Zélia Scharf.

Ao redor, pouquíssimas casas, ruas mal traçadas, sem calçamento algum, iluminação bem precária.

As quadras próximas à Escola, desabitadas, ocupadas pelo mato, local propício para esconderijo dos mal intencionados.

Muito próximo à Escola, uma casa de prostituição, de cujo local, já cedo da noite, a música alta repercutia por todo o bairro, que era conhecido como Bairro da Lagoa.

As duas primeiras providências tomadas pela direção da nova Escola: solicitar junto à Delegacia de Polícia o fechamento da referida casa, no qual, fomos rapidamente atendidos; e um levantamento junto aos alunos, para a troca do nome do bairro, o qual passou a chamar-se “Bairro Presidente Médici”.

Não foi fácil o início das atividades. Foi preciso organizar a secretaria, os livros, fazer as matrículas, completar o Corpo Docente, distribuir as turmas; enfim, começar do nada...

Não havia móveis, carteiras, cadeiras...

Para não tardar muito o início das atividades escolares, tomamos emprestadas cadeiras e conseguimos longas tábuas. Colocamos as cadeiras de apoio para as tábuas. Assim, os alunos sentavam sobre estas para ouvir o professor e para escrever sentavam no chão e usavam as tábuas para apoio dos cadernos.

Aos poucos, os móveis foram chegando para substituir os improvisados.

A Escola foi tomando corpo, cresceu, expandiu-se, tornou-se conhecida, criou forma e fama.

Hilda Fin, a primeira Diretora, doou tudo de si para o engrandecimento do educandário.

Eu, que deixara a Coordenadoria local de Educação de Coronel Freitas e Quilombo, vim para o cargo de Auxiliar de Direção, onde permaneci por muitos anos.

A Escola “Zélia Scharf”, como era carinhosamente chamada por todos, foi motivo de muitas alegrias. Trabalhava-se com amor, dedicação. Zelava-se por ela, pela ordem, disciplina e bem-estar dos alunos e professores.

A Diretora e eu trabalhávamos juntas, dividindo responsabilidades.

Para nós, Zélia Scharf era o filho do coração, nosso orgulho, nossa vida.

Trabalhei nesta Escola no período de 1973 a 1985, quando me aposentei. Afastei-me curto período para assumir a Direção da Escola Irene Stonoga e, em outra época, em que fui para uma repartição federal, ficando afastada por um ano.

Pelo quanto de realização pessoal desfrutei desta Escola, professores, funcionários e alunos, devolvo em votos de progresso, crescimento e bons serviços prestados à comunidade escolar e ao bairro que abriga o “Zélia Scharf”.

Data : 03/08/2018

Título : ESCREVA, BRANDÃO

Categoria: Crônicas

Parabéns, Brandão. Você é praticamente completo.

A leitura que cultivou desde criança, na escola que tinha em família, tendo o pai como mestre, lhe deu o rumo certo a seguir.

Você está impregnado de literatura. Ela é o ar que respira, o alimento que o sustenta.

Você mesmo diz, em palestra recente, que foi recuperado pela literatura.

Através dela você se tornou observador, criativo, sensível, corajoso, de larga visão, extremamente culto e inteligente.

“A literatura olha o futuro e há gente fazendo este país andar.”

Pena que as pessoas responsáveis por fazer este país andar, tenham se deixado tomar pelo gosto da podridão, pela corrupção, pela inversão de valores, pela fraude, pela exploração...

Brandão, você escreveu uma carta para a Presidente Dilma, ressaltando a grandiosidade das Jornadas Nacionais de Literatura, realizadas a cada dois anos em Passo Fundo, dizendo-lhe da não realização da 16ª Jornada, cancelada por falta de recursos. Apontalhes o meio para que se realize, se salve do enfarte que sofreu, seja levada para a UTI e se tomem as necessárias medidas para sua realização.

A bem da verdade, não é falta de recursos específicos para a realização de evento de tamanha envergadura, mas a má aplicação dos mesmos antes que sejam destinados a patrocinar fins tão nobres.

É o desvio, o superfaturamento, a cegueira moral que afetou as pessoas que deveriam ser corretas e justas.

Brandão, que tal uma outra carta ou quantas sejam necessárias para a Presidente, no intuito de abrir-lhe os olhos, fazê-la ver que a realidade do país não é a que emana de Brasília, onde a corrupção reina impune.

Estará a Presidente a par da crise econômica por que atravessa o país? Saberá ela que a população reduziu em muito a cesta básica, que só compra o estritamente necessário? Que os pobres estão cada vez mais pobres e a classe média está decaindo? Que o desemprego atinge cada dia maior número de famílias? Que a saúde e a educação estão na UTI, qual a Jornada de Literatura de Passo Fundo? Que os hospitais do SUS estão a cada dia mais sucateados? Que muitíssimas pessoas morrem nas filas a espera de um atendimento médico? Que as taxas e impostos aumentam a cada dia e não há donde se tirar dinheiro para quitá-las? Que a população está descrente e não sabe a quem apelar?

Brandão, por vezes o poder corrompe: quem sabe um tratamento de choque para os responsáveis voltarem à realidade?

Sabe, Brandão, a população sofre calada ou reclamando a quem nada pode fazer, por falta de coragem. Se o país tivesse voz e vez de pronunciar-se, de expressar seu descontentamento, talvez a coisa mudasse. Contudo, é mais fácil viver deitado em berço esplêndido como fala nosso Hino Nacional.

Data : 30/04/2009

Título : Esperança

Categoria: Crônicas

Esperança... Milagre da inovação, virtude teologal, âncora da alma...

Chame-a como quiser, o importante é que ela está profundamente enraizada em nosso ser, mesmo que dela não nos apercebamos. Somos movidos de esperança. A esperança move o mundo.

Desde o engraxate de rua ao mais alto mandatário, todos esperamos por algo melhor, por uma solução, pela cura, por situação financeira mais cômoda, pelo reconhecimento profissional, por um elogio que nos encoraje, e por aí continua uma lista sem fim de esperas...

“O menino caminhava com sua esperança frágil, mas vi a sua réstia...”, diz o amigo Pablo Moreno em sua obra “Por que os homens não voam?” “... em seus olhos morava uma tristeza com a profundidade de um poço artesiano no deserto.”

Andando pela rua seguidamente nos deparamos com pessoas que parecem ter perdido o último fio da esperança, que não há mais nada no fundo deste poço desconhecido e escuro que é nosso interior.

No entanto, ela é inata em todo humano. É preciso cultivá-la como cultivamos nosso exterior. Ela vive inseparável da fé e do amor.

Pablo ainda diz: “Na alma, somos um pássaro de esperanças e sonhos.”

Nós, a quem nada falta, mas que temos por hábito reclamar da sorte e da sofrida vida, por que não olhar um pouco mais ao que nos cerca, reconhecendo sermos privilegiados e, com redobrada esperança, agradecer?

Data : 03/08/2018

Título : ESPERANÇA

Categoria: Crônicas

A princípio, uma virtude teologal como a fé e a caridade.

Com a realização das promessas divinas, a fé e a esperança perdem sua razão de ser, quando se dá nossa passagem para a outra vida. Não há mais por que crer e esperar.

Até lá, a vida é uma contínua espera. Esperamos o dia de amanhã ser melhor que o de hoje; esperamos o sol aquecer, o frio sumir, a chuva cair, a semente brotar, a crise passar, a doença curar, a saúde voltar, o negócio prosperar e por aí segue uma lista infindável de esperas.

Seguidamente nossa esperança é recompensada através de realizações de nossos desejos.

Assim como a felicidade, a esperança se alimenta de coisas pequenas. Ela não se realiza no presente, mas vive no futuro, na espera do que virá.

Nos dias atuais, onde tudo tem que ser muito rápido, a esperança que não acompanha a tecnologia, está em crise. Quer-se resultados rápidos, o que não ocorre na espera.

Levados pela rapidez de cada dia, não nos damos conta dos efeitos que esta virtude produz em nós. Ela age no silêncio interior, já que é dom do espírito.

Pelo fato de passarmos por tempos críticos, faz-se necessário o cultivo desta virtude que é a mola que nos impulsiona o viver.

As raízes da esperança estão afixadas na eternidade. Enquanto mortais, aguardamos, com esperança, a realização das promessas a quem crê e espera.

Data : 30/04/2009

Título : Estes filhos das ruas

Categoria: Crônicas

A gente se acomoda no dia-a-dia e leva uma vida sem grandes dificuldades, sem muitas alterações de acordo com as condições financeiras. Quando possível adquire-se algum bem, faz-se alguma melhoria e a vida segue seu ritmo.

Recordo que quando criança, junto aos pais e a uma grande família de dez filhos acrescida de alguns tios que ali estavam sob a responsabilidade de meu pai, havia abundância de alimento. A despensa abrigava latas de mel, melado, açúcar de cana, muito queijo, salame, banha, pão caseiro assado em forno de barro, leite e ovos. Não existiam enlatados ou produtos industrializados. Tudo era natural e não existiam os infundáveis agrotóxicos tão disseminados em nossos dias.

Hoje, as coisas mudaram muito. Já não há abundância em nossas casas; só o necessário.

Se para nós que conseguimos superar dificuldades as coisas não são as mesmas, o que se dizer dos mais pobres, dos desempregados? Vejo na pobreza a causa principal do desmoronamento e da destruturação da família, onde os pais perderam sua autoridade, não tem mais vez e voz sobre os filhos, que não respeitam mais ninguém, que não encontrando em casa o que precisam, ou seja: amor, carinho, alimento, conforto..., jogam-se às ruas, às más companhias, ao roubo, assaltos, ao vício, a à degradação. São jovens vazios, sem princípios, sem instrução, sem bons costumes, como se a vida tudo lhes tivesse negado., reúnem-se em grupos onde planejam seus ataques e onde reforçam suas más intenções de roubo, assaltos, destruição e sentem prazer nisso. Parece que praticam o mal por vingança ao que lhes é negado.

Tornam-se um problema para a sociedade, que também não lhes oferece solução...

Data : 30/04/2009

Título : Exemplo de renovação

Categoria: Crônicas

A águia é a ave que possui maior longevidade, chegando a viver setenta anos.

Por volta dos quarenta anos, ela está com as unhas compridas e flexíveis não conseguindo mais agarrar suas presas com as quais se alimenta. O bico alongado e pontiagudo se curva, apontando contra o peito; as asas envelhecidas estão pesadas em virtude da grossura dos tubos das penas, e voar se torna muito difícil.

À pobre águia restam duas alternativas: deixar-se morrer ou enfrentar um dolorido processo de renovação que irá durar cento e cinqüenta dias.

Instintivamente, ela voa para o alto de um monte e se recolhe em um ninho próximo a uma parede rochosa, aí começa a bater com o bico nesta parede até conseguir arrancá-lo, o mesmo fazendo com as unhas.

Quando o bico e as novas unhas começarem a nascer e ficarem fortes, uma a uma ela arranca suas velhas penas.

Passados cinco meses ela está pronta para viver mais uns trinta anos de sua vida e sai para o famoso vôo da renovação.

Admirável sabedoria de um ser irracional e maior a lição de vida que este ser nos dá.

Sentindo-se afetada em suas defesas, procura uma maneira de livrar-se deste incômodo mal estar. Isola-se e põe-se ao trabalho. Elimina de si tudo o que a impede de viver plenamente. Ela é decidida e corajosa. Nós, feitos para o alto, por vezes atolamo-nos no lamaçal da mesquinhez, do egoísmo, da insegurança, da falta de confiança e do não reconhecimento de nossas qualidades.

Vivemos voltados para nós, queixosos de tudo quanto nos rodeia, sem coragem de rebentar as amarras que nos impedem de voar e viver plenamente.

É tão mais cômodo levar uma vidinha medíocre, voar baixo, desviar pedras e espinhos.

A águia nos motiva a uma reflexão e quem sabe a uma dolorosa mudança de atitudes.

Feliz de quem, como a águia, opta por renovar-se, dia após dia, para viver com dignidade a vida que nos é dada.

Data : 03/08/2018

Título : FARDOS, QUEM NÃO OS TEM?

Categoria: Crônicas

Gostei do que escreveu Ita Portugal, que em seu texto “Guardados bem Mofados”, diz que seu coração costuma se expandir por aí, como sacola de feira lotada de variedades e boas lembranças.

Acrescentaria eu, boas e más lembranças. Todos carregamos nosso fardo às costas.

Para os jovens, esta mochila é mais leve. Os embrulhos ali guardados são agradáveis em sua maioria, cheios de doçura, carinho, atenção dos pais, desejos satisfeitos, realizações, sonhos.

Há uns pacotinhos menos desejáveis, um tanto pesados, incompreensões, frustrações, mas não é tão grande o peso, não.

Os adultos já carregam fardos bem mais pesados, mas não insuportáveis. Por vezes o peso os obriga a arrastar o volume, mas vendo que todos os que andam pelas estradas ao lado deles tem fardos por vezes maiores e mais pesados, animam-se e continuam a caminhada.

Há quem pare à margem, sente sobre o fardo, chore, reclame, insulte. Passado o cansaço, retomam o caminho.

Meu fardo? Como sou naturalmente melancólica, por vezes acho-o muito pesado.

Refletindo sobre minha vida, acho-lhe as boas fases bem reduzidas.

Ao ser concebida, fui rejeitada desde logo, pois meu irmão anterior a mim, estava com apenas quatro meses de vida.

Ao nascer, nem parteira tinha, pois meu pai foi à vila buscá-la e voltou quatro dias após, devido às grandes enchentes que se abatiam sobre a região.

Com um filho seguido a outro, mais um montão de trabalho, como os pais podiam dispensar o necessário carinho e cuidado? Não os culpo.

A família não era tão pobre, mas o conforto era praticamente nulo.

Sofremos muito para ir à escola. Lá eu sempre me senti discriminada, pela simplicidade no vestir e calçar.

Com doze anos, deixei minha família para ir ao colégio onde realmente sofria-se discriminação.

Afogava minhas mágoas no trabalho.

No convento jamais me perguntaram o que eu queria fazer.

Simplesmente mandaram lecionar, sem preparação alguma para tanto. No começo foi um fracasso. Depois se tornou um trabalho de vida aprimorado e gratificante, mas só depois de muito tempo.

Por longos anos, minhas embalagens no fardo da vida, tinham cor escura. Infeliz, não me decidia sair da vida religiosa, pois segundo a mestra, magoaria meus pais.

Ao conseguir sair, não tive apoio algum. Deram-me umas poucas roupas e o salário do último mês.

Com isso segui, o fardo pode-se dizer diminuiu daquelas opressões até então vividas, mas outros sentimentos e sofrimentos se somaram à carga carregada.

Outros momentos, novos desafios, mas os fardos sempre ali, parceiros de viagem.

Data : 03/08/2018

Título : FAZE O BEM, NÃO OLHES A QUEM

Categoria: Crônicas

O jornalista Tulio Milman diz, que “Desconfia da solidariedade barulhenta, de quem só resolve ficar bonzinho em dezembro...” e que, “...seria justo prestar mais atenção em quem faz o bem o ano inteiro”.

Há muitos que fazem o bem no anonimato, o ano inteiro, a vida inteira. Estas pessoas não precisam de marketing. Elas sentem o prazer interior, sabem que a recompensa vem e isto lhes basta.

Quero me referir aqui a um grupo de doadoras anônimas, em torno de vinte e duas senhoras – entre as quais me incluo -, que no dia 28 de julho de 2015, completaram quinze anos de intensa atividade e doação ao próximo.

Por iniciativa própria, este grupo, inicialmente de doze amigas, reuniu-se para, com restos de lã, linhas e doações, confeccionar cobertores para pessoas necessitadas. Trocando ideias, concluíram que a confecção de enxovais para recém-nascidos de mães carentes, viria suprir a necessidade de maior número de pessoas.

Estipularam a cobrança de pequena taxa mensal, solicitaram doações e, com o resultado obtido, compraram lã em novelos para fazer casaquinhos, sapatinhos, mantas, etc.

De comum acordo, resolveram dar ao grupo recém fundado, o nome de “Aconchego”, por duas razões: primeiro, para que a criança que acaba de nascer seja acolhida com a maciez e o carinho que caracterizam cada peça que é feita; segundo, porque é aconchegante às senhoras do grupo, sentir-se bem ali a cada encontro e receberem a si e a seus trabalhados, todo o valor.

A alegria é a marca determinante das pessoas que toda quinta-feira à tarde se reúnem numa das salas da Paróquia Sagrado Coração de Jesus. Tudo que ali se faz, é feito com amor e carinho.

Em cada encontro são montados dois sacolões e levados por duas senhoras do Grupo, ao Hospital da Cidade, onde são entregues diretamente às mães carentes, que por vezes não tem absolutamente nada para o recém-nascido.

Com o passar do tempo, o trabalho do grupo ficou sendo conhecido e recebemos, anualmente, muitas doações em lã, cobertores usados e lençoizinhos, estes adaptados ao uso de bebês, ou aproveitados para fazer cobertinhas.

Muitas mães também nos repassam enxovais que não são mais usados por seus filhos e nós os redistribuímos aos pequenos que continuamente chegam.

O Pai, que tudo vê e sabe, terá para todos os que fazem o bem, a merecida recompensa. Por ora, fiquemos com a satisfação interior do bem que é praticado.

Data : 03/08/2018

Título : FAZER NADA

Categoria: Crônicas

Acordo. Sento na cama e meu primeiro pensamento deveria ser um “obrigado” à vida. Mas não. A primeira coisa que faço é pensar no que devo fazer hoje. Uma agenda no lugar da alma...

Abro a janela: o céu azul, árvores floridas, pássaros voando convidam-me a fazer nada, a fazer como as plantas que florescem porque florescem e alegram, embelezam, perfumam.

Seria bom fôssemos como elas, que nossas ações fossem um transbordar de vitalidade, uma explosão de beleza que cresceu por dentro e não mais pode ser contida.

No entanto, não vivemos no paraíso, não temos o direito de viver por prazer. Os deveres nos esperam e, ‘oxalá’ tivéssemos sempre o prazer no cumprimento de nosso dever.

Em geral nossos deveres estão voltados para os outros. Muitas vezes é preciso listá-los na agenda para não serem esquecidos. A agenda, o telefone, o computador, as tarefas diárias absorvem-nos.

O importante, no entanto, é que cumpramos com prazer nosso dever, pois nunca fazemos só o que gostamos. A vida nos obriga a fazer muitas coisas desagradáveis, a engolir sapos.

A felicidade é feita de momentos que acontecem no dia-a-dia. Felicidade, diz Rubem Alves, é fruto na beira do abismo. É preciso colhê-lo e degustá-lo agora. Amanhã, ou ele já caiu, ou você já tombou...

Fazer nada, sentado à sombra do ipê florido, ouvindo a música dos pássaros, desligado de obrigações e em contínua felicidade e bem estar, era o projeto inicial do Criador. Não soubemos desfrutar desta dádiva e Deus disse ao homem, ao expulsá-lo do paraíso: comerás o pão com o suor do teu rosto.

Fazer nada não é mais o nosso privilégio, mas convém ter a mente e o coração voltados para o ipê florido que nos oferece sombra, beleza, perfume; ele que não perdeu as prerrogativas da criação.

Data : 03/08/2018

Título : FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU

Categoria: Crônicas

Grandes mentes pensam grandes ideias. Foi o que aconteceu com o grupo que idealizou e ajudou a construir uma bela história, iniciada em 1989, através do então Vice-Reitor Acadêmico da UPF, Prof. Agostinho Both.

Propunha-se a criação de um centro que abrigasse estudos e atividades para pesquisas e serviços sobre o envelhecimento humano.

Após várias reuniões incluindo o Grupo Pró-Memória de Passo Fundo, foi aceita a criação de um espaço universitário para idosos.

Em julho de 1990, nascia o CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS E ATIVIDADES DA TERCEIRA IDADE – CREATI, sob a coordenação altruísta do Prof. Agostinho Both.

Em outubro deste mesmo ano, foi aprovado o projeto de institucionalização do CREATI, tendo sido aprovado tanto no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, como no Conselho Diretor.

E o CREATI, plantinha sadia, criou raízes fortes, ramos longos e abrangentes e um ano após sua criação, os Campi da UPF passaram a oferecer as mesmas oportunidades aos seus idosos; ou seja, frutos vistosos de árvore forte!

Em 1993, as atividades do CREATI alcançaram as vilas de Passo Fundo com o apoio do Poder Público Municipal, da 7ª Delegacia Regional de Educação e da Universidade de Passo Fundo.

Passados três anos, em 1996, o Município assumiu inteiramente as atividades da Terceira Idade, sob a denominação de DATI (Divisão de Atenção ao Idoso).

Em fins de 1990, realizaram-se as inscrições do Curso Arte de Envelhecer, das Oficinas do Corpo, de Dança, e de Teatro, bem como de Literatura.

A estas, seguiram-se outras e outras, todas atraindo grande número de participantes.

Ao longo dos anos algumas oficinas foram sendo substituídas por outras, para melhor atender os anseios de seus alunos.

Hoje, com vinte e quatro anos de existência, o CREATI acolhe incontável número de idosos, que lá rejuvenescem no convívio e amizade com os demais, trocam experiências, aprendem e ensinam, esquecem problemas, acolhem, abraçam, amam e sentem-se amados.

O CREATI, através de seus participantes, constitui-se numa fonte de sabedoria e experiências, fonte de vida.

Quem dera, todos os idosos tivessem o privilégio de fazer parte desta diferenciada instituição.

Data : 03/08/2018

Título : GRUPOS NA TERCEIRA IDADE

Categoria: Crônicas

A solidão, segundo o Dr. Mesquita, é a pior inimiga de alguém que se encontra em idade avançada.

É um problema mais frequente do que se imagina.

À medida que a pessoa envelhece, vai perdendo a memória, aparecem mudanças físicas e na personalidade e, muitas vezes, fica sem os devidos cuidados e atenções porque os familiares estão envolvidos em suas atividades diárias.

O número de idosos aumenta a cada dia, dada a longevidade que está em crescente.

É maravilhoso viver mais desde que em condições dignas, com os necessários cuidados da vida e saúde.

Ao meu ver a criação de grupos para a Terceira Idade voltados para os nossos idosos, foi uma das coisas mais bem pensadas.

Deviam existir em número suficiente e serem capazes de abranger todos os idosos que ainda não estão em situações mais graves, dependentes de cuidados contínuos.

Na convivência em grupos onde as pessoas conversam, riem, dividem experiências, ocupam-se com atividades manuais para doações, praticam dança, ginástica, ioga, atividades aquáticas, realizam viagens e excursões, participam em oficinas do bem viver, da fala e outras mais, idosos rejuvenescem, vivem novas experiências de amor, alegram-se e reabastecem-se de energia e ânimo.

Assim ocupados, não alimentam pensamentos negativos e inúteis.

É uma tendência quase natural a mulher ocupar-se com atividades manuais. Por vezes ela nem sabe quanto habilidosa é, quanto de satisfação isso lhe traz.

Difícilmente a pessoa que participa de grupos não melhora seu humor e sua saúde.

“A melhor terapia para vencer a solidão é a integração familiar, o convívio com amigos e a prática de exercícios físicos, o que torna o envelhecimento mais longo e aceitável”, diz Dr. Mesquita.

Data : 30/04/2009

Título : Guardem na mente e no coração

Categoria: Crônicas

Dos vários passeios e visitas aos lugares turísticos ou históricos de Porto Seguro o que mais me fascinou foi um passeio de chalana nas águas do rio João de Tiba, cujas águas desembocam no mar, próximo à cidade de Santa Cruz Cabralia, 23 km de Porto Seguro.

Os guias nos acompanharam até o local de embarque onde fomos recepcionados por sete marujos impecavelmente uniformizados. Simpáticos, alegres, descontraídos. O comandante de microfone em punho, nos descrevia a paisagem: mangue, ilhotas, lama negra milagrosa.

A embarcação fez sua primeira parada junto à dita lama onde marujos e turistas misturaram-se aguardando pela aparição do “monstro” que ali habitaria. Após suspenses mil, apareceu o tal monstrengo, que se encarregou de completar a diversão.

A brincadeira durou meia hora e, tirada a lama na água do rio, todos ocuparam seus lugares na chalana para seguir rumo à praia deserta de Santo André, passando pela paradisíaca ilha de Pontal da Bota, ou Bota da Itália, por causa de seu formato. Hoje ela se encontra desabitada.

Passada a ilha, a paisagem é fascinante. O rio e o mar se deparam com os arrecifes de coral numa enorme extensão. O rio vai acompanhando tranqüilo a barreira enquanto o mar se debate quebrando suas ondas contra a barreira de arrecifes.

Todos procuram filmar ou fotografar a paisagem. Foi quando o comandante ordenou que a chalana fosse encostada bem próxima aos arrecifes e seu motor foi desligado. O momento era propício à reflexão e o comandante solicitou de todos que, diante de tanta beleza, elevassem

o pensamento ao criador, agradecessem os bens recebidos em especial a vida e gravassem as imagens não em fotos ou filmes, mas com a lente dos olhos e do coração.

Dizem os habitantes que neste local, Cabral e sua comitiva abasteceram-se de água potável, lenha e tiveram seus primeiros contatos com os indígenas.

Em outra de nossas saídas, visitamos o local de desembarque da frota, onde num ilhéu hoje desaparecido, foi rezada a primeira missa do Brasil. A segunda missa foi celebrada em terra firme. O local está marcado por uma grande cruz de madeira. A original foi levada a Portugal. Por ocasião dos 500 anos do descobrimento, a Rede Globo mandou erguer, em mármore, um belo monumento o qual também possui enorme cruz e ali foi celebrada a missa do quinto centenário da descoberta do Brasil, durante a qual um representante dos índios Pataxós, o índio Matalauê, falou em nome de seu povo, criticando a postura da igreja e dos portugueses, dizendo:

“Esta terra é nossa e vocês não sabem respeitar. Nosso povo foi dizimado como os pajés previam. Foram 500 anos de preconceito, dizimação, violência. Hoje, querem afirmar a qualquer custo, a mentira do descobrimento.”

Data : 03/08/2018

Título : HERÓIS

Categoria: Crônicas

Tenho grande admiração por este jornalista, escritor, cineasta, poeta e apresentador brasileiro. Simpático, charmoso e inteligente, foi correspondente internacional cobrindo a Guerra do Golfo, a queda do

Muro de Berlim, comandou o Fantástico, formou um grupo de recitais devido a sua forte ligação com a poesia, publicou o livro “Roberto Marinho”, uma biografia póstuma autorizada e teve outras participações importantes em apresentações, traduções e interpretações.

Falo do conhecido e reconhecido Pedro Bial.

Contudo, para meu espanto e de milhões de brasileiros, este famoso apresentador está, desde 2002, no comando do reality show Big Brother Brasil, transmitido por emissora de TV aberta do Brasil; programa este que na visão de inúmeros e inconformados cidadãos, é a síntese do que há de pior na TV brasileira, é a morte da cultura, de valores e princípios, da ética e da dignidade. é uma afronta escancarada ao pudor, um mar de vulgaridade, um desserviço à sociedade, a total banalização do sexo, e, em resumo, pura baixaria e safadeza.

No entanto, dada a capacidade do apresentador, o programa atrai multidões e a emissora que o transmite arrecada milhões em reais a cada dia de audiência.

Não consta que este dinheiro tomado do povo que, ingênuo faz um número incontável de ligações para opinar sobre a saída ou permanência de um participante, seja aplicado em programas de combate à fome ou à miséria, em moradias novas, ou em melhorias ao ensino e saúde públicos.

E o simpático apresentador saúda os participantes, chamando-os de “meus heróis”.

Eu os vejo como fantoches, peças manipuláveis, incautos, que ao sair da casa nada acrescentaram ao que eram quando lá entraram, joguetes na ingênua ilusão de que passaram a ser importantes por terem feito parte de um circo, palco de tudo, menos de atos valorosos!

Bial, “herói” é um termo muito forte, aplicado a alguém que trabalha de sol a sol para ganhar um míngua salário e conseguir sustentar seus quatro ou cinco filhos, pagar aluguel, água, luz...

Herói é aquele indivíduo que cata lixo, restos de comida para não perecer de fome e miséria e dorme sobre um pedaço de papelão ou trapo sujo.

Herói é aquele professor que no dia-a-dia enfrenta uma sala repleta de alunos vindos de famílias que em sua maioria descarregam sobre a escola as responsabilidades da educação de seus rebeldes filhos, alunos que não respeitam, retrucam e desacatam os professores, os quais, ao final do mês recebem irrisória remuneração.

Herói, Bial, é o agricultor que faz a sua plantação na esperança de uma boa colheita e que, com as intempéries imprevisíveis, tem sua produção reduzida ou senão totalmente perdida. Até a vaquinha do leite para os filhos perece de fome e sede. Não morre, no entanto, sua esperança.

Heróis são os lixeiros, varredores de ruas, catadores de lixo, que não se envergonham de sua profissão e que não são valorizados.

Heróis, hoje, neste mundo dissoluto e complicado, são os pais e mães de família que lutam pela educação dos filhos, que trabalham para que estes não se tornem escravos da droga e possam escrever uma história de sucesso e honra.

Bial, inteligente quanto você é, que tal ser o apresentador de um Big Brother diferente, onde os participantes fossem incentivados a ler, pesquisar, estudar, criar para vencer as provas e paredões?

Imagine-se o bem que poderia ser prestado à sociedade, num repaginado BBB, de cunho cultural, que enfocasse o conhecimento e o saber, a cultura e o desenvolvimento pessoal e social de quem participa e de quem assiste?

Nem tudo está perdido, Bial; a menos que se insista acreditando que o programa está bom na medida em que continua contaminando o povo com uma carga de bobagens diárias. Como o programa está hoje, meus pêsames, Bial... já não posso dizer que o admito tanto por fazer frente a tamanho desserviço à sociedade brasileira.

Data : 30/04/2009

Título : Importa viver

Categoria: Crônicas

Nunca havia pensado que toda flor precisa ser cortada antes de chegar ao vaso, e que isto dói...

Em geral levam-se aos vasos as flores mais lindas, as que deliciam nossos olhos.

Suponho que esta flor tenha sido tratada com esmero. Se fosse minha, teria terra boa, regaria sempre que necessário, limparia suas folhas de toda impureza, tomaria a flor em botão e a acariciaria e conversaria com ela.

Feito tudo isso, lhe cortaria a seiva? Estranha atitude. Cortar dói!

A vida é isto aí. Fomos feitos para sermos felizes. Se voltarmos nossa mente ao passado, à infância e mesmo como adultos, tivemos muitos momentos de felicidade.

Penso as vezes que viver em constante felicidade tornaria a vida monótona. é bom que ocorram os períodos negros em que o sol parece se esconder de nossa vida, que o sofrimento nos acabrunha, a dor nos deprime, os problemas nos sufocam. Ressurgimos fortalecidos, maduros, adultos, com capacidade de discernimento e crescimento.

A dor e o sofrimento são grandes mestres.

Existem drogas rejuvenescedoras, capazes de fortificar o físico e despertar o intelecto. As pessoas, principalmente de mais idade, precisam ingerir suplementos que a estimulem, a tornem mais alegre, disposta, ativa.

As dificuldades fazem parte de nossa vida e como as alegrias não devem ser esquecidas. Foram degraus que nos ajudaram subir.

Gosto da lição aplicada à árvores que não quer produzir frutos: machucar-lhe o tronco com pedras ou paus. Parece que esta atitude a desperta para função que lhe é inerente: produzir frutos.

Somos iguais: devemos produzir frutos de vida e sabedoria. Se não nos decidirmos por nós mesmos, os tropeços, os fracassos, as quedas nos levam a atitudes produtivas.

A vida, quem a entende? É maravilhoso viver. Vivamos, pois!

Apagar as agruras da vida somente, seria humanamente impossível. Nem deveríamos querer que nos tirassem o que foi tão nosso.

Eu me considero vitoriosa, por haver conseguido superar tanta coisa ruim nos caminhos da vida e estar aqui, vitoriosa.

Data : 03/08/2018

Título : INDIFERENÇA ÀS DIFERENÇAS

Categoria: Crônicas

Ouvi nesta semana a expressão acima e digo que não prestei atenção ao que se seguiu, pois esta afirmativa fez-me desviar o foco da conversa.

Indiferença é a negação da diferença. É um entrave muito sério a uma vivência fraterna e amigável.

E pensar que não há duas pessoas iguais, que somos únicos. Por vezes nos parecemos fisicamente com alguém, num todo, mas cada parte do físico comparado ao do outro, é desigual. Isto sem comparar os dons, aptidões, temperamento, desempenho dos sentidos, da fala, da memória...

E é nesta desigualdade toda que reside a beleza da vida.

Se em alguns aspectos temos direito à igualdade, em outros temos o mesmo direito de sermos diferentes.

Lutamos pela busca da igualdade ao mesmo tempo que reivindicamos o direito às diferenças.

Contudo, se temos o direito de reclamar igualdades e diferenças, o mesmo não ocorre com as capacidades e dons existentes e desenvolvidos em cada um. É a estas diferenças que não podemos ficar indiferentes. Devemos respeitar todas as pessoas, suas capacidades e a forma de elas externarem seus dons, sua maneira de ser e agir.

Elas, as pessoas mais dotadas, com maiores oportunidades na vida, com mais visão, mais desenvoltura, não podem menosprezar as pessoas que, com ou sem culpa, não desenvolveram suas aptidões tanto quanto aquelas e serem por isso deixadas à margem.

Acontece, no entanto, com certa frequência e facilidade, haver atos discriminatórios e as pessoas sentirem esta rejeição.

O egoísmo, as injustiças sociais, o grau de instrução, raça, cor, posição social e até a religião, por vezes criam abismo intransponível entre os humanos.

No mundo somos iguais e diferentes, mas não temos o direito de sermos indiferentes.

A indiferença é o instrumento dos fracos, unida ao medo da vida que a todo instante nos coloca frente a decisões e envolvimento.

A indiferença mata sem matar e é uma cruel agressão.

O fator diferença anda com uma percentagem bem elevada em todos os meios sociais. Dificilmente alguém poderá afirmar que não discrimina alguém, que aceita integralmente a todos com sua carga diferencial.

Encontrei na edição especial da Revista Época, nº. 826, do mês de março de 2014, uma afirmativa de Giorgiana Guinle, que diz de seu pai Jorginho Guinle, o playboy mais famoso do Brasil: “Ele nunca diferenciava as pessoas. Tratava os garçons e as celebridades de maneira igual. Não tinha inimigos, só invejosos.”

Este tema “Diferença e Indiferença”, complexo e de difícil prática e vivência, mereceria um estudo aprofundado já que constitui o dia a dia de nossa vivência em todos os setores da sociedade.

Sobre o assunto, o grande estadista e imortal, Rui Barbosa, nos deixou praticamente um quebra cabeça, ao dizer:

“A regra da igualdade não consiste senão em aquinhoar desigualmente aos desiguais, na medida em que se igualam. Nessa desigualdade social proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. Tratar com desigualdade a iguais ou a desiguais com igualdade seria desigualdade flagrante e não igualdade real.”

Data : 03/08/2018

Título : JANELA ABERTA

Categoria: Crônicas

Seis e trinta. A manhã fria, lentamente acorda. O céu vestiu pesadas nuvens em tons cinza, salpicadas por flocos esbranquiçados que, aos poucos vão se alongando em tiras disformes, cobrem o azul do céu, separando-nos do sol que sem se importar com a cor e espessura das nuvens, chega deixando poucos de seus raios penetrarem nas nuvens menos densas, como para dizer: estou aqui!

Junto ao horizonte, nuvens avermelhadas prenunciam a proximidade da chuva.

Um dia como tantos outros, diríamos. Mas não.

Este cenário grandioso que nos cobre, jamais se repetiu desde a criação do mundo e jamais se repetirá, independentemente de quantos milhares de séculos o mundo venha subsistir.

É a magnitude da criação, a onipotência do Criador.

E a natureza que nos cerca em seus intermináveis tons de verde, segue obediente às ordens do Criador, quais sejam, de reproduzir-se, manter-se viva, alegrar...

Se realmente soubéssemos ver e admirar a natureza que, embora mal cuidada por nós, se renova a cada dia, revestindo-se de diferentes roupagens conforme o clima e a estação do ano, entenderíamos que é a continuidade do Éden, jardim que foi criado para abrigar a obra máxima da criação: NÓS, os seres humanos.

E, presenteados por tamanha maravilha, reclamamos do calor do sol, da intensidade do frio, do vento e da chuva, da monotonia dos dias, reclamamos de tudo. Somos eternos insatisfeitos, mesquinhos e egoístas.

Da janela de onde, pela manhã, eu vira o firmamento e, da copa das árvores, saírem milhares de pássaros em revoada como que levados pelo vento, agora, após um dia chuvoso e frio, algo me chamou atenção. Sobre as árvores desprovidas de folhas e no emaranhado dos ramos secos das três-marias, havia um número incontável de flocos como que de algodão.

Não consegui distinguir o que era, só sei que antes não havia aquilo. Fiquei a olhar, olhar... Eram pássaros de retorno do dia passado em outras ramagens, e que pousavam nos poucos espaços que sobravam.

Caía uma chuva fina e fria, mas eles haviam marcado encontro ali para um bate papo ou planeja o próximo dia, ou, simplesmente, para criar um novo e irrepetível cenário.

Afastei-me por um instante da janela e, ao retornar, todos haviam se recolhido sob a copa das árvores, para o merecido descanso.

E nós, criaturas inteligentes, preocupados com os valores materiais, não nos damos conta da constante renovação da natureza, de tudo o que nos cerca e de nossa própria mutação.

“No gesto de amanhã, nem eu serei o que sou hoje; serei outra como o meu gesto” – Elisa Lucinda.

É bom, seguidamente olhar pela janela aberta e admirar o quanto de belo a vida tem a nos oferecer.

Data : 03/08/2018

Título : JANELAS ILUMINADAS

Categoria: Crônicas

Noite dessas, da sacada do apartamento em que resido, olhava a porção da cidade que dali avisto.

Diferentemente das vezes que faço isto, a visão que tive deste quadrante da cidade, estava diferente.

Havia muitas janelas iluminadas, prédios inteiros iluminados. Deu-me a impressão de que todos os moradores, combinados entre si, estavam com as luzes acesas, naquele horário previamente estabelecido.

Janelas de todos os tamanhos, luzes brancas, amareladas, mais intensas, mais fracas. Chamou-me a atenção e aí fiquei a olhar e a imaginar.

Quem moraria em cada apartamento? Que estariam fazendo? As crianças brincariam sobre os tapetes ou assistiriam a um programa infantil.

Os jovens, provavelmente estariam na faculdade ou fazendo deveres escolares, quando não trancados no quarto ocupados com o celular ou computador.

As mães, ocupadas em desfazer a mesa do jantar, pondo ordem na cozinha, planejando o novo dia.

Os pais? Estes descansando dos afazeres do dia, embora as mães também precisem de descanso, dada a dupla jornada da maioria delas.

As preocupações com a família, com o trabalho, com as finanças, tomam vez.

É no silêncio da noite que tanto o pai quanto a mãe se preocupam com a sorte dos seus filhos e buscam soluções.

Onde andarão eles, na escola ou na rua, com que companhias, fazendo o que? E se estão em casa, por que preferem ficar sós, trancados no quarto, esquecidos do convívio familiar e de seus deveres de filhos?

Outra preocupação que martela forte a cabeça dos pais que estão no interior daquelas salas iluminadas, é o fator econômico. Mês após mês as despesas da família crescem; não que comprem mais, não. É a inflação que caminha a passos longos e rápidos. Tudo sobe, tudo cresce, menos o salário que fica cada vez mais distante e diminuto.

Aí, pai e mãe, que estão naquela sala iluminada, refazem o orçamento, cortam aqui e ali, escrevem e reescrevem e a preocupação vira vulto.

Apagam as luzes por necessidade ou economia, tomam um banho rápido e vão repousar.

E então, volto a olhar para os prédios agora com poucas janelas iluminadas. A cidade dorme e, com ela, dormem os pais e filhos que moram naqueles apartamentos de janelas antes iluminadas.

Amanhã será um novo dia, um novo recomeço para eles e para a pequena chama da esperança, que também mora com eles naquelas janelas iluminadas.

Data : 30/04/2009

Título : Juntos, eu consigo

Categoria: Crônicas

Não foi o primeiro encontro que marcamos, eu consigo e eu novamente não apareceu.

Fico me perguntando qual o motivo para mais uma vez adiarmos este compromisso.

Parece estarmos brincando de esconde-esconde. Quando eu aparece tentando dialogar consigo, rapidamente me encolho em meu casulo secreto e desarmo eu que se afasta desapontado.

Embora vivamos juntos, mal nos conhecemos. Interessante, devemos ter os mesmos gostos, porque embora a frieza de eu consigo, teimamos em viver sob o mesmo teto. Desconfio que eu tenha receio de encontrar-se consigo para que não lhe descubra suas limitações ou as qualidades positivas, que não quer repartir consigo.

Ambos, conhecemos bem quem vive conosco ou vizinho a nós. Eu consigo vivemos emitindo falsos juízos a seu respeito, por vezes reconhecemos suas boas qualidades e o bem que pratica. No entanto, eu consigo não conseguimos sentar para nos olhar frente a frente, nos conhecer, trazermos à claras nossas igualdades e diferenças, discutirmos as razões que nos levam a fugir de nós e sermos tão desconhecidos. Juntos em nosso trabalho, lazer, descanso, eu consigo poderíamos ser tão diferentes, ser tão mais agradáveis, leves, sem ter de carregar esta sina de estarmos sempre nos escondendo e adiando encontros.

Por vezes eu grito consigo, quer alertar-me de algo errado, de alguma omissão, mas abafa seu grito ocupando-me com coisas supérfluas, no intuito de não escutar seu apelo.

Não pense eu que ando satisfeita em viver adiando este encontro consigo, não.

Já se passaram tantos anos e tanto eu quanto eu, sabemos que nossos dias estão contados.

Eu, queria muito saber quem você realmente é e como é. Conhecer-te a fundo, olhar-te de frente, contar sempre contigo e percorrer juntos, eu consigo, o caminho da felicidade.

Data : 30/04/2009

Título : Laços e pealos

Categoria: Crônicas

Pealaste-me como quem joga o laço sobre um animal em tresloucada corrida; iludiste-me, enganaste-me.

Tuas amarras eram cordas duras e secas que trancaste ao longo de teus dias pelos tortuosos e árduos caminhos que percorreste, machucando teus pés nas pedras e espinhos que atapetavam o chão duro de teu caminhar.

Tuas mãos grossas e calejadas trançavam laços que jogavas ao léo, prendendo, sufocando, armando ciladas, sem dó nem compaixão. Eras viril, forte, insuperável. Eras a força, a massa bruta, a mistura de pedra, ferro e aço. No entanto, te quebraste, caindo sobre ti mesmo. Erraste o pealo.

Tornaste-te um montão de escombros e quando confuso, te reclinaste para recolher teus destroços, ficaste estupefato ao descobrir por entre perdas e enganos, que em ti pulsava um coração bem humano.

Tomaste-o nas mãos e sentiste-lhe o calor, a maciez, a bondade e a honradez; e reviveste, e tornaste-te sensível, compassivo, e recompuseste teu ser, teu viver.

Os laços de couro e espinhos que jogavas com tuas mãos fortes destituídas de sentimento, tornaram-se laços de doçura, afinidade, união, afetividade, sintonia, afeição, amor. Laços são fáceis de soltar; protegem mimos, são sempre aceitos e desejados.

Gosto da palavra laços, a qual pode significar força bruta, prisão, dureza, engano, traição, quanto pode ser sinônimo de união, afeto, bem-querer, delicadeza.

Muitos laços de amor, de todos os tamanhos e cores, sejam jogados ao vento e qual perfume, atinjam muitos corações e mentes neste nosso mundo que esbarra com tanta desunião, ilusões e enganos.

Data : 30/04/2009

Título : Lembrei-me de ti, meu pai

Categoria: Crônicas

Saimos num domingo cedo, rumo a Caxias do Sul, com o propósito de visitar a festa da uva. Fomos devagar, curtindo a belíssima paisagem serrana, parando aqui e acolá, controlando a chegada ao restaurante Giuseppe, em Bento Gonçalves, para a hora do almoço.

Descemos após, para o vale dos vinhedos.

Ali passamos pela cantina dos vinhos Miolo e visitamos a “Cave de Pedra”. Fantástica construção em pedra a qual prima não pela quantidade, mas pela qualidade de seus vinhos. O vinho é envelhecido em barris de carvalho.

Imaginei a chegada de meus antepassados a essas terras dobradas. Quanto devem ter sofrido, quanto trabalharam, quanto suor secaram com suas mãos calejadas.

Ocorre que traziam em seu íntimo uma vontade muito grande de vencer, e venceram.

Tenho orgulho de trazer em mim o sangue destes bravos. Meu avô e bisavô paternos vieram da longínqua Itália, mais precisamente da região de Vêneto.

Rudes, pouca instrução, poucos ou nenhum recurso financeiro, mas donos de uma vontade ferrenha de vencer e crescer através do trabalho e persistência.

Acharam a região favorável ao plantio da parreira e a esta atividade doaram-se inteiramente.

Hoje, passadas três a quatro gerações, lá estão os enormes e inúmeros vinhedos, cultivados com toda a técnica que a modernidade oferece produzindo uvas e vinhos das mais variadas qualidades.

Nos pavilhões destinados à exposição, em vitrines especiais refrigeradas, estavam uvas de cachos enormes, viçosos, sadios, de todas as qualidades cultivadas, de todos os produtores penso eu, tão grande a área ocupada.

Voltei à infância porque meu bisavô e avô, quando papai era menino ainda, vieram da região de Antonio Prado para a vizinha Marau, quando esta tinha não mais que 6 moradores e ali plantaram extensos parreirais com os mais diversos tipos de uvas: francesa, Isabel, Niágara, bordô, champagne, moscatel...

Sentia-me pequena diante do tamanho das pipas e barricas de grápia feitas por eles mesmos, num trabalho totalmente artesanal. Também faziam baldes, gamelas, tinas, tudo com o mesmo material com que eram feitos os recipientes para o vinho.

Meu maior prazer era entrar no lugar ou esmagadeira e pisar as uvas. O suco era passado para as barricas até a fermentação e após para as pipas para o envelhecimento. O bagaço era reservado para a graspa, cachaça feita da uva e até hoje muito apreciada.

O gosto do italiano pelo bom vinho tem sua razão de ser... O amor e dedicação com que iniciaram essa história no nosso país, aqui trago do texto do prospecto turístico que era fornecido na Festa:

“A saudade provocou o gesto,

A mão calejada jogou a semente que a terra ardente logo abraçou.

A lágrima silenciosa molhou o grão.

Que o chão virgem, ao longo da parreira, fecundou.

Veio o vinho, veio o milho, o trigo veio,
Colheu-se a água, juntou-se o sal,
O ovo, mexeu-se tudo com dor e amor
Gerando misturas - a polenta e o pão
Princípio e fim de toda mesa italiana”

Data : 03/08/2018

Título : LIÇÕES DA NATUREZA

Categoria: Crônicas

Sabia de um médico obstetra que em suas horas vagas confeccionava gorrinhos de lã em tricô e cada bebezinho que auxiliava nascer recebia este mimo por ele tricotado.

O médico a que me referir a seguir, tinha por hobby, plantar árvores.

Como possuísse um sítio não muito afastado da cidade, era para lá que se dirigia sempre que possível, a fim de descansar da jornada estafante exigida pela profissão.

Naquela área desocupada, foi preparando o terreno e abrindo covas onde punha as mudas que levava.

O vizinho ao lado observava nobre atitude deste senhor, cuja profissão nada tinha a ver com o hobby.

Uma coisa intrigava o vizinho: jamais vira o médico regar suas plantinhas colocadas no solo dias anteriores.

Suspeitando que não soubesse da necessidade de regá-las a fim de favorecer as raízes a fixar-se ao solo e a plantinha crescer rapidamente, certo dia achegou-se ao médico que estava na faina de seu plantio, elogiou sua atitude e, pelas tantas, perguntou ao nobre trabalhador se não se fazia necessário regar as plantas.

Boa pergunta, disse o médico. Poderia regá-las sim, mas se fizesse isto, as raízes se acomodariam onde estão e ficariam à espera da umidade que vem de cima; a planta tornar-se-ia frágil e vulnerável à ação do vento e das secas e poderia até morrer.

Não as regando, as raízes se obrigam a aprofundar-se em busca de água e alimento e com o tempo, a planta fica mais forte e firme no solo.

Bela lição de vida.

Se no dia a dia esperamos sempre pela ajuda dos outros, se optamos sempre pelo mais fácil, se não formos fortes ante às dificuldades que se nos apresentam, se formos negativos e pessimistas, seremos pessoas frustradas, tudo torna-se difícil, seremos

eternos pesarosos da sorte e do destino, invejosos da sorte e progresso dos mais afortunados.

E o bosque cresceu forte, deu sombra, produziu bons frutos e alegrou seu proprietário que desfrutou de seu serviço, favorecendo a si e à natureza.

Data : 03/08/2018

Título : MÃE

Categoria: Crônicas

Existem palavras curtas que expressam grandeza, poder e majestade.

É o caso de palavras como Deus, Amor, Fé, Céu, Pai, Mãe...

Cada uma delas são infinitas como é o universo.

O grande Mário Quintana referindo-se à mãe, diz: "Mãe, és do tamanho do céu e apenas menor que Deus".

Tão grande o poder da mãe que Ele escolheu uma para encarnar-se, fazer-se humano e assumir a obra salvadora quando a humanidade pecadora jazia em trevas.

Escolheu uma jovem pura, de família humilde e, enquanto humano, chamou-a de mãe.

E Maria não se orgulhava de sua escolha, nem se engrandecia.

Entregou-se por inteiro à sua missão de mãe do Salvador.

E Deus não a poupou das tarefas inerentes aos cuidados e educação do Menino, do desconforto da pobreza, da fuga dos que o queriam matar quando ainda criança, das calúnias e humilhações nos poucos anos de vida pública, da injusta condenação, morte cruel e de receber seu filho sem vida em seus braços.

E esta Mãe não se desesperou, não fez escândalos, foi corajosa, sofredora e forte. Esteve sempre com o Filho em sua missão salvadora, encorajando-o.

Como toda mãe, Maria não viveu para si: sofreu com suas dores, angústias e supostas derrotas como também alegrou-se com as curas, milagres e, principalmente, com sua ressurreição.

O amor de mãe é generoso, forte e poderoso.

Ser mãe não é um título honorífico, mas uma tarefa que exige renúncia, envolvimento e doação. É saber que seu amor-doação nem sempre é correspondido, que seus ensinamentos, por vezes, são deixados à margem, que os caminhos seguidos pelos filhos não são os que ela indicou.

Assim como as mães se alegram pelas conquistas dos filhos, pelo bem por eles praticado, muito sofrem com a ingratidão dos filhos e com o desvio dos mesmos da prática do bem.

Sabendo da grandiosidade da missão das mães, na continuação de sua obra criadora, Deus dotou-as de um coração generoso, de grande sensibilidade emotiva, de resistência ao sofrimento, coragem e muito amor.

“Deus reuniu todas as águas, chamou-as mar; reuniu todas as graças, chamou-as Maria”.

Às mães, Maria é exemplo total, o que muito conforta.

Maria, és do tamanho do céu, e apenas um pouco menor que Deus.

Data : 30/04/2009

Título : Mais flores, menos fissuras

Categoria: Crônicas

Seguia eu, por uma rua, num domingo cedo. Na minha frente iam dois senhores que, por suas vestes simples, mostravam ser do interior. Conversavam entre si e um deles, a cada pouco, apontava para alguma coisa ao lado.

Como eu estivesse a pouca distância deles, observei que primeiro apontou para as fissuras da parede de uma casa; logo adiante para as rachaduras de um muro de pedra; em seguida, tropeçou com seu chinelo havaianas no calçamento irregular e, mais em frente, lhe chamou a atenção um muro todo rabiscado. Gente simples, gente boa, essa do interior, onde a poluição da cidade ainda não lhes conspurcou a mente.

Como eles, costumávamos ver o lado menos bom das coisas.

Ao invés de só verem falhas, tivessem os dois olhado também para os canteiros floridos, para as construções que apontam para o infinito ou até mesmo para o negro asfalto, caminho para o progresso. É que a gente se acostuma com a evolução e tudo se torna tão natural. Somos peritos em apontar defeitos e muito pouco criativos em solucioná-los. Erros existem, mas coisas boas e certas existem em número muito maior. Basta olharmos para os lados e para o alto.

Nos nossos dias, a educação, a saúde e a família são os pontos mais fragilizados da sociedade. Eles são a base do tripé sobre o qual descansa o mundo. Os três pés devem se manter firmes, para que haja equilíbrio.

Mas, como está a educação nos dias atuais? Como estão nossas escolas? Seus equipamentos? Não estarão nossos mal remunerados e pouco incentivados professores ainda usando aquele velho e amarelado caderninho de anotações feito naquela vez que preparou a aula para o estágio? Estará ele detido apenas ao quadro de giz e a ditar textos?

Poderá a direção de uma escola ao entregar um diploma a um jovem que ali conclui um curso, dizer-lhe “vai, você está apto para enfrentar o mercado de trabalho”? Estará capacitado para enfrentar a luta no seu dia-a-dia, em todos os setores, com avanço

desenfreado das máquinas, dos simples botões que ao serem tocados tudo acionam? Não estará este pé de sustentação do tripé um tanto capenga?

E a saúde, como vai? Os governantes tecem muitos elogios. As casas de saúde primam por um atendimento cada dia mais aprimorado. Os funcionários, abnegados, generosos, magnânimos funcionários; como os admiro!

Em sua atitude de doação quanto bem praticam.

Algum deslize por eles cometido é encoberto por sua grande generosidade. São quase perfeitos em seus uniformes de um branco impecável.

Os médicos? Há bons e dedicados médicos, que vivem intensamente sua missão no cotidiano, que incorporaram o juramento prestado e fazem justiça ao diploma recebido.

Ocorre que a medicina provoca status e, às vezes, o sentimento de grandeza apodera-se daquele jovem médico, especializado em determinada área da medicina, famoso até, mas a sede do enriquecimento lhe corrói seus mais belos sentimentos.

A saúde em si ou para quem possua um bom convênio, está bem, mas a saúde pública, como vai mal!

Basta observar as intermináveis filas do SUS, INSS ou dos postos de atendimento junto aos bairros. Como está deficiente nosso atendimento, como aquele médico, mal remunerado é claro, atende às pressas, com frieza aquele carente de tudo e ao qual uma palavra ou um gesto lhe faria tanto bem. Aqui também há as exceções em se tratando dos médicos. Existem os que exercem verdadeiros sacerdócios junto aos pobres.

E o nosso segundo pé da banquetta está bem em falso.

O terceiro pezinho deve estar normal, pois é a família, o doce aconchego do lar, célula mãe da sociedade!

Como está desestruturada a família onde os meios de comunicação a invadiram, a autoridade dos pais está em jogo, as duvidosas companhias dos filhos, e o uso de drogas um convite ao descaminho.

Do outro lado está o desemprego ou a renda insuficiente a desmontar as famílias, roendo-lhes a base e fazendo-as desmoronar. Acho tremendamente injusto, pais de família remexendo lixeiras para catar algo para levar para casa. Comem restos dos restos que sobraram nas mesas dos mais abastados.

A família não está tão bem, não. E há muito que se melhorar. Cada um fazendo sua parte, dando sua parcela de colaboração, colocando um tijolinho só na construção de uma sociedade melhor, as pessoas sendo mais generosas, menos egoístas, e os governantes, mais realistas e justos; veriam-se mais flores nos canteiros e menos fissuras nos caminhos da vida.

Data : 30/04/2009

Título : Medo

Categoria: Crônicas

Melhor se fosse uma emoção de alegria, de entusiasmo. Esta que me vem a mente agora, e é recorrente sempre que um fato semelhante volta a acontecer, causou-me medo, deixou-me traumas.

Desde jovem sempre tive muito medo de chuvas fortes e do vento.

Era começo de inverno, de um inverno muito austero e chuvoso.

Pelas vinte e duas horas daquela noite, armou-se forte temporal, caindo chuva torrencial durante toda a noite.

Eu não deitei. Como fazia minha mãe, acendi velas e queimei ramos bentos. Rezei vários terços naquelas longas horas.

Pelas cinco horas da manhã, resolvi deitar, mas um ruído como o de um grande temporal que se aproximava, causando-me espanto. Tinha medo de olhar para fora e quando meu marido, por insistência minha, resolveu fazê-lo, levou um grande susto e me chamou. A região em que morávamos, por sinal uma baixada, estava como que um mar revoltado. Onde deveria haver a rua, se via apenas os soldados do corpo de bombeiros com crianças e mulheres às costas, tirando-as de se afogarem ou serem levadas pelas águas.

O desespero tomou conta de mim. Eu queria sair. Tinha uma filha de poucos meses. Tomei-a ao colo e queria pô-la em lugar seguro. Não era possível sair sem grande risco.

Meu marido pegou panos, colocou-os sob as portas, prensando bem, e ficamos a espera, vendo a água subir com grande rapidez.

Clareando o dia, parou a chuva e a água, lentamente, começou a baixar, deixando rastros de destruição.

Desta vez, a água não entrou em nossa casa, como o que aconteceu pouco tempo depois, quando um riacho que por ali passava e fora canalizado, tornando-se subterrâneo, estourou e em poucos minutos, junto com a forte chuva que se abatia, inundou dezenas de casas, causando desabrigo, mais destruição e muita tristeza.

Foi desta vez que perdemos quase tudo que tínhamos em casa, além de nos encher de medo, medo este que me acompanhou durante toda a vida e que ainda me faz companhia cada vez que o Senhor Tempo e a Sra. Natureza resolvem impor sua fúria sobre nós.

Data : 03/08/2018

Título : MELHOR IDADE?

Categoria: Crônicas

“A velhice é o que é”. Gostei desta afirmativa de Eliane Brum. Estou ficando velha, e daí? Acho isto um privilégio, uma bênção, talvez a recompensa de uma vida bem vivida, sem extravagâncias e exageros.

Dizer-se que a velhice é a melhor idade, a mim parece uma forma de não aceitação de que se está ficando avançado em idade.

A melhor idade ficou para trás há décadas, quando a responsabilidade, as obrigações pareciam pertencer aos pais a quem cabia determinar, prover, educar...

Também melhor idade na vida de uma pessoa considero ser a juventude, quando tudo eram sonhos, alegrias, diversões...

Cada qual tem sua maneira de ser, pensar, agir, diferente de qualquer outro ser humano. Cada qual viveu ou vive a vida como lhe apraz, só não concordo que se diga que a velhice é a melhor idade.

O velho hoje e sempre, com sua sabedoria adquirida ao longo dos anos, sua experiência, suas virtudes e seus valores, seu trabalho todo, deveria receber o carinho e atenção dos seus. Infelizmente não é o que em geral acontece. Muitos anciãos são abandonados à própria sorte, passam os dias sozinhos, sem os devidos cuidados, um peso para a família que muitas vezes os exploram financeiramente, tomando-lhe a já minguada aposentadoria, chamando sua atenção por qualquer transgressão.

Retornando a minha não aceitação de que a velhice seja a melhor idade, pergunto: onde foram as forças que tinha quando jovem, o físico robusto e saudável, a disposição para o trabalho, a saúde de ferro, os passos ligeiros, a longa e farta trança de meus cabelos, uma juventude sadia, regrada e muitos outros atributos?

Assim como os fui recolhendo ao longo dos anos vividos, hoje largo-os ao longo do caminho.

As forças em parte se foram, a pele antes viçosa hoje está fina, enrugada e manchada, doem os pés com suas joanetes e calosidades, unhas encravadas. Doem as pernas, os joelhos, as costas, a coluna, os braços. É uma prótese aqui, outra ali. A artrite retorce os dedos, a osteoporose desgasta os ossos deixando-os fracos e esponjosos.

É a cabeça que dói, a memória que falha, sem falar da audição e visão deixando-me na mão quando mais preciso delas.

É a falta de ar e o coração que bateu tanto, sofreu tanto, foi forte, foi generoso, foi bom, foi mau, foi fiel, suportou todo tipo de sentimentos e hoje anda um tanto cansado.

E daí? A velhice é a melhor idade da vida?

Onde está o reconhecimento a estas pessoas por parte dos órgãos públicos, a pessoas estas, que muito deram de si e muito fizeram em prol da sociedade?

Acho de grande importância o respeito aos velhos, mestres do saber, bibliotecas itinerantes.

Não chorem sobre seus túmulos. Imitem-nos em sua sabedoria e exemplos enquanto ainda vivem.

Data : 03/08/2018

Título : MEMÓRIAS AFETIVAS

Categoria: Crônicas

Há fatos na vida que nos marcam e acompanham para sempre. A memória é um prodígio. Tudo grava, tudo registra e por vezes estes acontecimentos sobem à tona e nos trazem boas ou más recordações, como é o caso que ocorreu comigo nos idos de 1946, quando estava na primeira série do ensino básico.

O estudo era a coisa mais séria e prazerosa que se podia imaginar. Havia disciplina, respeito aos mestres e uma vontade muito grande de aprender.

Em maio daquele ano, já lia correntemente. Naquela primeira série primária aprendi, de cor, as tabuadas, as quais jamais esqueci.

Neste ano também, tive vários furúnculos no bumbum, que me impediam de sentar, e eram bem doloridos.

Os bancos da sala escolar eram de madeira, cabendo dois alunos em cada. Se eu sentasse do lado oposto, resolveria a situação, mas como era muito envergonhada, jamais falaria do “problema” para a professora.

Por conta e risco pedi à colega de classe (como era chamado o banco) que trocasse de lugar comigo. Ela assentiu, mas assim que a aula começou, a professora, irmã religiosa vinda da longínqua Suíça, notou a troca e mandou-me imediatamente retornar ao meu lugar, acompanhada de bela reprimenda. Não deu outra: um dos doloridos furúnculos estourou. Cheguei em casa com a roupa toda manchada.

Outro fato que seguido vem à tona é o que relato a seguir. Nas antigas e numerosas famílias italianas, comia-se muito bem. Havia de tudo em abundância e tudo era produzido por lá mesmo. Comprava-se sal, açúcar e café.

Nunca esqueço das prateleiras da despensa lotadas de latas de mel, melado, chimias, banha..., do outro lado a prateleira do pão com o tabuleiro da polenta, queijo e salame.

Não havia controle quanto a hora de se servir. A gente se servia sozinho e, na maioria das vezes, comia-se por gula.

Contudo, tinha um doce que nos era proibido. Era só para as visitas, as comadres que não eram tão poucas. Mamãe fazia doce de figo ou marmelada mais consistente que guardava em caixinhas de madeira com tampa de correr. Dificilmente nos servia tal guloseima mas quando vinha visita, e ela servia o café, abria a caixa e cortava fatias fininhas do doce que dispunha em um prato.

Meu irmão e eu achamos a maneira de, vez ou outra, provar daquele doce especial: mamãe ia de frente para trás e nós vínhamos de lá para cá. Um belo dia nos encontramos. Ela nem procurou os culpados e a surra foi no primeiro encontro.

E a cesta de bolachas caseiras que mamãe dependurava no teto da sala da casa de dormir?

A gente era criança e tinha vontade de alguma guloseima diferente.

Não era conhecida a afirmativa que diz que as melhores coisas devem ser servidas aos de casa.

Adiantava benzer dos vermes!!

Data : 30/04/2009

Título : Meu nome é...

Categoria: Crônicas

- Hey... hey... psiu.. menininha!?

- Como te chamas?

- Meu nome é...

- Ah...já sei. Os outros te chamam assim.

- Entendo...

- Quantos aninhos tens?

- Tenho...

- Sei, sei. És muito linda, viçosa, tímida. Teu rosto é encantador, tua pele aveludada, teus olhinhos, duas estrelinhas.

- Quem é você?

- Ah, queres saber quem sou? Nunca me viste?

- Não.

- Dize-me linda criança, onde moras? Quem são teus pais?

- Moro...

- É! Gostas de morar aqui? Aqui tudo é grande, espaçoso. Quantas árvores, grama, animais...

- Eu...

- Sei, sei. Queres dizer-me que aqui o ar é puro, a brisa suave, muitos passarinhos voam e cantam o dia inteiro.

- Queres dizer-me também que ao redor desta casa grande tem muitas flores e que as abelhas vem sugar-lhe néctar.

- Sim tudo isto e...
- Menininha, estou gostando de ti. Pareces ser bem esperta e inteligente.
- Mas, dize-me: tens irmãos?
- Dois mais...
- Certo, certo. São vários. Legal.
- Brincas com eles?
- Um pouco, mas...
- Ah! Sei. Precisam trabalhar e ajudar os pais nos afazeres.
- Que fazem vocês?
- Vamos no mato...
- Oh! Lembrei de Joãozinho e Mariazinha. Vão no mato buscar lenha, catar ovos nos ninhos, comer frutinhas silvestres, brincar um pouquinho dependurados nos cipós que caem dos galhos...
- Como sabe...
- Ias perguntar como sei disto? É que a vida de toda criança que nasce e vive no interior se assemelha, minha querida.
- Dize-me, quem são teus pais?
- Papai...
- Sei, sei. Ele trabalha na lavoura, lavra, roça, planta, limpa, cuida da criação.
- E a mamãe? Ela só cuida da casa?
- A mamãe?...
- Mesmo? Além de fazer todo o serviço da casa como cozinhar, cuidar das crianças, costurar, remendar, lavar, ordenhar as vacas, vai na roça ajudar o papai?
- Mamãe é uma...
- Sei, sei. Ias me dizer que mamãe é uma heroína.
- Tu vais à escola?
- Eu?
- Sei. Você é muito novinha e precisa cuidar dos irmãozinhos menores porque os mais velhos vão ao colégio.
- Você tem vontade de ir á escola?
- Não vejo...
- Sei, não vês a hora de ir ao colégio mas vais á catequese, com teus poucos anos, só seis, sabes todo catecismo de cor. Brava!
- Já falei bastante contigo, pequena linda criança, sê sempre obediente a teus pais e cresce bem saudável... Aproveita tua infância porque o mundo dos adultos não é lá muito bom, não. As pessoas grandes tem inveja, são injustas, não são sinceras. Sabe, querida, gostei de ti.
- Mas a senhora não me deixou falar. As pessoas grandes falam sozinhas!

- Verdade pequena. As pessoas grandes falam quase sozinhas porque acham que sabem tudo ou quase tudo.
- Dize-me, você assiste os desenhos animados da TV?
- Não sei...
- Pobrezinha, não sabes o que é TV?
- Por certo brincas com as bonecas? Quantas tens?
- Bonecas?
- Nunca ganhaste uma boneca? Com que brincas?
- Fazemos...
- Fazem bonecas de pano e mamãe borda o rostinho? Que legal...
- Mas, senhora. Não quer saber meu nome?
- Fala depressa então porque o tempo voa, não sabes, menina?
- O tempo voa? Aqui só os passarinhos voam, senhora... E o meu nome..., é "Saudades"..

Data : 30/04/2009

Título : Minha foto preferida

Categoria: Crônicas

"Nas fotos as pessoas sempre parecem felizes". Esta afirmação tem suas razões de ser. A foto eterniza aqueles momentos. Você está vivendo um instante diferente e como sabe que ficará par a posteridade, que será vista por seus descendentes, que em alguma ocasião sairá do baú das recordações e sobre ela serão tecidos comentários, você capricha seu visual e mostra-se bem mesmo que não esteja.

Quando se olha uma foto, ela nos traz muitas lembranças, principalmente se for antiga.

A minha primeira foto foi batida quando devia ter uns cinco anos. O retratista, como chamávamos este tipo de profissional naqueles longínquos anos, foi à nossa casa. Sentaram-me no chão junto a uma parede e puseram em meu colo minha irmãzinha Helena, de poucos meses. Fiquei sisuda para imortalizar aquele momento que de especial não tinha nada. Mas guardo hoje, na primeira página de um álbum de fotografias, aquela foto, que ao ser batida, certamente acelerou meu coração com escondidos sentimentos de felicidade.

No entanto, a foto que acho linda e que ao vê-la fico tomada de emoção, foi a da 1ª Comunhão realizada no dia 28/10/1945.

Tudo naquele dia foi marcante: o vestido branco comprido, o véu e a guirlanda bem simples que mamãe e uma tia colocaram sobre meu cabelo, o tercinho branco nas mãos, as mil recomendações da religiosa para que não nos distraíssemos, rezássemos e cantássemos forte. Como esquecer aquele anjinho de lindas asas abertas que acompanhava cada criança até a mesa da Eucaristia? Até aí nada de fotos.

Terminada a cerimônia, todos em fila, nos dirigíamos a uma sala do colégio quase unida à Igreja e aí, para mim a mais linda imagem do Cristo em papelão, com o cálice numa mão e a hóstia na outra, nos aguardava para a sonhada foto.

Fiz minha 1ª Comunhão junto da Delma e do Laudi - o Nino -, meus irmãos queridos, mais velhos do que eu. Mamãe não queria que fizesse com eles, pois a roupa usada por minha irmã serviria no ano seguinte para mim. Como eu, no alto dos meus seis anos sabia todo o catecismo de cor, o vigário autorizou que eu fizesse nesta data.

Voltando à foto: meu irmão ajoelhou no genuflexório perto do Cristo; minha irmã e eu ficamos de pé. Um vaso com copos de leite e lírios brancos, bem localizado entre nós e a imagem, refletia a pureza e inocência daquelas crianças.

Depois desta foto, passaram-se muitos anos para que novo acontecimento fosse registrado fotograficamente.

Olhando esta foto, concluo, pois não lembro que alguém tenha me dito, que fui uma criança muito linda, saudável e feliz.

Data : 03/08/2018

Título : MINHAS PRIORIDADES

Categoria: Crônicas

Confesso que nunca havia parado para pensar com mais clareza nas minhas prioridades, a fim de estabelecer uma escala de valores.

Simplesmente vai-se vivendo, dia após dia.

Toda pessoa precisa estabelecer para si, as devidas metas a seguir, fazer uso de um filtro para diferenciar o que é correto do que não é, o mais e o menos importante.

Estes valores os adquirimos na infância através da educação recebida na família e na escola. Com o passar do tempo e chegando à maturidade, novos valores podem ser agregados aos primeiros.

É importante que sejamos fiéis a estes princípios, pois desta fidelidade depende nossa felicidade.

Cada pessoa traça sua escala de valores e é fato que nos sintamos mais próximos daqueles que tem princípios semelhantes aos nossos.

Como base, particularmente, poria os cuidados com o corpo.

Nos alimentamos para manter o corpo o mais possível sadio para com ele exercer as atividades diárias. O físico sadio é fundamental. “Mente sadia em corpo sadio”.

Além do alimento, nosso corpo precisa ser protegido, ou seja, agasalhado. É neste item que a mulher, principalmente ela, se perde em coisas desnecessárias.

Os comerciais criam os desejos os quais nos levam a consumir. Adquire-se, por vezes, em prejuízo do necessário. Não vivemos para consumir, mas consumimos para viver.

Na vida, nos sentimos bem à medida que sabemos guiar-nos pelo necessário.

O consumismo é, por vezes, sinal de vazio interior, da vitória do materialismo e a falência da espiritualidade.

Como homem algum é uma ilha, precisamos conviver com os demais, pois a solidão destrói; mas não significa que tenhamos que agir como os outros para conviver com eles. As coisas materiais jamais substituem a convivência.

Em sequência, cito os valores humanos ou universais tais como

justiça, lealdade, paz, sinceridade, generosidade, solidariedade, honestidade... valores de ordem moral do ser humano, válidos para todos.

Seguem-se os valores espirituais, os que cultivo em meu interior, dos quais sou diretamente responsável, os que dão o real valor à minha vida: fé, esperança, caridade, humildade, oração, prática do bem.

Em resumo, o corpo, a vida, o espírito, não nos pertencem. São obras do Senhor que nos deu em benefício próprio e de nosso próximo.

Dosar o peso da importância que damos a cada um desses valores, é escolha pessoal; esquecer deles é insana decisão de vida.

Devemos dar ao nosso corpo o cuidado que lhe convém e ao nosso espírito o valor de um bem inestimável.

Data : 30/04/2009

Título : Não cabe papai!

Categoria: Crônicas

E eu, agora à sombra, na beira da praia. O dia estava convidativo. Já havia percorrido boa distância, pés descalços, alcançados aqui e acolá pelas ondas que chegavam à areia estendendo sua espuma branca. Ao contemplá-la me fez lembrar uma fina toalha de renda, acabamentos irregulares, a deslizar sobre a mesa.

Amo recolher conchinhas. Elas são lindas, perfeitas, simetricamente desenhadas, abrindo seus vincos em leque; umas arredondadas, outras alongadas, as bordas muito finas e delicadas. Não existe uma igual a outra. As cores são indescritivelmente lindas em seus nuances cinza, siena e rosa. O criador as fez uma a uma com a maior perfeição e amor, simplesmente para abrigar, por pouco tempo, um pequeno marisco, ou quiçá, valiosa pérola.

De repente surgem dezenas de conchinhas, todas fechadas, trazidas por uma onda. Deliciei-me ao vê-las e pensei em recolher uma porção delas. Até eu me abaixar para alcançar a primeira, todas elas haviam penetrado na areia branca deixando após si, um orifíciozinho do qual saiam pequenas bolhas d'água.

Por vezes a gente deixa vir à tona o nosso eu infantil e como é bom!

Mas agora eu estava à sombra. Nos dias em que lá estivemos havia muitos casais jovens com seus pequenos. Quanta atividade e criatividade! Os maiorzinhos fazem castelinhos de areia, cheios de torres, ligados entre si por túneis e rodeados por fossos cheios de água para o inimigo não invadir.

Os pequenos cavam buracos com as mãos ou pazinhas e com os coloridos baldinhos correm ao mar e trazem água até enchê-los.

Um pai auxiliava o filhinho na tarefa de cavar um enorme buraco. Carinhoso falou ao pequeno: filho, vamos colocar toda essa água no nosso açude. O pequeno, baldinho azul na mão, olhou para o mar, depois para a agora pequenina escavação e com um angélico sorriso, disse ao pai: não cabe, papai.

Tive vontade de agarrar aquele pequeno e apertá-lo contra mim. Que lição! Lá estava a pequena criatura e o grande e amoroso criador. Ele o oceano e nós uma gotinha dele ou um quase imperceptível grão de areia da praia.

Como és grande e poderoso, meu Deus! Deixa que cada um de teus filhos seja uma gotinha no infinito oceano do teu amor.

Data : 03/08/2018

Título : NAQUELES TEMPOS

Categoria: Crônicas

“Naqueles tempos as casas já nasciam velhas, cálidas, solenes, maternais, sob as telhas portuguesas, em pálidos azuis eram pintadas e em brancos, em ocres e amarelos...”.

É extraordinariamente lindo o poema “Herança” de Aparício Silva Rillo que descreve, com arte e emoção, a maneira como aquele povo simples de corpo e espírito vivia há algumas décadas passadas.

Recordar o passado não é saudosismo, desde que não estejamos apegados aos usos e costumes daquela já longínqua época.

Hoje tudo evoluiu, tudo modernizou e as pessoas também aderiram a esta evolução.

Por isso é gostoso recordar e, muito gratificante, ter vivido em tempos tão diversos dos de hoje.

Nossa velha casa, melhor, um casarão para poder abrigar dez filhos mais os tios que só saiam de lá ao se casar, era, em boa parte, cercada por taipa de pedra, recoberta por trepadeiras, de onde o galo anunciava, com seu canto alguma visita para aquele dia. Era aviso certo. Onde não havia taipa, frutificavam muitas laranjeiras, ameixeiras de inverno e camelheiras, a flor preferida de meu pai.

A velha casa, na verdade, eram duas casas, longe uns quatro metros uma da outra e unidas por uma larga varanda coberta, apinhada de folhagens de vaso, muito aconchegante e onde, no verão, nos reuníamos para a sesta e o chimarrão.

A primeira casa tinha uma espaçosa sala com uma mesa muito pesada, onde podiam sentar-se no mínimo doze pessoas. Era a sala de visitas. Na outra metade da casa estava a cozinha, também com uma mesa grande para as refeições, um fogão a lenha aceso durante todo o dia, um armário para a louça e uma tulha que guardava as farinhas de trigo e de milho ali despejadas quando trazidas do moinho.

Junto a esta primeira casa, uma varanda onde se instalava a vasta e bem fornecida despensa e a grande pia de madeira para a louça.

A segunda casa abrigava seis espaçosos quartos nas laterais de um imenso salão. No canto deste, uma escada que dava para o sótão onde, em barricas, guardavam os grãos de milho, trigo, feijões...

Brincamos muito naquele espaço. Até balanço papai montava para nós, ali.

O porão, sob a casa de dormir, abrigava as pipas de vinho, cachaça e graspa, o que não podia faltar nas casas italianas e, sob a grossa mesa ou dependuradas pelas paredes, muita ferramenta da qual papai fazia uso.

Em frente ao porão, o forno de barro. Se este tivesse memória, só ele saberia contar do número de pães ali assados. Eram de dez a doze, duas vezes por semana e, não eram pequenos.

Depois que eu saí de casa, no início da década de cinquenta, o casarão foi substituído por uma casa estilo bangalô, cinco quartos, duas salas, cozinha, banheiro. Até então era apenas a acolhedora latrina de madeira, disfarçada entre as plantas do quintal.

Dia desses voltei lá. Sabe quando o coração dói no peito apertado?

Lembrei do poema de Odilon Ramos, que diz: “Tapera é o que era e agora não é mais, é um mausoléu de lembranças chorando seus funerais; é a lembrança de alguém que a ergueu um dia com suor molhando a face e o riso alumando a cara e que nunca sonhou que um sonho assim acabasse”. Lá está a velha casa, lá estão gatos, cachorros e os galos ainda cantando sobre as velhas taipas, as camelheiras e as azaleias, as ameixeiras de inverno e os coqueiros esguios; ainda existem algumas roseiras mal cuidadas e um bonito pé de louro.

À porta da casa já não está o velho pai com o semblante cansado e a certeza do dever cumprido, nem a mãe a fazer trança com palha de trigo ou a confeccionar chapéus; também não está amassando o pão, fazendo o queijo ou preparando o almoço.

Mas, o lugar, ainda é maravilhoso, coberto de lembranças queridas.

Data : 03/08/2018

Título : NEGA DALVA

Categoria: Crônicas

Hoje estou emotiva, até um pouco revoltada. Sinto a impotência do ser humano ante o mistério da vida e da morte. “A vida não tem sentido nenhum. Quem veste a vida de sentido somos nós, quando podemos”, diz Pablo Moreno em sua coluna ao Jornal O Nacional, em 14 e 15 de abril de 2012.

E a gente é impotente diante da morte.

Olhava, pela manhã, a colega inerte em seu caixão mortuário.

Semblante sereno, tranquilo, dormindo o sono eterno. Ela não quis estar ali, mas estava.

Muita dor aos familiares e pessoas achegadas, por sinal poucas.

Dalva passou a vida fazendo o bem, encoberta pelo véu da humildade.

Agia de mansinho sem uso de trombones e cornetas.

A cerimônia de encomendação foi simples, singela, aconchegante e reconfortante, num clima de tranquilidade e paz.

Após a cerimônia religiosa, tomando a palavra um seu enteado, teceu bravos elogios e agradecimentos à “Nega Dalva”, expressão que achei de um carinho sem par, dizendo que o pai, antes de falecer, pediu que cuidassem bem da “Nega Dalva”. Penso que devem ter feito, dado o carinho que demonstraram ter entre si e com a mãe que os criou.

Dalva foi nossa colega na Oficina Literária. Todas as quartas-feiras chegava em suas vestes escuras e severas.

Pele morena, alma nobre e coração generoso. Primava por sua humildade, simplicidade, honestidade, generosidade e inteligência.

Era reservada e extremamente comedida. Sorriso fácil, transmitia paz e tranquilidade.

Deixou-nos muito rapidamente não nos dando o tempo de assimilar esta possível grande perda.

Ela jamais estará conosco. A cadeira por ela ocupada permanecerá sempre vazia, mas seus exemplos de vida hão de permanecer conosco para sempre.

Lamentamos sua perda. No entanto, a fé que temos nos diz que ela já recebeu a recompensa pelo bem aqui praticado. A visão de Deus, por si só, já é a maior recompensa.

Dalva, “Nega Dalva”, seja eternamente feliz. Cuide dos seus.

Data : 30/04/2009

Título : Nós

Categoria: Crônicas

“Nós somos as coisas a que demos nome, nós somos as escolhas que fizemos. NÓS SOMOS NÓS ETERNOS”.

Nós, eis o nó da questão. Não quero me referir aqui ao pronome pessoal da primeira pessoa do plural, mas ao laço apertado feito com corda, barbante ou outro material que se preste para isso e que seja difícil de soltar

À primeira vista, a palavra parece apresentar-se como sinônimo de dificuldade, como problema a ser resolvido. Já desatei muitos nós na vida, quer feitos com linhas ou barbantes, quer de ordem pessoal, profissional, sentimental, familiar... É sempre um prazer conseguir soltar nós. Tem-se a sensação de alívio, de liberdade.

Por vezes, torna-se necessário o uso de nós para unir coisas entre si, ou seja, fazer amarras, para iniciar uma costura à mão, pregar um botão e por aí vai... A tendência natural, o entanto, é soltar os nós. Em geral, eles atrapalham e enfeiam, por isso sempre costumamos desfazê-los.

Eu sou do contra. Adoro dar nós. Passo horas, dias, fazendo nós. Meus dedos chegam a criar bolhas é preciso que lhes passe uma proteção para conseguir na ânsia de fazer nós e mais nós, num trabalho lento e compassado, com o cuidado de fazê-los iguais. Dia desses, cortei quinhentos e vinte e oito fios de noventa centímetros cada e pus-me com eles a fazer nós. Nós simples, nós duplos, nós de bolinhas, nós de gravata, nós de festonê.

Quanto mais fazia, maior era o desejo de transformar aquele fio todo em nós. Dos quatrocentos e setenta e cinco metros e vinte centímetros de fio, fiz aproximadamente, quatro mil quatrocentos e sessenta e seis nós!

Alguém me perguntaria se não tenho outra coisa a fazer que não perder meu tempo tecendo nós, ou se estaria eu em meu perfeito estado mental. Convidaria a quem achar estranha essa arte de “enoçar” a me acompanhar num verdadeiro e prazeroso relaxamento.

O resultado de tantos nós encanta a quem os faz e a quem valoriza o belo, a arte; além de finalmente enfeitar ambientes com a delicadeza e perfeição desse trabalho. Criativa a pessoa que inventou a arte dos nós, o macramé. Eu adoro fazer nós!

Todos nós devemos dar nós, formando uma corrente com apertados elos de amor, união, amizade, companheirismo...

Nós, nos nós da vida, tecemos a rede que nos embala, cosemos a rede que nos pesca, amarramos as experiências que nos fazem...

Data : 30/04/2009

Título : Nos lixões também nascem flores

Categoria: Crônicas

É uma flor silvestre, amarela, delicada como todas as flores. Mirradinha junto à grama pisada, esbelta se recostada ao tronco de um arbusto digna de um pôster quando solitária sobre a terra desnuda e seca.

Hoje a vejo vistosa, em traje festivo, raízes presas ao lixão mal cheiroso e infestado de insetos que vivem no monturo.

“No lixo também nascem flores” disse a cantora e compositora Fátima Leão. Se bem que fétido e podre, o lixo transforma-se em adubo e propicia a fertilização de sementes que crescem rapidamente e abrem suas cerolas a luz do sol e ao orvalho da manhã.

Assim como existem os lixões nas cercanias das cidades existem as favelas, amontoados humanos, onde faltam todos os itens necessários a uma vida digna, onde o vício, a droga e a promiscuidade imperam soberanos.

Do meio deste lixão humano nascem jóias de incomensurável valor, cujo brilho ofusca qualquer metal ou pedra preciosa.

Desde lixão esquecido pelas autoridades, excluídos da sociedade, recebemos grandes valores humanos, pessoas fortes que superaram o insuperável e deixaram atrás de sei o infortúnio do qual grande percentagem não teve a sorte e a coragem de se livrar.

As flores nascidas nos lixões me comovem. Acho-as lindas fortes, corajosas e suas lições vestidas de sabedoria.

Quero os fétidos lixões recobertos de flores coloridas e que das favelas surja grande e forte potencial humano que venha espalhar seu perfume em nossas escolas, faculdades, empresas e em toda a sociedade, hoje tão carente de valores reais.

Data : 30/04/2009

Título : Nossas avós faziam

Categoria: Crônicas

Não tive a felicidade de conviver com minhas avós.

Amava ir nas casas vizinhas à nossa onde houvessem avós. As do meu tempo eram de uma severidade austera no vestir e no portar-se.

Usavam saias escuras e franzidas que quase tocavam o chão, avental também longo e escuro, blusa de mangas longas e o sagrado lenço na cabeça.

Os cabelos eram longos, elas os enrolavam e com ele formavam um coque por traz da cabeça.

A própria figura da avó assim trajada inspirava respeito, ou melhor, medo. A mim, causou-me esta impressão.

Elas não tinham liberdade e eram como que escravas do marido.

Isto pelo menos, nas famílias de origem italiana.

As mãos, benditas mãos, estas eram hábeis e ágeis.

Elas faziam tudo: lavavam, cozinhavam, teciam, bordavam.

Ao chegar em sua casa, pisava-se um rude tapete tricotado ou crochettato com tiras de meias velhas de astrakan, nas cores preto ou bege.

Lindos eram os tapetes e colchas feitos com mil retalhos todos do mesmo tamanho e que a avó desculpava-se dizendo que quis aproveitar os tecidinhos.

Elas não sabiam que esta maravilhosa técnica de trabalho se chama Patchwork, do inglês: trabalho em retalhos.

Conheci avós, exímias bordadeiras do ponto cruz e usavam para isso as bolsas de estopas. Criavam os próprios desenhos que achávamos lindos.

Tenho viva lembrança de panos colocados nas paredes com bordados de flores, aves, vasos e frases como: seja bem vindo, Deus abençoe este lar.

Uma das especialidades de nossas avós eram as franjas amarradas.

Elas também não sabiam que esta linda arte hoje chama-se Macramê.

Outra maravilha de nossas avós eram os acolchoados de lã de ovelha.

Na nossa casa papai fazia a tosquia. A lã era lavada e colocada nas cercas de arame onde a chuva, o sereno e o sol deixavam-na branquinha.

Após a janta abria-se a lã.

Lembro que mamãe chamava uma velhinha que morava perto de nossa casa para fazer os acolchoados. Como eram quentes e gostosos.

Tão quentes quanto as lembranças que aquecem meu coração e tão gostosos quanto as lembranças que hoje me acariciam

Data : 30/04/2009

Título : Novos tempos

Categoria: Crônicas

Naqueles bons tempos, não havia luz elétrica, não havia rádio, a televisão só veio muitos anos depois...

Colhia-se água pura da fonte com balde de madeira, o ferro de passar era aquecido à brasa, a máquina de costurar tocada à mão...

Fogão à lenha aceso de manhã à noite e muito acolhedor, as portas sem fechaduras, pois não havia o amigo do alheio, fechar pra que, só para ter o trabalho de abrir?...

Escrevia-se na lousa. Ah, que saudades da minha velha lousa com penas para escrever. Como gostaria de ter uma hoje para lembrar aqueles tempos.

Boneca de pano, cavalos de pau, petecas de palha de milho com penas de galos pegos na hora!

Balanços com cordas amarradas aos galhos das árvores, frutos colhidos fresquinhos e comidos ali mesmo...

Nem doenças havia apenas me lembro de uma forte febre que começou em mim no dia que fazia anos e me deixou muitos dias de cama. Que sensação horrível ao ver fantasmas na parede atrás da porta!

Eram tempos tranquilos, de calma e simplicidade. Até o ar era mais puro, a lua mais romântica, as noites mais serenas.

Os pirilampos, atraídos pela luz de nossa lamparina à querosene, voavam da mata até nós, os apanhávamos e colocávamos sob um copo de vidro.

São águas passadas, ficou somente a recordação...

Se olharmos para trás perderemos o ritmo da caminhada que hoje é célere. O progresso desestabilizou-nos.

Se nos dotou de todos os recursos possíveis e imagináveis, tirou-nos a tranquilidade, a segurança e para não sermos ultrapassados precisamos tomar este bonde e pagar o caro tributo do progresso.

A letra da música “Novo Tempo”, de Ivan Lins, retrata a realidade dos tempos atuais.

Para os que olham a vida através de lentes embaçadas, o mal, a corrupção, o vício, podem haver tomado conta do homem e tê-lo corrompido a ele e a sociedade toda.

Aos que vêem o mundo através do prisma do otimismo, fazem dos males que nos afligem, degraus para o crescimento.

Os perigos, os castigos, a força bruta da noite que assusta, a injustiça, os enganos, nos fazem crescer, estarmos atentos, lutarmos, nos vestirmos de coragem e esperança.

Somos atores no cenário da vida, onde não há ensaios, mas somente apresentação ao vivo.

A vida é uma luta, uma briga, e precisamos de muitos malabarismos para vencer.

Estamos em um novo tempo, marcados para sobreviver e é preciso que nossa esperança seja mais que a vingança, seja sempre o caminho que se deixa de herá

Data : 30/04/2009

Título : O CREATI em minha vida

Categoria: Crônicas

Esta sala impregnada de alma, sentimentos, emoções... Quantos segredos desabafados, descobertas, confidências, lágrimas, alegrias e risos já acolheu?

Sou testemunha disto. Cheguei, na pior, em fins de 2000. Era a imagem do desânimo e depressão. No ano seguinte sequer cheguei... Em setembro de 2002, retornei, após duas cirurgias e com muita vontade de fazer diferente, viver diferente.

Já em 2003, algo estranho passou a ocorrer comigo. Propus-me a deixar de lado o que é negativo, esquecer o passado e viver o presente, o agora. Não quero falar nem escrever coisas negativas. Lembranças, só se foram boas! Acho que deu certo...

Aqui (CREATI), para mim, é como estar em uma sessão de terapia. Todos, por sua vivência, maturidade e paz interior, transmitem calma, tranquilidade, muita, muita sabedoria. Até eu!

Amo ouvir as leituras dos textos ou poesias de todos os colegas. Uns o fazem com a maior facilidade, outros sentem um pouco de dificuldade, mas todos agregam com suas lindas e singelas participações. Admiro o lado humorístico e a criatividade de alguns colegas.

Aqueles versos que descem em cascata como a água das cachoeiras.

Encanto-me com as poesias inspiradas de outros textos e vai mais uma idéia aqui, outra ali, um incentivo, um empurrãozinho e logo surgem de seus cantinhos, envergonhados e enferrujados escritores, como eu, a dar seus primeiros passos.

Gosto de ler e entendo o que leio, mas minha memória me trai. Esqueço facilmente. Então, enquanto tenho a oportunidade de conviver com pessoas familiarizadas com o saber, vou me achegando e fazendo da escrita um hábito e um exercício diários.

Contudo, um ponto extremamente alto da Oficina Literária é a valorização da pessoa, o que faz você reconhecer seus próprios dotes, aqueles que você nem sabia existirem.

Outra coisa que encontra abrigo dentro destas quatro paredes, é o calor humano, que faz esquecer qualquer problema, mágoas passadas, sonhos frustrados.

Aqui me sinto rejuvenescer dia-a-dia, no sentido inverso da jornada, e vou tentar (conseguir) viver o que por décadas ficou à deriva no caminho...

Data : 30/04/2009

Título : O cultivo do coração

Categoria: Crônicas

Ouve-se por vezes, pessoas não tão idosas, dizerem que se sentem velhas, incapazes, inúteis.

Escondem suas capacidades e seus dotes atrás de umas dezenas de anos e não fazem outra coisa que esperar os dias passarem.

São pessoas que, ao se conversar com elas, o assunto em questão é o clamor da vida, do sofrimento, da falta de atenção dos mais jovens e, a cada dia que passa são acometidas por uma nova doença.

Talvez tenham realmente tido uma vida atribulada, para a qual não tiveram ajuda ou capacidade de superar. São pessoas um tanto infelizes, que se sentem marginalizadas. Não conseguiram embarcar no trem da amizade, da alegria, da solidariedade, da ajuda mútua.

Rastejaram pela vida e tudo viram com olhos muito terrenos. Não observaram o vôo elegante e altivo das águias que fazem seus ninhos no cume das montanhas, onde o ar é puro e não há a podridão tão cobiçada pelas aves de rapina.

Nós fomos criados para o infinito, para a luz, para a vida e é por isto que a cada amanhecer temos a oportunidade de agradecer ao criador o dom da vida, da inteligência, da capacidade de doação tão própria dos corações generosos.

A pessoa que assim procede é feliz, supera as dificuldades, esquece seus males e, acima de tudo, é sempre jovem, ao contrário de muitos jovens, que, ao invés de alçar vôo, rastejam acorrentados às dependências químicas e vícios. Ao se darem conta do tempo perdido poderá ser tarde demais. O coração, como uma sementeira, precisa ser cultivado, ser arrancado dele toda erva daninha, ser purificado através da tribulação, a fim de que voe livre e feliz além de aniversários e através do sempre.

Data : 03/08/2018

Título : O DESCONFORTO QUE NOS CORA A FACE

Categoria: Crônicas

Li e reli de Maria Sanz Martins, “Todo Mundo”. Achei lindo, engraçado, remeteu-me ao passado. As lembranças em mim tomaram forma e criaram um trânsito incontrolável, desordenado, intransponível. Misturaram-se lembranças, emoções, saudades, idades.

Bem escreve a autora do texto em seu penúltimo parágrafo: “Temos um mundo inteiro dentro da gente – sol nascente, lua crescente, arco-íris, catástrofes, incêndios e enchentes. Somos um mistério profundo – talvez jamais saibamos de onde viemos ou para onde vamos. Somos, sobretudo, confusos”.

Eu sou do parecer que é esta confusão que torna a vida interessante, que nos leva a extremos em nossos sentimentos, que nos capacita a saborear as mais diferentes emoções em curto espaço de tempo, que nos leva ao esquecimento.

E como é bom o esquecimento! Por vezes ele abre espaço em meio àquele emaranhado de coisas guardadas em nossas gavetas secretas e vem à tona para nos lembrar de coisas que se passaram conosco há décadas, quando éramos crianças ou quando adultos jovens ou em quaisquer épocas da vida, trazendo-nos as mais diferentes emoções que por vezes nem gostamos de lembrar.

Uma dessas, nem de tão antigamente, daquelas que poderiam ficar bem no fundo, mas que teima em vir à tona e que garanto, não caberia na relação de Maria Sanz Martins.

Entrei no elevador juntamente com outros moradores. Distraidamente, apertei um número no quadro de andares, um número, porque não foi o número que me levaria ao andar de meu apartamento. Chave em punho, saí do elevador e fui na direção costeira. Enfiei a chave na fechadura, girei, abri e entrei. Estava um lusco-fusco. Estranhei a mesa fora do lugar, uma bolsa sobre ela que não era a de minha filha, pois eu estava só em casa. A cadelinha não veio me receber...

A ficha demorou a cair. Não era o meu apartamento! Passou-me um calafrio pelo corpo, o suor aflorou no rosto. Saí de mansinho, fechei a porta à chave, fui para o elevador e dirigi-me ao andar de meu apartamento. Tive uma sensação horrível.

A sorte é que o morador (a) não devia estar, pois não ouvi movimento algum.

Se ninguém tivesse visto minha gafe, passaria por isto, mas ao descer do elevador um vizinho da frente tomou comigo a mesma direção. Ele abriu a porta certa, eu invadi um apartamento alheio!

No mesmo instante, interfonei para a moradora do apartamento em frente ao que invadira e subi para justificar-me, já que fora vista pelo filho desta.

Expliquei-me, acalmei-me e rimos ao final.

Até hoje, decorridos alguns anos, não sei quem mora no apartamento que invadi. É bom ele não saber que as chaves dele e as minhas, abrem ambas as portas.

Pergunto: e a segurança, onde fica?

Outras coisas um tanto chatas não caberiam na relação de Maria Sanz Martins, como cair em pleno restaurante e quebrar três ossos; cair em plena avenida central... São coisas extremamente chatas, mas que acontecem.

Que graça teria a vida se tudo fosse perfeito? Não passaria de uma estressante monotonia. Ao esquecimento, os merecidos louros!

Data : 03/08/2018

Título : O OUTONO DA VIDA

Categoria: Crônicas

Nossa vida assemelha-se às estações do ano, com a diferença que estas se repetem, ano após ano.

Linda a primavera da vida. Anos bonitos como as flores coloridas que abrem suas corolas aveludadas para receber o orvalho da manhã e saudar a luz e o calor do sol.

Na primavera da vida aparecem as flores da alegria, amizade, otimismo. As sementes são lançadas à terra; o calor e a umidade as fazem germinar. O calor do verão as faz crescer e produzir frutos.

O verão em nós é a vida adulta, de trabalho e realização pessoal e familiar. É época de cuidar para que os frutos cheguem à maturidade, viçosos e sadios.

E chega o outono: outono na natureza e em nossa vida. Tão belo quanto as demais estações e fases da vida, mas diferente.

As folhas tomam cores diferentes e começam a cair.

O pôr do sol se torna mais poético. As pessoas ficam mais tranquilas e recolhem-se mais cedo ao lar, pois o dia vai ficando mais curto.

A noite favorece o descanso.

No outono da vida os anos vão adiantados. Como as folhas, nossos cabelos branqueiam e, como elas, eles caem. A pele torna-se fina e ressecada; muitas pequenas manchas aparecem sobre ela.

As mãos calejadas já não são tão ágeis e as juntas se engrossam.

As pernas perderam muito de sua agilidade e firmeza e doem. O corpo já não é tão ereto, as costas ressentem-se e perderam muito do vigor dos anos que ficaram para trás.

Quer-se tranquilidade, descanso e sossego. Se o corpo se fragiliza, ocorre o inverso com o lado afetivo, moral e espiritual.

A carga de experiências acumuladas é muito grande. Os sentimentos e a sensibilidade afloram.

O coração, ah, o coração! Enfraqueceu bastante fisicamente, mas armazena maturidade, afeto, carinho, compreensão, tranquilidade...

Os frutos amadureceram e é época de colheita, embora jamais se possa interromper o plantio...

Data : 30/04/2009

Título : O perturbador silêncio que há (havia...) em mim

Categoria: Crônicas

Impuseram-no a mim.

Logo eu, que adorava falar muito, que vivia em contato com a natureza, que subia em árvores para ver quantos ovinhos havia nos ninhos, que brincava nas águas límpidas daquele córrego que era o maior e melhor prêmio....

Impuseram-me as regras do silêncio naquele educandário. Levantar muito cedo, rotinas diárias, estudo, almoço, tudo em silêncio.

Só se falava no recreio ao final da tarde. Como era bom, como fazia bem. Aos domingos e festas religiosas, falava-se à mesa.

Não esquecerei jamais daquele dia em que fui buscar água no filtro comum. Sentindo-me só, larguei a alça do balde com algum descuido e comecei a cantarolar. Alguém ouviu, chegou-se a mim e repreendeu-me.

Eu só estava feliz e não podia demonstrar.

O Silêncio mudou meu comportamento, minhas atitudes, meu caráter.

Passei a gostar dele e incorporá-lo à minha vida. Pouco falo.

Não gosto muito do ruído, nem de qualquer tipo de som muito alto. Faz bem o silêncio?

Faz, em partes. Quando muito intenso ou prolongado, mata...

Mata aos poucos...

Hoje, curto o maior deles. Passo o dia só. Há dias que esqueço de ouvir música ou um programa de TV.

Em geral, evito grupos de pessoas ou locais de muito barulho, pois não me sinto à vontade.

Tentando dar a volta por cima, sair de dentro de mim, busquei ajuda, procurei gente.

E estou aqui.

Vilma Confortin Scherer – ano de 2000...

E o silêncio..., para quem a conhece (...), este já não ecoa tão alto... Está guardado lá no fundo do baú, como uma emoção presente, mas discreta... Muito mais fraco do que seus gritos de vida, pela vida que lembrou ainda pulsar forte nela!

Por Katianne e Kelly Regina, filhas, testemunhas e frutos da garra, força e fibra desta guerreira, mulher-mãe-amiga, que venceu e continua desafiando a vida para vencer dia-a-dia; que saiu de dentro do seu baú de emoções e as trouxe para fora, para agora, compartilhá-las em palavras, todas, tão simples como ela... – ano de 2009...

Data : 03/08/2018

Título : O QUE FAZER PARA TORNAR NOSSA VIDA FELIZ

Categoria: Crônicas

Lembrei agora de um texto anônimo que li faz muito tempo.

Ao criar o homem Deus o fez semelhante a si, com as mesmas qualidades. Mas, pensou Ele, não pode haver mais que um Deus, é preciso que lhe tire algum atributo a fim de que fique inferior a mim, que sou Deus.

Dividiu com os anjos sua preocupação. Vieram sugestões diversas, pensaram e repensaram até que um deles teve brilhante ideia: vamos esconder do homem a felicidade e fazê-lo procurar por ela! Deus achou a ideia brilhante: a felicidade é um atributo importante, disse Ele, muito sisudo.

Eis que outra dúvida logo surgiu: onde escondê-la? Mais que de- pressa um anjo sugeriu o alto de uma montanha, o outro, as profundezas do mar e um terceiro, os abismos da terra.

Deus cofiou a longa barba e disse: nem um desses lugares é seguro. Eles logo a descobririam.

Um anjo que até então se mantinha calado e reflexivo, pediu a palavra e assim falou: creio que o lugar mais seguro e menos conhecido é o interior do homem.

Deus achou a ideia genial e lá escondeu a felicidade. Sim, a felicidade está em nós, em nossas realizações, na prática do bem.

Ser feliz permanentemente não ocorre. Acontece em raros momentos de distração, diz Guimarães Rosa.

Data : 03/08/2018

Título : O SACRIFÍCIO COMPENSA

Categoria: Crônicas

Na vida, nem tudo é fácil de ser conquistado.

Felizmente temos momentos de alegria, otimismo e coragem, entremeados por outros nos quais nos sentimos sucumbir.

Nada como um dia após o outro com uma noite a separá-los, na qual a própria escuridão contribui para um relaxamento e reposição de forças.

Tudo muito bem bolado por quem fez o tempo e tão bem o distribuiu.

Nós humanos, temos o hábito de reclamar quando, na realidade, só deveríamos agradecer.

Temos vida que nos foi dada gratuitamente, temos inteligência que nos faz raciocinar e agir bem ou mal de acordo com nosso entendimento e a liberdade de assim proceder.

Temos os sentidos que nos permitem ver as maravilhas que nos cercam, falar, ouvir, sentir. Temos capacidade de crescimento intelectual, moral, espiritual, sem falar que temos uma família, aconchego sagrado de nossas vidas.

Somos felizes e afortunados, embora nossa casa possa ser simples.

O importante é que seja acolhedora e nela nos sintamos bem.

Quantos irmãos nossos não tem sequer um telhado e um colchão para repousar o corpo após um dia de sofrimento e “nãos” pelas ruas e esquinas.

Lembro, com saudades, quando crianças, à noite, após um dia de trabalho, tinha-se farta mesa, cama quentinha, relativo conforto embora a pobreza, e o inestimado carinho dos pais.

Não que não houvesse problemas. Havia-os sim, principalmente os financeiros, as secas no verão, ou no inverno as geadas que causavam grandes danos às plantações, mas o zelo dos pais pelos filhos fazia-os contornar as dificuldades.

Era normal algum desentendimento entre os irmãos, mas um olhar do pai ou meia palavra, bastavam para restabelecer a ordem.

Por vezes, umas palmadas resolviam o problema de vez.

Havia um profundo respeito pelos pais ou pessoas mais velhas.

Obedecia-se sempre e aprendeu-se a ser justo e correto.

Como reinava o amor, não se tinha dificuldades em seguir as normas estabelecidas.

Hoje todos adultos, seus filhos e netos, talvez com um pouco a menos de rigor, foram criados naqueles mesmos princípios.

Todos trabalharam, lutaram e sofreram, mas agregaram grandioso valor às conquistas da vida.

Data : 03/08/2018

Título : O TREM DA VIDA

Categoria: Crônicas

Era uma aventura ansiosamente esperada, uma viagem de trem, com saída de Erechim, em vagão de segunda classe, quando nós, juvenistas, viajávamos para as férias. Eu vinha até Passo Fundo, outras desciam pelo caminho. Quinze dias após, o retorno.

Café com pão..., café com pão...

Naquele sacolejar contínuo, os dormentes da linha férrea gemiam ao peso monstro das velhas máquinas e vagões.

Piuí... piuí..., alguém vai descer aqui?

E, em cada pequena estação alguém descia, pois por ali residiam seus familiares.

Hoje, décadas passadas, sentindo já o peso dos anos, muito trabalho realizado, imaginemo-nos novamente tomando o trem. Não mais para nos dirigirmos a um colégio para jovens, mas o trem da vida. A vida é uma viagem e cá estamos nós da Oficina da Palavra, embarcados no mesmo vagão desde 1991.

Nestes vinte e três anos, revezaram-se seus viajantes. Enquanto novos passageiros ocupavam assentos, outros desciam dele, quer levados pela necessidade de descanso, impossibilidade de continuar pela falta de saúde, ou por haverem chegado à estação final.

Um dia todos chegaremos ao final da linha.

Entre neste vagão abençoado e iluminado, em setembro de 2000. Ambiente admirável. Seus ocupantes respiravam saber, exalavam experiências e davam lições de vida.

De imediato chamou minha atenção uma senhora tranquila, calma, que falava e escrevia corretamente, que conhecia toda a história da cidade de Passo Fundo, que junto com seu esposo já falecido, fizera muito pela sociedade, inclusive fundando a APAE. Seu nome: ALICE SANA COSTI. Marcou-me sua presença. Desceu do trem por motivos de doença. Faleceu há pouco mais de um ano, tendo mantido a lucidez até o fim de sua longa vida terrena.

Outros passaram pelos vagões...

ORFELINA VIEIRA DE MELO. Uma das fundadoras do CRE-ATI. Líder, dinâmica, ativa, larga visão, lutadora, forte, corajosa. Até a morte encontrou dificuldades em levá-la dada sua vontade ferrenha de viver e trabalhar em prol da sociedade.

HERBENI OTTO FACCHINI. Cadeira cativa desde a ocupação deste vagão. Culta, inteligente, bem humorada, tinha enorme facilidade de escrever. Cresceu com a cidade.

Descrevia em cores a vida da família e de Passo Fundo. Era dotada de muita generosidade e grandeza de coração. Deixou o vagão por razões de saúde, e a todos nós com saudades. Nos alegra ouvir notícias desta passageira, mesmo que distante de nosso trem.

PALMIRA BATISTA FERNANDES. A nossa doce Palmirinha, nossa joia. Calma, tranquila, humilde, de uma riqueza interior invejável. Seus escritos eram ternos, simples, meigos. Falava pouco e por seus lábios só passavam palavras sábias. Passou a vida fazendo o bem. Deixou-nos por suas limitações físicas causadas pelo avançar dos anos. Pouco depois, foi recebida pelo Pai, com a divina recompensa.

ZAIDA CAMARGO. Desceu inesperadamente de nosso trem. Era relativamente jovem. Submeteu-se a uma cirurgia, da qual não retornou. Senhora distinta, bom gosto no vestir, escrevia e falava corretamente. Seus textos e poesias denotavam um quê de tristeza, dentre eles, Solidão, O Fim, Meus Sonhos, Maior que a Mágoa, Onde estás Solidão.

ENY SAMPAIO. Convivi pouco com ela, mas seus escritos marcaram. Tinha muita facilidade de escrever e sua declamação ou leitura conferiam-lhe uma aura de grandiosidade. Jamais esquecerei sua última participação em Sarau, quando declamou "Lembranças".

ROSA REGINATO CARLOS. Viajou por muitos anos nos assentos de nosso vagão. Era de uma simplicidade incomum. Mulher corajosa e lutadora. Enfrentava os problemas de frente. Contava com detalhes pitorescos os fatos marcantes de sua vida, mas tinha muita dificuldade de passá-los para o papel.

DARCY CANCIAN. Viajante especial, o seu Darcy. Sincero, amigo, dotado de uma sensibilidade invejável. Gostava de escrever. Seus textos eram carregados de emoção. Basta reler: As Casas tem Alma, Envelhecer... Sua presença nos fazia muito bem.

LIZETTE MEDAGLIA. Pessoa muito distinta. Acho-a poeta nata, mergulhada em romantismo. Seu último livro, Sempre Te Amei, comprova.

DALVA QUEVEDO. Deixou-nos recentemente, em abril de 2012. No seu caso, a morte derrubou-a do trem e lhe ceifou a vida com sua gadanha cortante. Dalva tinha todos os motivos para querer viver. Havia, inclusive, pedido para guardar sua vaga na Oficina Literária. Suas silenciosas lições de humildade e simplicidade ficarão sempre entre nós.

E segue a viagem. Café com pão..., café com pão..., sobe Maria, desce João. E o trem vai e vem e os dormentes gemem... Piuí... piuí... quem desce aqui?

Data : 03/08/2018

Título : OLHE MINHAS MÃOS

Categoria: Crônicas

Um sacerdote recém ordenado foi nomeado auxiliar do pároco numa grande comunidade católica.

Assim que chegou, cumprimentou o pároco, apresentou-se e recebeu a primeira tarefa: acompanhe esta senhora até sua casa e atenda seu esposo que se encontra acamado e muito agitado. Passou às mãos do recém chegado a estola e a água benta.

Assim que chegaram à casa, dirigiram-se, de imediato, ao quarto do doente. Logo que este viu o sacerdote, apresentou-lhe as mãos, dizendo: Padre, veja minhas mãos. O recém chegado tomou as mãos nas suas, olhou-as, revirou-as e disse ao enfermo quão bonitas eram suas mãos, de quem deve ter trabalhado bastante.

Não contente com a resposta o doente pediu que as olhasse de novo e, muito bem. O padre retomou-as um tanto constrangido, examinou-as cuidadosamente e disse: nada vejo nelas que me chame a atenção. E depositou-as sobre o peito do doente. Este confirmou: Realmente, nada há nelas, estão vazias e é isto que tanto me inquieta. Estou às portas da morte e nada tenho para apresentar ao Senhor.

Fui agraciado pela sorte, acumulei muitos bens materiais. Quando me aposentei passava os dias em bares, clubes, casas de jogo... Nada fiz em benefício do próximo, vivi para mim mesmo e cá estou, de mãos vazias. E pôs-se a chorar.

Pouco tempo após, veio a falecer.

Esta confissão marcou a primeira atividade deste neo-sacerdote. A lição calou nele e o acompanhou e acompanha até os dias de hoje, com quase cinquenta anos de ministério sacerdotal. Suas mãos devem estar repletas, bem como seu coração, pois é muito dedicado ao pastoreio do rebanho a ele confiado.

Grande lição para quem ouviu este relato, contado por ele próprio. Se nossas mãos não estiverem cheias de boas ações praticadas, há ainda tempo. Há tantos necessitados de nossa ajuda e de nosso afeto.

E assim, quando o Senhor nos chamar, possamos apresentar-nos tranquilos, com as mãos, o colo, o coração cheio do bem por nós praticado. E o Pai que valoriza o menor ato, um olhar, um sorriso, uma boa palavra dados com amor, nos recompensará eternamente.

Data : 30/04/2009

Título : Olhos para ver

Categoria: Crônicas

“...dias mágicos em que nosso olhar percebe a beleza gratuita ao nosso redor...” - Mário Quintana.

É uma flor silvestre, amarela, delicada como todas as flores. Mirradinha junto à grama pisada; esbelta, recostada ao tronco de um arbusto; digna de um pôster quando solitária sobre a terra desnuda e seca.

Hoje a vejo viçosa, em traje festivo, raízes presas ao lixão mal cheiroso e infestado de insetos que vivem no monturo.

“No lixo também nascem flores”, dizia a grande cantora e compositora Fátima Leão. Se bem que fétido e podre, transforma-se em adubo e propicia a fertilização de sementes que crescem rapidamente e abrem suas corolas à luz do sol e ao orvalho da manhã.

Assim como existem os lixões nas cercanias das cidades, também existem as favelas, amontoados humanos onde faltam todas as condições básicas e necessárias para uma vida digna; onde os vícios, a droga e a marginalidade imperam soberanos.

Do meio deste lixão humano, brotam jóias de incomensurável valor, cujo brilho ofusca qualquer metal ou pedra preciosa. Deste lixão esquecido pelas autoridades, excluídos da sociedade, recebemos grandes valores humanos; pessoas fortes que superaram o insuperável e deixaram atrás de si o infortúnio do qual grande percentagem não conta com a sorte e a coragem de se livrar.

As flores nascidas nos lixões me comovem. Acho-as lindas, fortes, corajosas e suas lições vestidas de sabedoria.

Quero os fétidos lixões recobertos de flores coloridas e que das favelas nasçam cada dia mais flores que venham espalhar seu perfume em nossas escolas, faculdades, empresas e em toda a sociedade, hoje tão carente de reais valores.

Data : 03/08/2018

Título : OS PEDAÇOS QUE PERDI

Categoria: Crônicas

“Fui sabendo de mim por aquilo que perdia.” - Mia Couto.

Fico extremamente encantada com a maneira de algumas pessoas se expressarem.

Que afirmação bem linda e profunda de se dizer que ele só foi se conhecendo à medida que ia deixando as coisas de si para trás, que as ia perdendo.

E pensando bem, isso ocorre com todas as pessoas que param e refletem um pouco sobre si.

No meu caso, tive uma infância muito feliz em companhia dos pais e irmãos que eu idolatrava.

Por obra do destino, alguém diria. Eu, no entanto, não acredito nele.

Aos doze anos, deixei o aconchego da família e fui para o colégio interno.

Mia Couto diria que saiu um pedaço dele. Eu digo que perdi a metade de mim. Quem iria substituir os cuidados, o carinho, a companhia, a liberdade que se tinha em família, naquele lugar maravilhoso junto à natureza?

Chorei muito, não conseguia dormir, perdi o apetite.

No Colégio, tudo era metódico, tudo na hora certa, tudo vigiado, muita reprimenda. Passava-se o dia sem falar e, para a idade, o trabalho era muito e bem pesado.

Mudei totalmente: não ria, não falava. A mestra era muito severa e exigente. Inspirava medo.

Fui perdendo partes de mim cada vez que alguma colega nos deixava para voltar para casa ou era mandada embora.

Quando eu falei que queria sair, já em adiantada formação na vida religiosa, a mestra disse: "O que irão dizer seus pais?"

A esta altura eu já havia perdido muito de mim, estava quase deformada, mas fui continuando...

No dia que me decidi para uma vida nova, perdi mais boa parte de mim. Senti-me só, sem apoio, sem rumo.

Foi ali que resolvi reconstruir-me, que vi que devia agir por mim, que não mais devia explicações a quem quer que fosse, aprendi a não dar mais ouvidos a críticas e comentários.

Ainda fui perdendo partes de mim, até hoje; mas como diz Clarice Lispector: "Sou aos poucos o que já fui e ainda serei amálgama pensante de ideias e sentimentos."

Hoje, acredito que mais reconstruí do que perdi.

A vida é mestra por excelência e a gente cresce, amadurece e produz. É preciso viver para aprender, contar e ser. É preciso perder, se perder às vezes...

Data : 30/04/2009

Título : Os tons da vida

Categoria: Crônicas

Afastei a cortina, abri a janela e respirei fundo o ar puro da manhã.

Acordei ao novo dia. Usei o verde em seus infinitos tons: verde claro, verde folha, verde musgo, verde limão, verde garrafa, verde oliva, verde virgo, verde nero, verde montanha, verde mar, verde gato, verde paris e muito, muitos outros tons de verde.

À medida que o sol ia jogando seus filões dourados sobre as plantas, novos matizes de verde surgiam. O verde ouro reluzia nas gostas de orvalho à semelhança das pérolas sobre as folhas e sobre a grama molhada. Provavelmente a cor preferida do Criador é o verde.

Uma explosão de vida tomou conta das árvores que pareciam ter sucumbido ao frio do inverno, cobrindo-as de milhões de brotos que se convertiam em viçosas folhas.

As espécies frutíferas vestiram-se das mais exuberantes, delicadas e perfumadas cores e como Criador pensou com amor nas suas criaturas, fez nascer as flores cuja beleza, se olhada com sentimentos, é simplesmente divina.

Se ao acordar nesta manhã, usei o verde da esperança foi porque acordei em sintonia com o bem que nos cerca e que muitas vezes, um véu se põe entre nós e a natureza, deixando-nos perceber somente nuvens cinzentas e vultos disformes ao nosso redor.

A esta explosão de vida que nos toca no íntimo e se reflete através de nossos sentimentos e sentidos, chamamos de primavera; época de muita vitalidade, período favorável à sementeira e ao cultivo de jardins.

Até os insetos retornam ligeiros às suas atividades.

No entanto, algo me intriga em meio a esta explosão toda, característica da mais bela época do ano: vemos a brotação, a floração, a atividade dos pássaros que constroem seus ninhos, as formigas que apressadas carregam folhas para os formigueiros, as incansáveis abelhas sugando o néctar das flores. Imagino que esta atividade toda deva produzir uma celestial melodia. Seremos insensíveis ao ponto de nada ouvir ou não é dado aos humanos ouvi-la?

Lembro aqui de um pequeno grande personagem da escritora americana Taylor Caldwell em seu livro “Os Servos de Deus”. O pequeno Stephen ficara órfão de mãe ao nascer. O pai pelo fato de ter perdido a esposa que muito amava, rejeitara o filho que foi criado por uma tia-avó nonagenária. O pequeno sentia-se culpado pela morte da mãe. Em sua solidão, buscava entrosar-se com a natureza.

Inúmeras vezes a tia o encontrava junto ao riacho de águas límpidas com o rosto colado ao solo. Ao ser indagado sobre o que estava fazendo ali, respondia que no barulho da água, no rolar dos seixos, no murmúrio do vento, no ciciar das folhas, nas vozes dos animais, era a voz de Deus que ouvia. Familiarizou-se tanto com estes quase inaudíveis sons que, após ter perdido a visão em uma guerra, passou a tocar harpa, pondo nas cordas da mesma as mais doces e encantadoras melodias.

A primavera tem forte ligação com nossa vida. Importa vivê-la em sua plenitude, independente de idade, apenas dando asas aos nossos sentimentos e emoções e fazendo da vida uma eterna primavera, não importando em qual estação do ano estejamos.

Basta a cor dar à vida!

Data : 03/08/2018

Título : PALAVRAS

Categoria: Crônicas

A palavra, capacidade que temos de expressar as ideias por meio da voz, um conjunto de sons articulados e que tem alguma significação, é a expressão máxima da comunicação entre os seres humanos.

A palavra convence, nos orienta, forma e informa, nos eleva, nos oprime, nos engana, nos ilude e aos outros...

Pode ser séria, verdadeira, sincera, leal, comovente, alertadora, informativa, maldizente, difamadora ou tranquilizante.

Por vezes, exageramos no uso da capacidade da fala, visto que a palavra aflora de nós com muita facilidade.

Há um ditado popular que diz: “Quem muito fala, muito erra”.

Por vezes, dadas as circunstâncias, é necessária reflexão para não falarmos o que não é conveniente ao momento e às circunstâncias. Vezes há em que não temos coragem de transformar nossos pensamentos em palavras e estas, sequer conseguem sair de dentro de nós ou, saindo, não traduzem nossos pensamentos e sentimentos reais.

Podemos nos omitir de falar por temeridade de ofender, de sermos criticados, por falta de coragem ou timidez.

Já algumas situações pedem por nossas palavras. Em outras, elas são ditas frivolamente ou desconexas.

Pode, ainda, ocorrer de nos arrependermos de tê-las dito, porém, uma vez pronunciadas, são como penas ao vento: não há como recolhê-las.

A palavra é uma espada de dois gumes: pode ser muito eficaz, poderosa, bálsamo para feridas do coração; mas pode ter grande poder destrutivo também, sufocando, ferindo, magoando.

Há palavras que são luz para nossos caminhos, guias de nossos passos; palavras que conduzem e pautam uma vida. Entretanto, há as que pesam toneladas, duras como pedras, que ferem, marcam.

E sobre a palavra ‘Amor’, haverá outra tão sublime? Ou ‘Amizade’, ‘fé’, ‘alegria’, ‘compreensão’, ‘honestidade’, ‘justiça’ e tantas outras que nos elevam e engrandecem, que induzem ao bem e ao bom?

A exemplo, se pudéssemos ser as palavras que pronunciamos, quão interessante seria sermos ‘Alegria’, a ponto desta palavra aproximar e impregnar aqueles que de nós se aproximam?

Outras palavras, por sua vez, são o oposto, e nos amesquinham, reduzem, diminuem. São levianas, fúteis, de força negativa. Se delas nos apoderarmos, também nós transpareceremos maus sentimentos e atitudes, sentindo o seu peso.

À primeira vista, parece ser fácil sermos magnânimos de espírito e sentimentos e transparecermos estes valores através das palavras. Ocorre que, talvez nem tenhamos

ciência de qual palavra nos representa, aquela que proferida nos caracteriza aos olhos dos outros.

Viver de forma concreta uma palavra, exige conscientização, coragem, persistência, vivência, atitudes.

Mas então, qual é a minha palavra? Transpareço-a em minhas atitudes?

"Procuro sempre, e minha procura ficará sendo a minha palavra."

Carlos Drummond de Andrade

Data : 03/08/2018

Título : PALCO CELESTIAL

Categoria: Crônicas

Santa Cecília, a padroeira dos músicos, é a encarregada lá no céu, da programação e ensaio das serestas orquestradas pelos exímios músicos que um dia passaram entre os mortais e ora se apresentam diante da Santíssima Trindade, Maria e todos os habitantes da pátria celestial.

No entanto, dia destes, os membros deste deslumbrante grupo artístico, dentre eles Lupicínio, Gonzagão, Tom Jobim e Caymmi, fizeram um pedido à Cecília:

- Cecília, nossas canções e suas sinfonias são belíssimas, mas sentimos falta de algo. Achamos que Deus já as sabe de cor e gostaria de experimentar algo diferente. Poderíamos mudar um pouco, assim como fazem os humanos. Eles tocam e cantam vários ritmos, o que não cansa seus ouvintes e expectadores. Além de músicas, eles se dedicam à leitura, cinema, têm declamações de poesias, textos literários, apresentações teatrais, saraus; o que encanta o público e arrebatava cada vez mais admiradores da arte.

Santa Cecília achou a ideia genial e levou-a ao Pai, que a dividiu com o Filho e o Espírito Santo.

Aprovada por unanimidade, era preciso a presença de humanos experientes nestas áreas para organizar este novo ciclo de atividades, um festerê!

E foi assim que o bom Pai chamou para si o Ivan Junqueira, lá do Rio de Janeiro, onde exercia a função de jornalista, poeta, crítico literário e colaborador nas grandes enciclopédias como a Barsa e a Britânica. No dia 03/07/14, o Ivan, com oitenta anos, partiu para atender ao chamado do Pai.

Lá chegando, o Criador o recebeu com o sorriso mais doce possível, o abraçou e foi logo colocando-o ao par da razão do chamado, ou seja, organizar o festival de arte e cultura em que ele, Ivan, atuaria como peça fundamental. Autorizou-o a indicar, se necessário, nome de outros mortais que pudessem ser úteis nesta tarefa.

Ivan viu que era missão impossível para ele só, pensou um pouco e assim falou:

- Pai, há o João Ubaldo Ribeiro, jornalista, escritor, roteirista, membro da Academia Brasileira de Letras. Tem obras adaptadas para a TV e o cinema. Escreveu romances famosos como o Sargento Getúlio, Sorriso do Lagarto e Viva o Povo Brasileiro. É famoso e conhecido em todo o Brasil por sua presença no cenário cultural. Está com 73 anos.

Deus achou o currículo interessante e o chamou para si, no dia 18/07/2014.

Estavam agora em dois, mais Santa Cecília, sempre os acompanhando. Mas sentiram que ainda não possuíam todo o preparo para tamanho evento. Faltava alguém mais sábio, com uma bagagem de romantismo e poesia, leve e versátil.

Foi assim que o recém chegado, João Ubaldo, muito eufórico, teve brilhante ideia, e foram ter com Deus.

- Pai, lá em Campinas, São Paulo, vive um senhor de 81 anos, psicanalista, educador, teólogo e escritor. É autor de livros religiosos, educacionais, existenciais e infantis. É um dos maiores pedagogos de todos os tempos, um dos fundadores da Teologia da Libertação. É apaixonado pela existência. Vive e aproveita cada momento. Suas obras foram e são lidas por milhões de pessoas que o amam. É um cara simples, humano e tem um coração de ouro.

Com este rosário de elogios tecidos por João Ubaldo, o bom Deus ficou interessadíssimo, e perguntou:

- Quem é ele?

- Meu Pai, bem conheces o Rubem Alves. É ele.

Deus ficou feliz e estava com o problema quase resolvido. Pensou um pouco e, mesmo com dó de tirar do palco terreno tão grande gênio, mesmo que com idade avançada, achou que seu tempo e missão entre os mortais já estava cumprido e poderia receber a recompensa.

E um dia após a partida de Ubaldo em 19/07/14, Rubem atendeu ao chamado de Deus.

Ele que sempre imaginara Deus Pai muito sério e sisudo, foi recebido com o olhar terno e acolhedor e um abraço que o fez a criatura mais feliz da eternidade.

O Brasil chorou a perda de Rubem, mas o céu celebrou com júbilo sua chegada.

Agora estavam em três para a organização do evento. Mas, Rubem teve uma ideia e saiu-se com esta:

- Vejam; o Ariano ficou sozinho lá embaixo! Ele é grande dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta. Tem 87 anos de excelentes obras dedicadas ao povo brasileiro, entre eles, clássicos como "O Auto da Compadecida", que o popularizou como escritor e dramaturgo. Ele nos daria muitas ideias. Teríamos poesia, contos, teatro, TV, cinema.

E assim, foram ter com Deus novamente. O Pai, lógico, aceitou o pedido do grupo e trouxe Ariano Suassuna para si, em 23/07/14.

O quarteto estava formado!

Como quem passa ao plano superior não volta para contar como é e o que acontece, não se tem referências do sucesso deste festival de arte e cultura, sua realização, aceitação, novas edições... Nada...

Sobrou-nos a orfandade pela perda de personalidades de tamanha referência em tão curto espaço de tempo.

Esperamos o surgimento ou o reconhecimento dos novos Ivans, Ubaldos, Rubens e Arianos; para que venham recompor os cenários culturais desfalcados com a partida destes célebres.

“O poeta morre, mas se fizer uma coisa bonita ele fica. Todo artista busca a imortalidade por meio da arte. A arte é uma espécie de protesto contra a morte.” – Ariano Suassuna.

Data : 30/04/2009

Título : Pára de reclamar

Categoria: Crônicas

...que tens rugas na testa...

Refletem os longos caminhos que percorreste na vida.

...que teu cabelo é seco, fino, quebradiço, não se ajeita...

Tu não perdeste todos os cabelos por tratamentos quimioterápicos

...que tuas pálpebras estão caídas...

Quantas dezenas e anos estiveram perfeitas.

...que tua visão está curta...

Já agradeceste por toda a beleza que teus olhos viram ao longo da vida?

... que ouves mal...

Já pensaste naqueles que nunca ouviram nada?

... que teus lábios murcharam...

Mas quanto tempo foram bela e viçosa entrada para teu interior.

...que tua pele está flácida ...

Embora teus muitos anos queres que tudo fique no lugar? É a lei da natureza.

...que teu colo perdeu a maciez e o encanto...

Não é isto que te impede de seres bela e elegante.

... que teus braços são muito grossos...

Quanta força e trabalho fizeram contigo e por ti.

... que tuas mãos estão cheias de manchas, rugosas e secas...

Benditas mãos! Beije-as. Que terias feito sem elas?

...que tuas pernas perderam a agilidade...

Por que queres andar depressa. Vá devagar agora, aprecie a paisagem!

... que teus pés doem...

Cuida com carinho deles. Impossível calcular quantos passos deram no decorrer de teus anos, para quantos lugares lindos te conduziram, suportando sempre o peso de teu corpo.

Seja feliz e agradece tudo o que Deus te deu!

Data : 03/08/2018

Título : PARABÉNS

Categoria: Crônicas

Congratulo-me! Felicito-o pela conquista!

Começo e fim de ano são épocas em que mais se atribuem felicitações, em que mais se realizam conquistas, se concluem etapas, se atingem objetivos, se concretizam sonhos.

Época em que nos congratulamos com parentes e amigos por metas atingidas, cursos concluídos, diplomas recebidos.

Em geral são jovens que, após longos anos de extenuantes esforços, noites mal dormidas, pesadelos em vésperas de provas, chegam ao término de longa caminhada e, numa festa há muito sonhada, recebem o prêmio merecido.

São jovens que, através de longos discursos de paraninfos, reitores e colegas, rememoram a trajetória percorrida, as alegrias repartidas, as lágrimas choradas, as amizades feitas...

A emoção é tanta que, neste momento, esquecem as pedras e espinhos pisados ao longo do caminho. Tudo é festa, alegria, lágrimas de emoção, felicitações, abraços, beijos e agradecimentos.

É noite para esquecer, para viver, para festejar. É noite para congratular, noite para jamais ser esquecida, porque é conquista, vitória, demonstração de seu próprio esforço e capacidade.

Parabéns, valorização em grau máximo aos pais, que em sua maioria, não mediram esforços para que seus filhos chegassem até este momento. Quantas economias, sacrifícios, renúncias...

Parabéns é uma palavra que faz bem e que não deve aplicar-se somente em casos de colação de grau, aniversário, festas...

Parabéns, eu me alegro com você que é eficiente e responsável em seu trabalho; com você que vence dia após dia as dificuldades de subsistência própria e de sua família; com você, pai e mãe de filhos adolescentes que, através da palavra e bom exemplo, conseguem que eles não enveredem pela trilha tortuosa do vício; com você, jovem, que sobrevive num mundo em que os valores da família são cada vez mais reduzidos, a corrupção agiganta-se, os meios de comunicação pouco trazem de positivo. Parabéns a vocês, jovens, que conseguem manter os valores morais.

Parabéns a vocês, idosos, alicerces profundos da formação de seus filhos e netos, escoras que fazem com que a construção suba reta e firme, âncora da leve embarcação nas águas agitadas da vida.

Enfim, parabéns a todos os que lutam, suam, sofrem, correm, caem e levantam, vencem...

A vida é uma luta renhida... mas vale ser vivida! Parabéns!

Data : 03/08/2018

Título : PATCHWORK

Categoria: Crônicas

Trabalho com retalhos. É uma técnica que une tecidos com uma infinidade de formatos.

Registros históricos informam que a arte de unir tecidos remete ao século IX antes de Cristo, quando o homem aprendeu a tecer.

Do Oriente para o Ocidente, mais precisamente para os Estados Unidos e Canadá, foi trazida pelos colonizadores em meados do século XVII.

Este trabalho utiliza as mais variadas técnicas, que foram transmitidas por mães e avós para suas descendentes.

Até 1851, quando surgiu a máquina de costura caseira, tudo era feito manualmente, num trabalho muito demorado, mas rico em detalhes.

Patchwork em si, é a parte superior da peça. O trabalho completo inclui a manta acrílica e o tecido de fundo, tudo preso pelo 'quilting', ou seja, o acolchoamento.

Esta arte de unir formas e cores as mais variadas possíveis, exige de quem a ela se dedica, bom gosto, perfeição e sensibilidade.

Os resultados são impressionantes.

Mesmo sem o nome e conhecimento da técnica, nossas mães e avós, aproveitando sobras de tecidos das costuras e remendos, faziam belas peças decorativas.

A união de tantos retalhinhos, forma um lindo painel que gosto de comparar à vida. Dia após dia, vamos incluindo, no painel de nossa existência, um pequeno retalho a mais.

Uns mal unem alguns tecidinhos e são levados desta existência; outros conseguem fazer alegre peça de razoável tamanho, mas o trabalho fica inacabado por alguma razão.

Alguns, por sua vez, vão tecendo maravilhoso e significativo painel, até a borda final. Sua vida foi plena e rica de ações e lições.

Nem todos conseguem fazer o 'quilting', a costura em ondas que faz o acolchoamento da peça e a torna riquíssima de beleza.

Considero o 'quilting' os caminhos percorridos na vida, tortos, irregulares, com pedras, curvas e espinhos. Por vezes largos e planos, outras, estreitos e íngremes.

Nem tudo na vida são flores, mas nada como um dia após o outro.

Com calma e persistência superamos os dissabores da vida.

Eu queria que o meu painel, colorido e bem feito, chegasse ao fim, com aquele 'quilting' maravilhoso e com o acabamento final; e que ao olhá-lo pudessem dizer: sua vida valeu a pena, foi bem confeccionada, bem trabalhada, bem vivida!

Data : 30/04/2009

Título : Pedras no caminho

Categoria: Crônicas

Me encantou o texto "As pedras e as Flores do caminho", ao qual a colega Herbeni Fachini se refere em seu recente livro "Noventa anos... e daí?"

Daí que desde minha infância as pedras me fascinam.

Não as pedras partidas, os paralelepípedos, não estas, mas as pedras inteiras nos seus infinitos tamanhos e formatos. Acho-as mágicas, misteriosas e onde quer que se encontrem, isoladas ou agrupadas, ornadas com maestria qualquer espaço.

Jamais, em meus primários desenhos faltou um lago e em suas margens algumas pedras. Em geral ao redor de cada pedra crescem ervas e flores silvestres que fazem uma composição maravilhosa com aquele volume compacto de cor enferrujada ou acinzentada que a natureza ali colocou.

Por sua massa resistente, a pedra representa força, trabalho, obstáculos e até mesmo dificuldade. Ela é desafiadora.

É real que nos caminhos da vida esbarremos em pedras, nos machuquemos e até caímos sobre elas.

Elas estão ali para nos dar lições de coragem, força ou mesmo convidando-nos a sentar sobre elas para um descanso e reflexão, e após, seguir a caminhada.

Se forem muito grandes não choremos por não conseguir transpô-las. Podemos quebrá-las a marretadas, dinamitá-las ou simplesmente passar-lhes ao lado.

Elas não estão ali para nos impedir de andar, mas para provar nossa força de vontade, nossa criatividade, nossa determinação e tirar a mesmice de nossos dias.

Jamais as atiremos em alguém, elas podem voltar... e nos ferir...

As pedras, a natureza morta, resistem ao tempo e às intempéries, calçam os caminhos por onde andamos, formam bases sólidas nas construções de casas e muros e muitas delas escondem preciosidades em seu interior.

Fico fascinada com as pedras que margeiam os litorais. A ação das águas e ventos criam obras arquitetônicas de tirar o fôlego tal sua beleza.

Amo caminhar por entre aqueles blocos enormes banhados pela água a cada onda que chega à margem.

Existe na natureza coisa mais bela que os penhascos que se erguem imponentes, acompanhados por profundos despenhadeiros que servem de leito às límpidas águas que descem em cascata dos penhascos? Transpondo pedras e obstáculos, subindo ou já descendo nos caminhos da vida, não nos acovardemos. Cada novo dia nos reserva algo diferente, que faz com que não nos tornemos repetitivos. Importa saber viver.

As pedras? Meros detalhes. Pedras no caminho?

Guardo-as todas; um dia construo um castelo...

Data : 03/08/2018

Título : POR QUE ESCREVO?

Categoria: Crônicas

A escrita sempre me atraiu. É algo mágico. Você imprime o seu “eu”, sua “personalidade”. Ela revela o seu íntimo

Aprendi a escrever com uma mestra suíça, a Irmã Priscila, nos meados do século passado ou mais precisamente em 1946.

Tinha de seis para sete anos. Era totalmente ‘chucra’, mas não tive dificuldade alguma no aprendizado da escrita e da leitura.

Naquela época era usada a lousa, pedra de ardósia e a pena do mesmo material. A lousa trazia uma fina moldura em madeira.

Uma vez preenchida a lousa, tudo era apagado para receber novo conteúdo.

Desde a primeira série do ensino primário, fazia-se caligrafia e a professora era muito exigente quanto à escrita bem legível. Num dos lados da lousa, eram traçadas linhas duplas para a prática da caligrafia.

Mas vamos ao que interessa: por que escrevo?

Em primeiro lugar, para satisfazer meu gosto pela escrita, ou seja, porque gosto de escrever. Uma página totalmente preenchida por mim, me dá certo prazer. Vejo um pouco de mim naquele emaranhado de caracteres desenhados.

Em escrevendo, não esqueço o que leio ou penso. Imprimo meus pensamentos. A escrita é a fotografia do pensamento. Legal, não?

Escrevo porque posso deixar algo de mim para os que me são caros, para que meus netos, que espero tê-los, leiam e me conheçam através da escrita.

Penso o mesmo com relação a meus trabalhos manuais. Ao colocar uma colcha por mim crocheteda sobre a cama, lembrar-se-ão de mim. O mesmo acontecerá com aquela toalha de mesa por mim bordada ou pintada.

Será isso egoísmo ou a garantia de não ser facilmente esquecida?

Já pensou que se desde os primórdios da humanidade não tivessem inventado a escrita, como chegariam até nós os conhecimentos das primitivas civilizações?

A escrita é a janela aberta para o mundo e eu gosto de utilizar-me desta janela, através da qual se veem grandes distâncias.

Data : 03/08/2018

Título : POR QUE PARTICIPO DA OFICINA LITERÁRIA

Categoria: Crônicas

Se o acaso existe, este fato é obra do acaso.

Foi por acaso, quando estava mal de tudo: acabara de perder o marido, fisicamente estava debilitada, péssima emocionalmente, pagava aluguel, fazia tempo não podia pensar em mim. Para bem da verdade, corpo e alma precisavam de ajuda.

Uma das filhas esteve na secretaria do CREATI obtendo informações para eu participar de alguma oficina. Chegou em casa falando da Oficina Literária. Como não estava em condições de escolher, não reagi e fui.

Não gostei do primeiro encontro e lembro até do tema lido pela professora para ser desenvolvido em classe. Não saí do chão, mas, na semana seguinte, voltei e em pouco tempo comecei a criar alguma coisa.

Desde o começo, o que mais me agrada e alegra é a criatividade dos colegas no desenvolvimento de um mesmo tema proposto. As ideias brotam as mais diversas. Cada qual vê o assunto em diferentes prismas. Uns têm maior facilidade, escrevem com rapidez. Outros são mais lentos, como no meu caso. É preciso cavar a rocha, penetrar fundo como quem procura água ou metais preciosos. Alguma coisa sempre sai do íntimo para o papel.

Escrever é algo místico. Imprimimos nossas ideias, pensamentos, nosso ser.

O que falamos se perde no espaço. O que escrevemos nos eterniza.

Escrever é bom, faz bem, realiza.

Gosto e participo da Oficina Literária, antes de mais nada, pelos fortes laços de amizade que nos unem aos colegas.

Formamos uma família, onde reina união, liberdade, confiança, compreensão. Sentimo-nos valorizados. É o mais importante.

Não somos escritores natos, mas damos o máximo de nós para nossas singelas produções.

A Oficina Literária nos dá e nos mantém em um certo grau de cultura e atualização, o que é muito bom e nos faz bem.

Data : 03/08/2018

Título : POVERI BAMBINI

Categoria: Crônicas

Quando mamãe lembrava do triste ocorrido, postava as mãos como quem vai rezar e dizia: poveri bambini (pobres crianças), numa exclamação de dó e compaixão.

Era costume, ao menos nas famílias italianas, que ao dar à luz, sempre em casa, com o auxílio de uma parteira ou prática, mandassem as crianças para a casa de algum parente ou vizinho.

Foi o que ocorreu na casa de minha avó materna Ângela, quando iria dar à luz seu décimo filho.

Entre os nove filhos, minha mãe então com oito anos, era a quarta, a primeira menina em ordem decrescente. Antes dela havia três meninos e, após ela, mais cinco crianças, ou seja, duas meninas e três meninos.

Estas nove crianças foram para a casa de vizinhos (modo de chamar, pois o mais próximo morador ficava a quilômetros).

Estranharam estes pequenos que ninguém ia buscá-los, o que aconteceu somente dois dias após.

Ao chegar em casa, cheias de saudade da mãe, procuraram-na por toda a parte, dentro de casa, nos paióis, estrebaria, galinheiro, porão, horta, roças, tanque e, nada de encontrar.

Veio a noite e a mãe não veio com ela. Novo dia amanheceu, a angústia crescia nas pobres crianças que chamavam, choravam e pediam pela mãe. Aos poucos foram se acostumando com a ausência daquela santa que morrera ao tentar dar à luz ao décimo filho, o qual levou consigo para a sepultura e que ninguém foi capaz de falar aos pequenos órfãos.

Meu avô, José Fávero, que se viu impossibilitado de dar conta sozinho de cuidar dos filhos, da casa, dos animais e dos afazeres nas roças, pediu a ajuda de sua cunhada. Assim a tia Vergínia Cadoná, irmã da falecida vó Ângela, veio em seu auxílio e passou a morar com a família.

Passado algum tempo casaram-se os dois e as crianças chamavam a madrinha de “Ziota”, termo italiano carinhoso, traduzido por “Tiazinha”.

O fato é que a Ziota foi uma verdadeira mãe para as crianças.

Era um tanto severa mas muito carinhosa, contava minha mãe. Ensinou às meninas todo trabalho da casa, como lavar, cozinhar, costurar, cuidar e ordenhar as vacas para o leite e queijo da família, e em tempos vagos, deu-lhes noções de artesanato como tricô, crochê, trabalhos com palha de trigo, bordado...

Minha mãe, mesmo sendo analfabeta das letras, era uma dona de casa a qual administrava como poucos.

A união de meu avô com a Ziota Vergínia, veio aumentar de 9 para 12 o número de filhos.

Quando minha mãe estava com quinze anos, a morte voltou a bater às portas da numerosa família, levando desta feita, o pai desta dúzia de filhos.

Não sei dizer quanto tempo depois desta perda, a Ziota contraiu novo casamento, nascendo-lhe mais dois filhos.

Assim, a família de minha mãe foi formada por três núcleos, onde todos se consideravam irmãos e se queriam muito bem.

Data : 30/04/2009

Título : Primavera – Estação da vida

Categoria: Crônicas

“Depois do inverno, morte figurada, a primavera, uma assunção de flores.

A vida renascida e celebrada.

Num festival de pétalas e cores”. – Miguel Torga

Sou amante apaixonada da natureza. Tudo nela me cativa. No entanto, jamais houvera pensado no milagre que se esconde sob o solo que pisamos. Se nos fosse dado ver, que profusão de vida há ali. Primeiramente a composição do solo com todos os elementos necessários ao desenvolvimento da vida.

Depois, incontáveis sementinhas, raízes, mudas de vegetais que o frio do inverno parece ter tirado a vida.

Não, estão ali encobertas, sugando da terra o alimento necessário para, assim que a terra receber o calor do sol após o frio do inverno, explodir em vida, brotação, cores e flores.

E o interessante é que cada sementinha encerra em seu minúsculo casulo, uma espécie de vegetal, ainda com a capacidade de variar na cor. Acho isto maravilhoso.

Por que, citando apenas as roseiras, aparentemente todas iguais, se cobrem de rosas de infinitas cores, formatos, tamanhos e perfume? Onde tantos segredos? Onde imensurável beleza? Por que, sendo tão bela, se cobre de espinhos? Certamente não são espadas a desafiar inimigos, mas apenas proteção para a beleza.

Todo vegetal, da minúscula florzinha que se esconde em meio à relva até os maiores exemplares na natureza, todos tem seus encantos, sem pensar nos que produzem frutos de todos os tipos, tamanhos e gostos.

Ainda há quem duvide da existência de um criador, Pai extremoso que tudo provê.

Se a natureza, vestido de perfeição, foi feita com tanto carinho pelo Criador, quanto mais amor colocou na criação do homem para povoar a natureza?

A primavera é a estação da vida, vida que brota em profusão na natureza, em nossa mente, em nosso coração.

Em todas as idades de nossa vida há uma primavera, em todas as idades a vida se apresenta sob um estágio diferente, como as flores em terra fértil. Tudo depende da semente que semearmos, do cultivo que lhe dermos.

A terra da vida deve estar coberta pelo verde da esperança e da beleza de cada estágio.

“Quero ter o direito de viver a beleza da minha idade”. – Vera Holtz

Data : 03/08/2018

Título : QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS

Categoria: Crônicas

Não há como se definir qualidade de vida, pois é algo complexo, diferenciando-se de um indivíduo para outro, do meio e das condições onde cada qual vive.

Para o idoso, ter uma velhice saudável e com qualidade de vida, é essencial que mantenha sua autonomia e independência. Ele deve ter condições de fazer amizades, ter atividades que lhe deem prazer, ter motivos para sorrir e amar.

É de grande importância que mantenha seu lado espiritual e seu relacionamento com a família.

É necessária a integração em programas sociais, onde as atividades próprias para idosos, se adaptem às capacidades de cada um.

A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 3º, afirma: “Deve-se promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, cor, sexo e idade.”

Os idosos já não contribuem na produtividade, mas contribuem no aprendizado dos jovens que valorizam as experiências e trilham caminhos que contribuirão no seu viver com qualidade.

Uma das condições para uma boa qualidade de vida é ter um corpo saudável. Para isto é necessário alimentar-se bem, usar medicamentos necessários, ter boas amizades e praticar atividade física. Também é preciso que a pessoa venha se cuidando, física e emocionalmente, desde jovem, evitando os exageros que lhe possam causar problemas quando o físico começar sua decadência, as forças diminuam e, automaticamente, se tornar mais lento.

Data : 03/08/2018

Título : QUANDO COMEÇAMOS ENVELHECER

Categoria: Crônicas

A verdadeira velhice começa quando se olha para trás ao invés de olhar para a frente; diz a escritora May Sarton.

Envelhecer é parte natural da vida, que a comparo a uma longa caminhada.

Quando jovens, cheios de vigor, avançamos de forma rápida, traçamos metas, alimentamos sonhos, realizamos feitos, transpomos barreiras, desperdiçamos oportunidades e, algumas, aproveitamos...

Já adultos, maduros, tornamo-nos mais ponderados, analisamos os prós e os contras das coisas, agimos e avançamos com mais vagar, somos mais reflexivos, tomamos medidas mais acertadas, não agimos por impulso...

Lentamente, porém, o vigor físico parece diminuir, nosso andar se torna mais lento, cansamos facilmente, tornamo-nos mais introspectivos, esquecemos das coisas com

certa facilidade... fisicamente, sentimo-nos envelhecidos qual uma máquina próxima de findar sua produtividade.

Algo maravilhoso, no entanto, ocorre: o espírito se nega a envelhecer! Tornamo-nos mais sábios, damos mais valor às coisas do espírito.

Na longa caminhada que empreendemos, vamos com mais lentidão para admirar as belezas que ladeiam a estrada, para agradecer por haver chegado até ali.

Não há idade para envelhecer! Há muitos jovens bem idosos, que não encontram razões de avançar, são derrotados em seus sonhos e ideais, carcomidos pelo verme do desânimo e da inatividade.

Vive-se uma vez só. Então, é preciso aproveitar cada momento, descobrir o valor das coisas simples, dos pequenos tesouros escondidos que tornam a vida bela.

Data : 03/08/2018

Título : QUANTO CUSTA UM ABRAÇO

Categoria: Crônicas

Para a pequena Raissa Victória, de quatro aninhos, portadora de epidermólise bolhosa, um talvez possível abraço após o tratamento nos Estados Unidos, custa a bagatela de três milhões e trezentos mil reais.

Para nós de coração sadio, alegre e feliz, abraçar não custa nada. É um gesto simples e generoso carregado de sentimentos, o gesto mais simples de sentir o outro.

Dado com amor, o abraço é um ato completo que penetra no fundo do ser, nos emociona, renova o espírito, minimiza carências, ajuda curar depressões, tristezas e mágoas.

No abraço, as emoções falam o que as palavras não conseguem dizer. O abraço dado com carinho completa com o olhar, o sorriso, o beijo.

Abraçar é dizer ao outro: estou aqui para te ajudar, te encorajar, te fazer sentir o quanto te quero bem, o quanto desejo que sejas feliz.

Em geral abraçamos quando precisamos extravasar alegria, quando estamos tristes e quase pedimos: abraça-me, preciso de ti para me erguer e encorajar.

Em qualquer situação boa ou ruim, um abraço é sempre bem vindo, é reconfortante, consolador, solidário.

Nobre é o abraço do perdão. É um gesto que vem de Deus.

Abraçar faz bem à saúde, reduz o stress, a ansiedade e aumenta a felicidade e o bem estar.

Quanto mal existe ao nosso redor causado pela falta de um aperto de mão ou de um abraço amigo.

Por vezes sentimo-nos vazios por dentro, o que poderia ser preenchido com os benefícios portadores de amor e paz de um abraço afetivo.

O melhor lugar do mundo é dentro de um abraço, canta a banda Jota Quest.

Infelizmente o abraço não é tão comum e fácil de ser dado.

Exige generosidade, nobreza de alma e vontade, sentimento de doação e bem querer.

De uma coisa estou certa: receber um abraço carinhoso faz muito bem.

Se a pequena Raíssa não recebeu e experimentou ainda o poder e a força do abraço dada à sua fragilidade física, poderá receber muitos abraços afetivos dados pelas pessoas que com ela compartilham suas limitações.

Unimo-nos a seus pais e amigos, num abraço coletivo de carinho, amor e apoio.

Quiçá, muito breve, este anjinho de corpo chagado possa receber o verdadeiro abraço de quantos convivem com sua dor.

Data : 30/04/2009

Título : Quantos passos posso dar?

Categoria: Crônicas

Nunca mais havia lembrado dessa brincadeira. Alegres, saltitantes, sapecas, perguntávamos à colega que fazia o papel de mãe: mamãe, quantos passos posso dar? Dois longos, cinco saltitantes ou um número qualquer era a resposta e a menininha faceira, saltitava à frente. De pouco a pouco, de curtos ou longos passos, chegávamos à linha limite. A primeira que chegasse era a que fazia o papel de mãe.

Esta brincadeira, apenas trocados os papéis, praticávamos todos os dias.

Vida, ó vida, quantos passos posso dar?

E a vida, mãe ou madrasta, nos dá a resposta:

Quantos passos você quer ou puder; quantos sua capacidade física lhe permitir, quantos sua força de vontade lhe conceder, quantos forem necessários para a realização de seus sonhos, quantos você julgar precisos para atingir suas metas.

Curto ou longo, poucos ou numerosos, tudo dependendo dos estímulos, percorremos longas distâncias.

Passamos por caminhos semeados de flores, tropeçamos em pedras, cortamos os pés nos espinhos, esmorecemos ao peso dos mais diferentes fardos, caímos e nos levantamos.

O importante é que aqui estamos, fortes e vencedores, com enorme bagagem de experiências colhidas ao longo dos caminhos percorridos e com vontade de prosseguir.

Enquanto a vida nos conceder, caminhemos.

Somos eternos caminheiros e o caminho se faz caminhando.

Mãe Vida, quantos passos ainda posso dar?

Data : 30/04/2009

Título : Que lembrança levaria para um lugar deserto

Categoria: Crônicas

Assim diz a história:

No sétimo dia Deus olhou com amor para a criação que realizara e viu que tudo estava bom. Mas pensando um pouco, voltou-se para seus anjos auxiliares e disse-lhes: dei ao homem capacidade, inteligência e raciocínio para descobrir e desenvolver tudo o que é possível descobrir para viver tranquilamente. Dei-lhe beleza física, muitos dotes, o fiz à minha imagem e semelhança. No entanto, ele não é feliz. Vou dar-lhe a felicidade também, mas não gratuitamente, é preciso que ele a encontre. Vão, disse aos anjos e escondam-na para que o homem a procure e conquiste pelo esforço próprio. Obedientes ao Criador, os anjos se reuniram para decidir onde esconder a felicidade. Após muito pensar, um deles teve uma brilhante idéia: “vamos escondê-la na montanha mais alta da terra, onde ele não consiga chegar.” Após longo silêncio, um dos espíritos celestes falou: “ele pode criar aparelhos voadores e chegar até este pico.”Decidiram então pelo oposto. Vamos colocá-la no mais fundo dos abismos, sob a água dos oceanos. Não é seguro, pois eles com sua inteligência vão descobrir um meio de alcançar os abismos e a encontrarão. Indecisos, não achavam solução para a tarefa recebida do Senhor, eis quando um humilde anjo deu sua sugestão: “e que tal escondê-la no âmago de seu coração, onde dificilmente o homem se encoraja penetrar?” Exultaram todos e concordando a colocaram no íntimo do ser humano, onde dificilmente é encontrada, pois só é procurada nas coisas externas e materiais e muito poucos tem a capacidade e coragem de penetrar em si mesmos e descobrir que a felicidade está em si e não nas coisas materiais.

Pois bem, para este lugar deserto, queria ir despida de todos os bens materiais, de todas as cargas que fomos acumulando ao longo dos anos, apenas com a felicidade que tinha no meu tempo de criança, quando era apenas inocência, despreocupação, alegria de viver, tranquilidade, paz.

Não seria necessário permanecer por muito tempo neste paraíso de solidão; apenas o suficiente para retornar àquele tempo e sentir a sensação de total liberdade e paz suficientes para amenizar o peso do fardo com que carregamos consciente ou inconscientemente.

Deus, quando teve a idéia de dar ao homem a felicidade, reservou para si uma emenda à obra, que o fez assim raciocinar: se eu lhes der toda felicidade, se tornaram iguais a mim, ou seja, deuses, razão pela qual homem algum, aqui na terra, é totalmente feliz, pois a felicidade deve ser conquistada dia após dia.

Data : 30/04/2009

Título : Quem é você para você mesmo?

Categoria: Crônicas

Difícil esta repostar. Jamais, em meus muitos anos já vividos, ouvi alguém dizer que se conhece a fundo.

É muito mais fácil avaliar os outros que a nós mesmos.

Somos um mistério. O corpo por si já é um fenômeno, uma obra fantástica. Se nos detivermos a pensar um pouco sobre a importância dos sentidos, ficamos abismados diante de tanta grandeza: vemos, ouvimos, falamos.

Qual a um intrincado mecanismo de uma moderna criação humana, cada peça de nosso corpo tem sua função.

No entanto, esta máquina viva e perfeita é apenas o invólucro da essência humana, ou seja, o espírito, a vida, o meu eu único e imortal, dotado de inteligência, capacidades, dons, virtudes e defeitos.

Algum ponto escondido do cérebro terá a função de estimular o desenvolvimento das qualidades do espírito que devem ser trabalhadas e estimuladas. Comparo o intelecto a uma pedra preciosa em seu estado bruto. Ela precisa ser burilada, aprimorada com muito carinho para dar-lhe o valor que é devido.

Conheço-me muito pouco.

Sou uma pedra muito pouco apurada. Quem sabe quantas qualidades ainda faltam para despertar e pôr em atividade.

Enxergamos mais facilmente os defeitos, ou seja, o joio em meio a um grande trigo, do que as boas qualidades que temos.

Dia desses, li uma mensagem que achei fantástica e tinha como título a pergunta: quanto você vale? E seguia perguntando: como é que você descreve sua vida? Quem é você para você mesmo? Como você venderia o produto você? Você é barato, tem custo

acessível ou é daquelas figuras caras que não tem tempo para perder com a tristeza e o passado? Você tem 1001 utilidades? Você vive em que século mesmo? E o texto continuava:

“São os seus olhos que refletem o que vai na sua alma e o que vai na sua alma se reflete na vida que você leva. Seja o melhor divulgador de si mesmo, valorize-se, esteja sempre pronto para dar o seu melhor, com seu melhor sorriso, seu melhor sentimento, suas melhores intenções, sua gentileza sempre pronta para entrar em ação. Seja OMO, BRASTEMP, LUX LUXO e se for chocolate, que seja GODIVA, suíço e caro, porque gente igual a você não existe em nenhum mercado e tem que valer sempre mais. Valorize-se, não importa o que você faz, mas como você faz; isso sim, faz toda a diferença.”

Faço minha a afirmação de Oscar Wilde: “Sou a única pessoa no mundo que eu realmente queria conhecer bem”.

Se cruzasse comigo em alguma rua ou esquina, assim despreocupada, distraída, despercebida dos que vão e vem, teria a imensa satisfação de parar e me apresentar a mim mesma! Teria o prazer de me reconhecer, pois aprendi a enxergar o valor que possuo, a pessoa que sou (me tornei...), minhas qualidades e virtudes e sei que faço sim, toda a diferença!.

Data : 03/08/2018

Título : QUERIA SER ASSIM... COMO ELA

Categoria: Crônicas

Como quem? Como ela, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, que aos cinquenta anos de idade sentiu-se passar por uma intensa transformação interior, a qual mais tarde definiria como “a perda do medo”. Foi nesta mudança interior que decidiu trocar seu nome de batismo pelo pseudônimo de Cora Coralina.

Lógico, não a conheci, pois viveu sua vida toda no Estado de Goiás, onde é reconhecida como a grande poetisa.

Pouco li de seus poemas e escritos, mas a cada frase dela que leio, cresce em mim a admiração por esta mulher que eu imagino de porte pequeno e mirrado, mas um vulcão em atividade no que se refere aos trabalhos por ela exercidos.

Com a morte do esposo e advogado Cantídio Bretas, em 1934, Ana sentiu sobre seus ombros o peso da responsabilidade de criar e educar os quatro filhos. E pôs-se ao trabalho: vendeu livros, produziu linguiças caseiras e banha de porco, mas foi na confecção de doces caseiros que se deu bem. Considerava os doces cristalizados de caju, abóbora, figo e laranja que encantavam vizinhos e amigos, obras melhores que seus escritos em folhas de caderno.

Começou a escrever poesias aos quatorze anos. Coursou apenas até a terceira série do curso primário, o que não impediu de se tornar a grande poetisa que foi, autora de várias obras, a primeira mulher a ganhar o prêmio “Juca Pato”, em 1983.

Reconhecida por suas obras, participou de conferências, homenagens e programas de TV e nunca perdeu a doçura de escritora e confeitadeira.

Vicência, a filha caçula, autora do livro “Cora Coragem Cora Poesia”, diz: “Mamãe foi uma mulher à frente do seu tempo. Dona de uma mente aberta, sempre nos passou a lição da coragem e do otimismo.”

Senhora de sábias e poderosas palavras, escrevia com simplicidade e pureza. Basta vermos a profundidade desta frase: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Transferir o que sabe, ou seja, não guardar só para si o que sabe ou aprendeu, ser generoso, liberal, magnânimo. Se a mim faz bem pode ser útil a outros, este ato de transferir causa realização e contentamento.

“Aprender o que ensina” é mais complicado. Parece contradição, mas supõe-se que o que eu ensine, vivencie; o que não é tão simples. Se eu não vivencio o que eu aprendi, eu não aprendi.

É preciso que transfira em obras, o que eu ensino a outrem.

Cora Coralina tem outras frases de impacto, tais como: “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”

“Não sei se a vida é curta ou longa, mas sei que nada do que vivemos terá sentido se não tocarmos o coração das pessoas.”

E ainda nos ensina o que é que dá sentido à vida de modo que esta seja intensa, verdadeira e pura. Para isto, diz ela, basta ser: “colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que contagia, lágrima que escorre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.”

Queria ser assim... tão sábia quanto Cora Coralina.

Data : 30/04/2009

Título : Raízes

Categoria: Crônicas

Com admiração olhamos para a frondosa e secular árvore que se ergue esbelta apontando o infinito.

Braços estendidos cobertos de folhas, projetam acolhedora sombra para o viandante que descansa do longo caminho e busca alívio do causticante sol. Em seus ramos as aves

repousam, constroem seus ninhos, nascem seus filhotinhos, em seu tronco, fixam-se cactus e bromélias, onde insetos buscam seu alimento e abelhas sugam o néctar que será transformado em doce mel.

Coberta de flores, um colírio para os olhos. Carregada de frutos, atração de milhares de aves e insetos.

Há árvores que não produzem flores nem frutos, mas cujo tronco tem inestimável valor quando transformado em madeira. Quantas casas são construídas, quantos móveis são feitos.

A madeira tem incontáveis aplicações e seu valor econômico financeiro é muito elevado.

A madeira está conosco do nascimento à morte, do berço ao ataúde.

Poucas vezes ao contemplar o belo exemplar, lembramo-nos de que a imponente árvore deve sua vida à raiz.

Escondida, humilde, obscura, silenciosa, generosa, agarrada à terra qual cordão umbilical ao útero materno, só tem uma ambição: a de manter a vida da planta.

Para isto, avança, suga, capta e manda a seiva vitalizante ao tronco, ramos e folhas.

Tão maior a árvore, maiores e profundas as raízes.

Quando se quer eliminar uma plantinha ou erva daninha, elimina-se pela raiz.

Por vezes um resquício de raiz que fica no solo é o suficiente para que a planta renasça, mostrando seu apego à vida.

Grande lição de humildade, desapego, perseverança, fidelidade, trabalho, grandeza, vida... nos dá a raiz.

Árvore, que hoje posso compará-la a uma mãe, à minha mãe...

“Frandosa árvore que me abrigaste quando criança

Sob tua sombra meu berço repousou

Sonhei que em teus braços me tomaste

E na maciez de teu peito minha face descansei.

Teus galhos, braços leves a bailar.

Tuas folhas, tantas quantas as estrelas,

Lábios doces a beijar,

Teu farfalhar, suave cantiga de ninar.

Mãe árvore, minha mãe quase secular.

Generosa, dedicada, humilde, corajosa.

Raízes profundas seu lar exigiu;

Boa semente lançou, missão cumprida, vitórias conquistou.

Não lamente o passado, foi duro e difícil, já passou.

Dez árvores de raízes fortes tu plantaste
Ei-las saudáveis, viçosas a te cercar.

Data : 03/08/2018

Título : RASGO NO BOLSO

Categoria: Crônicas

Rubem Alves é um escritor diferenciado, imaginativo, criativo, profundo, realista.

Conhecendo intensamente Guimarães Rosa, do jeito como ele foi mesmo, nos sertões de sua alma, Rubem diz que a sabedoria dele, do Guimarães, é bruta, fala sem explicar, pois as explicações são inúteis e, que cada coisa dita por este referido escritor, o fazia estremecer.

E o jagunço Riobaldo, como era chamado Guimarães Rosa, doutor na vida, revela o lugar onde Deus nasce.

Tudo começa nesse lugarzinho dolorido, centro do mundo, chamado “eu”.

Quando criança, com ideias de criança, o “eu” reinava soberano.

Crescemos, nos tornamos adultos, as ideias amadureceram e continuamos a falar “eu”, a ser o mesmo “eu”.

E Rubem Alves conclui que o “eu” é um bolso que o corpo carrega.

Bolso é um espaço vazio.

Toda criança precisa ter um bolso em sua roupa. Ali ela põe o bico, brinquedos, bugigangas, balas...

A medida que vai crescendo, substitui uns guardados por outros objetos de estimação. Os objetos mudam mas o bolso continua o mesmo.

E neste bolso guardamos ideias, aflições, perguntas, desejos, perdas, enganos, decepções, esperanças e de tanto guardar, acalçar, substituir, num belo dia este bolso vai rasgar e tudo o que estava guardado vai escorrer pelo buraco aberto no bolso e se perder. Esse buraco no bolso é a morte.

Tudo o que a gente ama vai escorrer pelo buraco do bolso. Nesse bolso também mora uma chama que arde sem parar, como um círio numa catedral em ruínas.

É a chama do amor. E o amor não aceita a perda das coisas amadas.

Tudo o que é amado o coração quer que seja eterno.

Com Deus existindo, tudo dá esperança. Rubem diz que Deus é a esperança que o amor inventa para não perder a alegria.

Importa cuidarmos para que a chama que arde em nossa catedral arruinada, o nosso corpo, jamais se apague.

Data : 30/04/2009

Título : Recordar é viver Episódio I: A mala

Categoria: Crônicas

Havia acabado a quinta série primária, a bem da verdade, em um ótimo colégio de religiosas, onde os conteúdos de então poderiam ser equiparados a um final de primeiro grau de hoje ou mais. E a gente estudava e levava o estudo muito a sério, apesar da grande decoreba que havia.

A turma era pequena; todos nos conhecíamos bem e cada qual primava ser o primeiro da classe. Eu iria ainda fazer o curso de admissão ao ginásio, com um ano de duração.

Conversando, um dia, com uma amiga de vários anos de escola e que por esta época era interna do colégio, fez-me estranho e inesperado convite: “Vilma, vamos estudar para freira? (era bem este o termo usado: estudar para freira!).

Nos meus doze para treze anos, retrato da ingenuidade, que sabia eu de vida religiosa? Sem pestanejar, dei meu “sim” e de imediato fomos à minha casa, expor aos pais, a súbita vocação. Estávamos tão motivadas que não foi difícil convencer os pais que aceitaram creio que até com orgulho.

Feito isto, dirigimo-nos ao colégio para fazer o comunicado à superiora que se mostrou surpresa por estas vocações surgidas tão ao inesperado, e pediu a presença dos pais para dar-lhe os passos a serem seguidos.

Apresentou-se meu pai e ao retornar trazia a relação do enxoval a ser providenciado.

Eram poucos itens, mas para eles, que lutavam contra as dificuldades financeiras, a lista era significativa.

Lá se foi mamãe para o comércio comprar tecidos para confeccionar o solicitado.

Tudo pronto, estava eu numa escaldante tarde de verão, em companhia do pai e dos irmãos, capinando numa roça de milho, quando vejo minha mamãe retornando da vila com uma mala às costas.

Passou-me um calafrio pelo corpo. Quem disse que eu queria deixar meus pais e irmãos? Eu era totalmente imatura para tomar tal decisão. Ao mesmo tempo pensei que em indo para o colégio não precisaria mais trabalhar na roça e a vida seria muito boa.

O dia da partida já estava definido: doze de fevereiro de mil novecentos e cinqüenta e dois. À medida que a data se aproximava eu ia ficando mais triste e preocupada, perdendo o sono e o apetite.

A mala, aquela malinha de papelão marrom, cantos arredondados, estava pronta.

Minha mãe havia feito, conforme constava da listinha, um acolchoado com lã de ovelha e um travesseiro com penas de ganso, animais estes criados na propriedade.

O cobertor, o travesseiro e o vaso noturno com tampa (era assim que chamavam o pinico!) foram acomodados numa bolsa branca bem amarrada que papai levou às costas.

Aos prantos, despedi-me de mamãe e dos oito irmãos e, carregando a malinha, a pé, tomamos a direção do colégio, distante uns três km, aonde fui entregue à superiora.

Papai retirou-se calado, a porta foi fechada e eu senti-me morrer de tristeza.

Dera o primeiro passo.

Data : 30/04/2009

Título : Recordar é viver Episódio II: Vaidade das vaidades

Categoria: Crônicas

Na tarde em que chegara ao colégio, acomodei meus poucos pertences em um armário e mostraram-me uma portinha sob a escada que levava ao segundo piso onde deveria colocar a mala vazia.

Eu estava qual Alice no país das Maravilhas: encantada e assustada ao mesmo tempo. Após o jantar a superiora chamou-me para, em sua companhia, fechar as janelas e portas do casarão, trabalho que a partir do dia seguinte me seria atribuído.

Deitamos cedo sabendo que às cinco e trinta minutos da manhã seguinte seríamos acordadas para a missa das seis horas na capela do colégio. Logo após a missa, o café: uma fatia de pão com pasta de frutas e uma xícara de café com leite.

Tomado este, a superiora distribuiu tarefas: fulana, limpa a casa; sicrana, vai ao tanque, e eu, menina forte e saudável, disse a religiosa, uma roça de milho onde o inço toma conta e é preciso limpa-lo. Toma a enxada que há ali no galpão e põe-te ao trabalho.

Vestido novo, de chita, estampado, me dirigi ao local. Ontem eu estava em companhia do pai e irmãos numa roça de milho, mas havia pouco inço. Aqui o milho estava sufocado pelas ervas daninhas e o solo parecia socado, tão duro estava.

Que decepção, que desespero! Como estava arrependida da minha decisão. Dia após dia lá ia eu, menina forte e saudável, arrancar o inço daquele chão duro e seco.

Haviam-se passado uns quinze dias e chegou a casa a superiora provincial. Ficou feliz por saber que lá havia duas recentes vocações e decidiu levar-nos, a colega que tivera a luminosa idéia e eu, para a casa de formação.

Dispensada de minha capina diária, fui para casa despedir-me de meus familiares, não esperando que alguém me dissesse para não ir. Chorando muito deixei a casa e chegando ao colégio tomei minha malinha do canto escuro e fui acomodar as roupas para a partida do dia seguinte.

Chegadas em companhia da provincial a Passo Fundo dos anos cinqüenta e demoramos uns dias, pois a superiora devia fazer umas visitas, seguindo após, de trem, para o destino final.

Lá chegadas, apontaram-nos, no dormitório, uma prateleira com muitas divisões de uns 40 centímetros cada. Ali deveríamos colocar, em ordem milimétrica, a nossa roupa, uma divisão por pessoa.

Sobre um longo banco, enfileiradas, a bacia individual para a higiene da manhã. Sob a bacia, a saboneteira, pente, escova e pasta. Ao lado, a toalha dobrada.

Havia a encarregada de colocar, à tardinha, um pouco de água na bacia e no copo.

Eu tinha levado um espelhinho oval que cabia na palma da mão e guardara-o também sob a bacia.

Na parede, ao pé da minha cama, havia uma bonita moldura com a imagem do Cristo coroado de espinhos. Fixo a um canto da moldura, um cartão com a seguinte inscrição: “Vaidade das vaidades e tudo é vaidade a não ser amar a Deus e só fazer-lhe alegria. Tudo passa e a ti só resta o que vês no reverso.” Virando a moldura, aparecia uma terrível caveira em grafite. Dias após meu espelhinho sumiu. Não precisara explicação para seu sumiço, eu é que devia ser menos ingênua.

Por ser forte e saudável, integraram-me à equipe de limpeza do prédio de quatro andares, com dezenas de salas, largos corredores e pontos de acesso, sem falar da enorme quantidade de lixo nos pátios, o qual devia ser recolhido e levado com carrinho de mão à lixeira coletiva.

Hoje diria que se cometeram muitos exageros com respeito ao trabalho e cujas conseqüências demoraram muitos anos para se manifestarem.

Mas onde foi parar minha mala marrom de cantos arredondados? Após o último andar, havia um sótão escuro e apertado, onde não entrava luz natural. Por estreita porta chegava-se a ele e sobre umas grades eram colocadas as malas. Era o lugar mais quente que já vi.

Ali, muitas vezes, me escondia para chorar de saudades.

Uma vez ao ano buscava minha malinha para passar quinze dias junto a meus familiares.

Após cinco anos de permanência nesta casa, passamos para um segundo estágio de formação.

Deram-me outra mala, um pouco maior e melhor que a minha, pois o calor a tinha deformado...

Data : 30/04/2009

Título : Recordar é viver Episódio III: Amor reprimido

Categoria: Crônicas

Muitos foram os fatos ocorridos nos quatro anos de ginásio urçados no Colégio São José de Erechim, mas vou dar destaque a um que começou em mil novecentos e cinquenta e cinco quando eu cursava a quarta série ginásial, estendendo-se pelo ano seguinte.

O enorme colégio que ocupava praticamente dois quarteirões, estava sendo ampliado num espaço que separava dois blocos. A construção subia lenta, levando seus trabalhos por mais de dois anos.

O construtor, casualmente com o mesmo nome que meu pai, era um senhor calmo, bonachão, de total confiança da direção do colégio. Eu até o achava parecido com meu pai.

Mas nada a ver com ele. Entre seus operários estava um jovem moreno, trabalhador, tranqüilo.

Eu, jovem, com meus dezesseis para dezessete anos comecei a olhar para ele, achando-o o máximo.

Fazia de tudo para vê-lo ou passar-lhe por perto. Eu estava perdida de amores por ele. Lógico, nunca lhe dirigi a palavra, não lhe sabia sequer o nome; eu só o achava lindo.

Minha consciência, no entanto, me acusava e eu não estava bem. Era norma do colégio que tanto as religiosas quanto as aspirantes irem à confissão semanal. O sacerdote que vinha de lugarejo próximo, estava a postos duas tardes na semana e todas deviam ir. Que aflição! Não quisesse confessar devia pedir a bênção ou um conselho se achasse necessário.

Após dias de ansiedade, oração e insônia, me armei de coragem, achei-me ao confessor e expressei, trêmula, o problema que me afligia.

Acabei de falar e aguardei. Calmamente o bom homem de Deus falou: perigosíssimo, perigosíssimo, perigosíssimo. Se tiver coragem conte-o à mestra e volte na próxima semana. Despediu-me com sua bênção. Aí aumentou meu desespero. Eu devia estar errada mesmo.

Como iria contar à mestra? Passei uma semana horrível, na total insônia e mínimo apetite. Que fazer?

Num intervalo de aula fui ao gabinete da sábia religiosa, vinda da Suíça para as missões no Brasil. O tempo era curto e sabia que ela não me ouviria no momento.

Entrei, pernas bambas, coração na mão e falei: Irmã, preciso muito falar com a senhora. Ela olhou-me e disse que à tarde me chamaria. Passou a tarde, parte da noite e nada. Fomos dormir e eu cada vez mais apavorada. Aquele “perigosíssimo” pareciam marteladas na minha cabeça. No dia seguinte, no horário de estudos da noite, ela chamou-me.

Sentia-me desmaiar. Sentamo-nos numa saleta e ela com um sorriso disse: fala, o que foi? Eu olhei para ela e só consegui dizer: gosto daquele rapaz; e calei-me...

Ela não se mostrou tão trágica, falou com calma, aconselhou-me muito, fez-me ver o perigo e disse que me daria o livro “flerte” para ler, que o mantivesse escondido e não falasse para ninguém sobre o fato...

Como o tal problema não se solucionasse, propôs-se pedir ao chefe a dispensa do rapaz. Achei injusto demiti-lo sem causa e prometi maior esforço para acabar com os proibidos sentimentos.

Algum tempo depois eu fui enviada para outra casa a fim de dar continuidade à formação...

Data : 30/04/2009

Título : Recordar é viver Episódio IV: Cômico, se não fosse triste

Categoria: Crônicas

Acabado o período de preparação à vida religiosa, fui mandada para uma casa onde funcionava uma escola particular e havia uma dezena ou pouco mais de internas vindas do interior.

Ruim, foi eu ter ido para lá conhecendo a fama da superiora e omito-me dizer qual minha primeira impressão, a qual não me largou nos dois anos em que lá permaneci.

Tinha verdadeiro horror àquela pessoa.

Nos meus vinte anos, saindo de um sistema metódico, tranqüilo, quase me vi sucumbir. Deram-me duas turmas do ensino primário, uma pela manhã e a outra à tarde; a responsabilidade pelas internas, o cuidado do jardim, da capela e outras tarefas menores. Não foi fácil. O pior, no entanto, foi o convívio com as irmãs de hábito. Quando reunidas, só falavam em alemão e me deram um livro, dizendo: aprenda.

Até hoje só sei dizer sim e não e não tenho a mínima simpatia por esta língua.

Entre as jovens que viviam na casa, uma estava lá para estudar e ajudar nos afazeres domésticos e relacionava-me bem com ela.

Certa vez, por ocasião de um feriadão, as internas foram para casa. Ao regressarem, uma pequena de seus nove anos, menina com certa carência afetiva e dificuldade de aprendizagem, veio com permanente nos cabelos. Os cachinhos estavam rentes à cabecinha. Ela estava realizada e feliz com seu novo visual.

São passados mais de quarenta anos e eu guardo viva a fisionomia da pequena, seu olhar brilhante e os pulinhos de felicidade que dava.

Quem não gostou da história foi a superiora que também era professora da menina.

Procurou-me e despejou sobre mim a ordem: fulana, corta os cabelos daquela interna, que já tem dificuldade de aprender, quanto mais com os cabelos deste jeito.

Irmã, disse-lhe assustada, eu não sei cortar cabelos, nunca fiz isto.

Como cortar? O que cortar? Por que tanto incomodavam a religiosa?

Não se passaram três dias quando bateu à porta onde eu estava lecionando, aquela jovem que citei antes e me disse apavorada: irmã, adivinha o que a superiora fez? Obrigou-me segurar a pequena que esperneava e à tesouradas tirou-lhe todos os cachinhos. Ela está aos prantos. Fui procurá-la e levei um enorme susto ao ver aquela criança. Tinham-lhe tirado não só os cachinhos, mas seu amor próprio, sua felicidade. Estava desesperada. Resultado: foi parar no hospital onde permaneceu por vários dias com febre. Seus pais foram chamados. Só não soube nunca qual explicação lhe deram e em que se fundamentaram.

Era norma da congregação, creio hoje não o seja, deitar-se cedo e à meia noite, levantar e ir à capela para a recitação do santo ofício. Eram quatro grossos volumes para o ano, tudo em latim. Ficava-se uma hora na recitação. Rezava-se em voz alta e num tom mais alto ainda. Eram várias leituras das quais pouco ou nada entendia. Como sempre, tive problemas para aquecer os pés, por vezes não havia dormido ainda e já devia levantar.

Um outro problema me incomodava: ficava afônica, por vezes não saindo voz alguma, problema considerado pela superiora como voluntário. Como éramos só quatro religiosas na casa, às vezes a mais idosa que era adoentada, não ia, eu, como a mais jovem não podia me eximir da parte que me cabia.

Como o problema da voz se agravasse e eram férias, fui encaminhada a um especialista que aconselhou fosse enviada a uma estação de águas sulfurosas. Alguns dias após me encontrar na casa onde fora para consulta o médico, a superiora disse-me que eu havia sido transferida e que eu mandasse buscar meus poucos pertences.

Uns dias depois chegou a mala. Ao abri-la tive grande decepção. Socaram nela, sem o menor cuidado, roupa limpa, usada, avental sujo, calçado enlameado de uso no jardim, tudo o que e como acharam.

Senti-me a última. Houvera trabalhado muito naquela casa, sentira em meu íntimo a incompreensão, a solidão e as dificuldades de adaptação. Fui para uma comunidade bem maior, bem organizada, onde permaneci por diversos anos. Eu só não conseguia me adaptar às normas e à rigidez da vida religiosa, feita unicamente para os vocacionados.

Contudo, os anos que passei no convento foram muito válidos.

Data : 30/04/2009

Título : Recordar é viver Episódio IX: Volta às origens

Categoria: Crônicas

Ao criar o homem, Deus disse: “crescei, multiplicai-vos e povoai a terra.” E o homem foi obediente ao mandato do criador, indo se multiplicar com certa rapidez, sem muitos, ou creio nenhum, planejamento.

As famílias até algumas décadas passadas, possuíam muitos filhos, principalmente as de origem italiana.

As mulheres não passavam de procriadoras. Mal saíam de uma gestação e de um parto que muitas vezes levava aquelas heroínas à morte, já se deparavam com nova gravidez.

Minha avó paterna faleceu quando dava à luz ao décimo segundo filho o qual levou consigo, o mesmo acontecendo com a avó materna quando do parto de seu décimo filho.

A gestação ocorria sem planejamento, sem preparativos, sem nenhum cuidado médico e o parto se dava com a presença de parteiras amadoras, que faziam o que a experiência lhes ensinara.

Aquelas crianças órfãs, jogadas ao abandono, à falta de carinho, mais se assemelhavam a um rebanho de cordeirinhos criados ao léo, sem mãe.

O pai apavorado diante desta triste imagem, tratava com a maior rapidez de encontrar a segunda esposa para curar sua solidão e cuidar do pequeno rebanho, o que na maioria das vezes não era solução.

Os pequenos órfãos dificilmente se acostumavam com a nova mãe que não raro os tratava mal, vindo a piorar a situação.

Em minha família eu sou a terceira em ordem decrescente de dez irmãos. Quando meu irmão mais velho que eu, estava com quatro meses, mamãe viu-se frente à nova gestação. Garanto, ela deve ter levado um susto muito grande e a aceitação não foi das melhores, não.

Meus pais já com dois filhos viviam na casa paterna junto com o avô e oito filhos solteiros.

Com o casamento de um de meus tios que também ficaria na grande família, meu avô comprou para meu pai uma área de terra distante 12 km, sobre a qual havia uma pequena casa de 5x6m e para lá mandou meu pai.

Numa carroça puxada por uma junta de bois, meus pais colocaram seus pertences, alguns porquinhos, uma gaiola com galinhas e uma vaca de leite amarrada à carroça e lógico, seus dois filhos: um de dois anos e meio e o outro de poucos meses, mais um terceiro, eu, a caminho.

Estrada péssima, rio para atravessar, mas no coração muita esperança.

Lá chegados trataram de se acomodar e de improvisar um lugar para os animais.

Papai derrubou pinheiros, fez tábuas - quando crescidinha lembro dele fazendo tábuas com a marreta e cunhas de ferro - e construiu, a uns quinze metros da casa, uma meia água onde foi instalada a cozinha de chão e sob uma aba do telhado, lugar para a carroça.

Engraçado, por que não fazer a cozinha junto à casa já existente?

Parece que procuravam problemas ao invés de soluções. Mamãe, grávida, trabalhou duro ao lado de papai.

Uma das primeiras providências foi fazer a horta e plantar verduras e hortaliças no que minha mãe foi sempre muito dedicada.

Vizinhos? Havia sim. O primeiro morava a uns dois km da moradia da nova família!

Quando papai precisava ir à vila comprar o necessário, mamãe diz que passava muito medo à noite, cercada por mato e só com a iluminação da pequena lamparina.

Mas o tempo de gestação se completara e a pequena criança devia nascer.

Papai foi avisar a vizinha e montado em seu cavalo preto tomou rumo da vila em busca da parteira.

Era época de enchentes e havia o rio para passar.

Na ida, não houve problemas, mas na volta foi tarefa impossível e não restou outra alternativa que não ser a de levar a parteira para casa e ele ficar na casa de seu pai esperando a água baixar.

Três dias após, voltou ele tendo encontrado sua esposa no estábulo a ordenhar a vaquinha para o leite dos pequenos e a recém nascida, gordinha, saudável, deitada numa caixa de madeira que lhe serviu de berço e ao ser batizada deram-lhe o nome de Vilma. Era eu!

Sem dar tréguas ao tempo, nova gravidez, tão inesperada quanto a anterior, vindo a pequena ao óbito logo após seu nascimento.

Devia ter quase três aninhos quando meus pais colocaram seus pertences na carroça e tomaram rumo à casa do avô.

O velho descontente com o desempenho de sua nova nora, mandou que o casal fosse cuidar de sua vida em outro lugar e pediu a volta de meus pais.

Mamãe sempre diz que os três anos que haviam passado sós foram muito bons, já estavam acostumados, tinham feito suas lavouras e a terra era muito boa. Para não desacatar as ordens do patriarca, voltaram. Como na vida, mamãe estava grávida.

Eu não recorro de nada do local onde nasci, mas vagamente lembro quando nasceu meu irmão lá concebido.

Decorridos mais de sessenta anos, há dois meses voltei, acompanhada de meu irmão mais velho e de minhas duas filhas.

Fiquei emocionada. A casinha ainda está lá. O lugar é maravilhoso. A mamãe me descrevera várias vezes.

Por uma estranha e incômoda escada, ou seja, uma tábua com três ripas atravessadas, escorada à parede, entrei na casinha que hoje serve de galpão a seu dono. Só o quarto é dividido por uma parede. O telhado foi substituído. O interior até que está bem conservado. Uma janela de correr permite a entrada da luz no quarto e mais uma na parede lateral da casa. Na parede dos fundos, largas frestas.

Toda casa antiga tinha porão e esta não fugiu à regra.

Logo atrás da casa uma nascente onde mamãe colhia água para nosso consumo e lavava as roupas, dá origem a um pequeno córrego.

Meu irmão mostrou-me onde estaria a cozinha e a horta. O chiqueiro lá permanece, tão velho quanto a casa.

À frente, numa pequena subida, bonito arvoredor. Mamãe conta que ela derrubou o mato, limpou e plantou espécies frutíferas. As que hoje estão não são as que ela plantou, lógico, mas o lugar foi conservado para este fim.

Pena que mamãe, nos seus mais de noventa anos, pouco recorda.

Gostaria de ouvi-la contar das emoções alegres ou tristes lá vividas, mas ela guardou sempre, só para si, as agruras da vida.

Hoje, com a consciência bastante comprometida pela esclerose, mostra-se uma pessoa muito amarga e revoltada. Lembra apenas de haver trabalhado muito na vida...

Realmente, ela não parava nunca. Levantava muito cedo e deitava-se quando todos já haviam deitado.

Administrava a casa com muita rigidez: costurava, remendava, lavava, cozinhava, cuidava da criação, ordenhava as vacas, fazia queijo e ainda ajudava na lavoura. À noite fazia trança com palha de trigo e confeccionava cestas e chapéus.

Vendia queijo e ovos para suprir as necessidades da casa. De seus dez filhos, hoje todos vivos, tem predileção pelo mais novo dos rapazes o qual não casou e vive só na antiga moradia.

Ela goza de boa saúde, apenas comprometida pela falta de memória, o que nos frustra.

* minha mãe já é falecida, partiu ainda em maio de 2006.

Data : 30/04/2009

Título : Recordar é viver Episódio V: A lousa

Categoria: Crônicas

Era uma placa de poucos milímetros de espessura, na cor preta, medindo uns trinta centímetros de comprimento por uns vinte e dois de largura. Ao seu redor uma moldurinha de madeira na cor natural, de uns dois centímetros de largura.

Podia-se escrever dos dois lados.

A professora, irmã religiosa, com uma régua e um prego, mão firme, traçava linhas em ambos os lados. Num deles fazia pautas comuns, no outro, pauta dupla para caligrafia.

Não havia cadernos, ou melhor, não se usava cadernos.

Num dos cantos da moldura fazia-se um furinho onde era introduzido um barbante responsável por segurar, anexo à lousa, um pano macio para limpá-la. Era preciso também, ter um vidrinho com água para molhar parte do pano e melhor limpar a lousa. Não era fácil este trabalho. Se não fosse bem limpa ficava toda lambusada!

Quando a lousa ficava cheia, apagava-se toda ou ia apagando-se aos poucos, sempre depois de a professora ter visto o que se estava fazendo.

Não raro, às escondidas da professora, levava-se o dedo à boca para após, passá-lo sobre a palavra ou algarismo errado.

Para escrever sobre a lousa, usava-se a pena. Era um tipo canudo, compacto, bem mais fina que um lápis ou caneta de hoje. Creio que era do mesmo material que a lousa. Quando nova, tinha uns quinze centímetros de comprimento, mas era muito quebradiça.

Se ao escrever se acalcesse um pouco, o que geralmente se fazia, era já aquele “crack” e a pena estava em dois pedaços. Ficava-se muito triste quando isto acontecia porque não se escapava da bronca dos pais que exigiam se usasse até o último pedacinho, introduzindo-o na pena de uma ave.

Os toquinhos de pena eram guardados numa caixinha que pedíamos na farmácia do hospital.

Um detalhe: a pena tinha que ter ponta. Havia no colégio, logo de fora das salas de aula, um “apontódromo”. Era um círculo de concreto áspero, com um metro e pouco de diâmetro, uns 30 cm de largura, por talvez meio metro de altura, abaulado na parte superior.

Vinha-se, sentava-se sobre ele e ia-se esfregando e girando a

ponta da pena, inclinada, até ficar fina, como a ponta de lápis. Antes da aula aquilo estava sempre e muito ocupado. Nunca esqueço o que ocorreu comigo a respeito da lousa... Como queria ter uma hoje.

Quando entrei para a primeira série, seis aninhos, caipirinha, caipirinha, mas com muita vontade de estudar, meu pai comprou uma lousa nova para meu irmão que iria para a segunda série e me passou a dele. Acontece que estava partida ao meio, pelo comprimento. Só conseguia escreve um pouco em cima e um pouco embaixo da divisão!

A professora não demorou em reclamar e pedir outra. Falei ao pai que não me deu muita atenção. A justa reclamação da mestra prosseguia e eu a repassava ao pai. Certa manhã, em aula, a professora, cansada daquela lousa incômoda e de pouco espaço, disse: se você não arrumar uma lousa nova, jogo esta pela janela. Falei ao pai que de sua primeira ida à vila, trouxe, dentro de um caldeirão de cobre que fora comprar a minha lousa nova. Fiquei muito feliz e na manhã seguinte apressei-me em apresentá-la à professora para que fizesse as linhas. Disse-me que as faria ao meio dia, após a aula. Esperei que dispensasse os alunos e fui para o dito trabalho. Ela mandou que fosse pedir a meu irmão que me esperasse, pois demoraria uns quinze minutos. Logo na saída encontrei-o jogando bolinhas com uns coleguinhas. “Nino”, assim o chamávamos em casa, a irmã disse que é pra você me esperar. Falei em nosso bom dialeto italiano, lógico: “nino, a monega gá dito que zé par spetar-me”, e voltei para a sala.

Acabado o trabalho, saí muito feliz com minha lousa nova em dia, colocada com cuidado numa bonita cesta colorida, de trança de palha de trigo, que mamãe fazia. E cadê meu irmão, Nino?!

Procurei-o, chamei por ele e nada. Ele havia ido embora.

Assustada, pus-me a chorar e não restou outra alternativa que ir embora sozinha, a pé, lógico, por quase quatro quilômetros de estrada praticamente deserta e muito mato fechado. Não esqueçam: tinha seis anos... Vendo-nos chegar separados, não escapamos à bronca dos pais.

O primeiro caderno, comprei-o quase no final da segunda série. Quando solicitado eu não o comprei logo. Fui a última. Sempre me mandavam esperar, pois não havia

dinheiro. Mamãe tinha que vender queijo e ovos. Ganho o dinheiro fui à livraria. Lembro bem. Comprei um caderno de capa dura, pauta simples. Comprei este porque achei bonito. Ao entregá-lo à professora ela falou que tinha que ser mais grosso para dividir as páginas entre diversas matérias e que o fosse trocar. Acontece que com as mãos limpas que tinha e folheando-o para contar-lhe as folhas, eu o havia sujado e amassado os cantos e o dono da livraria não o quis aceitar de volta. Deve ter ficado com pena da minha ingenuidade e burrice que fez a troca solicitada.

O caderno ficava só para uso em aula. A lousa continuou em vigor e só foi dispensada na terceira série.

Se o caderno demorou a entrar na vida do estudante, o mesmo não aconteceu com o livro. Na primeira série tínhamos a encantadora cartilha. Que livro simpático o da ave, ovo, uva e como suas leituras iam ficando difíceis e gostosas pelo fim do livro.

Na segunda série além do livro de leitura vieram os livros de conhecimentos gerais com conteúdos separados de História, Geografia e Ciências. Havia também livros de matemática. Cada aluno adquiria os seus. À medida que as séries avançavam os livros acompanhavam com seus conteúdos fortes, pontos longos, mas eram muito agradáveis. Os livros de geografia além dos pontos, traziam muitos mapas, nos quais nós éramos peritos em localizar cidades, rios e relevos. Antes da aula nos agrupávamos sobre os mapas expostos na sala e sabíamos tudo.

Os livros de Ciências vinham com todas as partes do corpo, esqueleto, músculos, nervos que nós nos divertíamos em localizar.

A gente era aluno de verdade e tinha prazer em estudar. Orgulhava-nos aquele uniformezinho diário. Tinha o festivo também!

Bons, boníssimos tempos aqueles dos quais nos restam doces recordações!

Data : 30/04/2009

Título : Recordar é viver Episódio VI: Doces brincadeiras

Categoria: Crônicas

Desde muito cedo fazíamos tarefas domésticas. Com nossos cinco, seis aninhos, aprendíamos a varrer a casa, lavar aqui ou ali, tratar os bichinhos, descascar milho...

Lembro precisar subir num banquinho para mexer as panelas. Mamãe deixava tudo temperado e a gente tinha que cuidar do cozimento. Imaginem o que podia acontecer...

Para não esquecer os trabalhos, fazia-se uma listinha e ia-se riscando o que era feito: catar lenha no mato, encher os baldes com água da fonte que ficava há uns 200 metros, cortar pasto para as vacas... Não era pouca coisa não; não se podia perder tempo.

Mamãe ficava feliz ao retornar da roça, à tardinha e encontrar tudo feito. Isso que sempre alguma criança pequena havia para cuidar, dar a mamadeira, chazinho... Uma vez mamãe acomodou uma irmãzinha de poucos meses sobre a enorme mesa da sala. A danadinha virou-se e revirou-se até cair no chão. Eu só escutei o barulho. A sorte é que ela não se machucou.

Para brincar, tínhamos pouco tempo, mas se dava um jeitinho: uma hora após o almoço, à noite após a janta, a louça lavada e o terço rezado, e aos domingos. Aí brincávamos pra valer.

Meu companheiro predileto para isto era meu irmão treze meses mais velho que eu.

Tínhamos em frente à casa uma rampa para corridas com carrinho que nós mesmos fazíamos. Vivíamos com os joelhos esfolados de tanto tombo que se levava. Nossas mãos estavam sempre encardidas de jogar bolinhas de gude.

Éramos peritos em subir em árvores. A época das gavirovas pitangas, guavijús, setecapotes, ariticum, ovalhas, cereja, era conosco mesmo!

Sabíamos direitinho onde estavam as árvores e isto que havia uma enorme extensão de mato, mais de 10 alqueires.

Certa vez, estava em casa com meu irmão mais novo que eu, o Ivo. Mamãe estava na roça e papai tinha ido ao moinho. Levava-se milho e trigo ao moinho para transformar em farinha. O pequeno teimou em subir em uma gaviroveira, carregada de frutas maduras. Eu não o quis deixar, mas ele insistiu tanto que o empurrei árvore acima até ao primeiro galho e distraída, fui colher umas frutas no chão. No mesmo instante só escutei o barulho. Lá estava ele, chorando desesperado e saindo-lhe sangue pela boca. Tomei-o ao colo e levei-o para casa, deitando-o na cama. Cobri-o bem, limpei-lhe a boca e fiquei, apavorada, acariciando-o para que parasse de chorar.

Nisso chegou o papai que quis saber da razão de o menino estar na cama chorando. Tive que contar e até hoje me admiro não haver apanhado. Meu pai tirou as cobertas de cima do pequeno e logo descobriu a causa do choro: quebrara-lhe um braço. Papai mandou que eu fosse chamar a mamãe que o lavou, trocou e tomando o caminho da vila, levou-o em seu cavalo preto para o arrumador de ossos.

De outra feita, fui eu quem quebrou um braço caindo de uma escada sobre uma enorme pedra. Também destronei um braço caindo do cavalo numa das nossas aventuras de jogar corridas a cavalo pelo enorme potreiro atapetado de grama.

Logo abaixo de nossa casa havia uma maravilhosa aguada. Eram várias nascentes que vertiam abundantes do meio das pedras. Sua água era limpa e muito boa de se tomar. No verão era muito fresca e no inverno bem quentinha.

Uma nascente de onde colhíamos água para nosso consumo, formava bonita fonte escavada na rocha e sobre ela papai construía uma casinha para protegê-la, com portinhola e tudo.

Da fonte a água escorria abundante por sobre um canal de madeira para enorme tanque onde lavávamos as roupas. Era tanta a água que entrava e saía do tanque que a mesma não chegava a sujar. Adorávamos brincar ali. Fazíamos açudes onde os gansos, patos e marrecos passavam o dia.

Em outras de nossas aventuras, meu irmão resolveu fazer uma brincadeira de muito mau gosto. Sem eu perceber, deu-me um empurrão e lá estava eu caída dentro do tanque.

Que sensação horrível! Não tivesse me tirado logo, eu por mim, não teria conseguido sair.

Quer no trabalho ou nas brincadeiras, vivíamos cheios de cortes, esfolões, machucados, feridas, picadas. Trabalho para mamãe, à noite.

Dava um dedinho para ir pescar com papai. Na divisa de nossas terras passava um rio e seguido pescávamos em suas límpidas águas.

Apenas para mencionar: em nossa casa por esta época e uns bons anos a mais, não havia luz elétrica, nem rádio.

À noite, usavam-se lamparinas com querosene.

Pena que esta fase da vida foi curta por que foi muito divertida e deixou muita saudade...

Data : 30/04/2009

Título : Recordar é viver Episódio VII: O dos outros é sempre melhor

Categoria: Crônicas

Já disse que nossa família tinha problemas financeiros, mas nunca nos faltou o necessário em matéria de alimentação.

Mamãe fazia muito pão e que pão gostoso, bonito, bem crescido, branquinho ela fazia. Eram uns doze a quinze enormes pães por vez, assados em forno de barro.

Ela conhecia bem a temperatura do forno e o tempo que levava para assar.

Mamãe ficava triste quando, por algum problema, não ficasse bom ou bonito. No café da manhã vinha o miolo que nós comíamos feito sopa com café.

Na despensa, enfileiradas sobre um comprido banco, havia latas de banha, mel, melado de cana de vários sabores, caixas de marmelada, figada, uva, pêssego, tudo feito por mamãe. Estes não podíamos comer sem que ela nos autorizasse. Eram reservados para quando viessem visitas.

Havia uma prateleira só para guardar as formas de queijo as quais mamãe cuidava muito, pois a maioria era para a venda, bem como os ovos, umas bolas de manteiga bem batida e lavada e ia para o mercado ou venda de onde vinham os produtos necessários, como açúcar, café, tecidos.

Frutas, havia em abundância a laranja, bergamotas, pêra, maçãs, uvas, figos, além de muita melancia e melão, razão de muitos encontros com os vizinhos para saboreá-los.

Na roça plantava-se um pouco de tudo: trigo, milho, arroz, feijão... o suficiente para a família e o trato do gado. Sempre sobrava um pouco para a venda.

Sempre tivemos vacas leiteiras que nos forneciam o leite que era tomado com café ou chá de cacau ou comíamos com pão ou batata doce quentinha. Uma delícia!

Nas refeições a comida era substanciosa. Mamãe sempre foi muito dedicada à cozinha.

Carne de gado ou galinha só comíamos nos finais de semana, embora houvesse boa criação de galinhas.

Seguidamente mamãe fazia carne de porco, pois ao carnear o mesmo tinha-se que aproveitar todo, pois não havia geladeira para conservá-lo. Fazia-se salame, morcilha, queijo de porco... e a carne destinada para o consumo era toda frita em muita banha e assim guardada em latas fechadas. Ao usá-la era separada da banha.

Sempre que se matava porco, papai mandava bons pedaços aos dois ou três vizinhos. Assim que carneassem, mandavam-nos iguais pedaços para os. Era a arte da boa vizinhança e mesmo para não perder a carne por falta de conservação.

Mamãe zelava por sua horta enorme e onde havia de tudo.

Seguidamente, aos domingos, levava-nos à casa de algum vizinho, sendo que o primeiro ficava há uns mil e quinhentos metros. Antes de sair, dava-nos comida com a recomendação de que não pedíssemos à vizinha. Tal recomendação era em vão porque logo ao chegar sentíamos fome do pão da vizinha, do doce ou da fruta da comadre. Era o que tínhamos em casa, mas a dela era tão melhor que a nossa. Mamãe dizia-se envergonhada e desculpava-se, mas nós não estávamos nem aí com os seus sentimentos!

Íamos à escola em companhia de outras crianças que moravam além de nossa casa. Eles traziam uma cestinha de laranjas que trocavam conosco por pão e mel. Eles não tinham mel, mas nós tínhamos laranjas apodrecendo no chão, só que as deles eram mais doces.

Na escola, à hora do recreio, vendiam doces ou pedaços de bolo. Destes nós passávamos vontade, ainda mais que eram confeitados para melhor atrair a criançada, pois não levávamos dinheiro à escola.

Mas deixe-me falar um pouco da comida do colégio. Aí a coisa mudou muito.

Comecemos pelo café da manhã. Havia escala das aspirantes, que duas a duas iam à cozinha, cedo da manhã, preparar o café.

Eram panelões de café com leite, pois havia as religiosas, as aspirantes e as internas, ao todo creio que mais de cem pessoas.

Sabia-se a medida par tudo: leite, pó de café, fatias de pão.

Para as internas ia meia fatia de pão puro e vários bules de café adoçado. Cada qual providenciava o doce ou a mistura que quisesse par o pão.

As aspirantes e as religiosas recebiam a meia fatia de pão sem nada em cima, café sem açúcar e uma bacia de polenta que no refeitório era servida em potinhos de barro. Eu achava o máximo tanto a polenta quanto o potinho!

Eu era perita no preparo da dita polenta que já não sei se era polenta ou coisa semelhante.

Na tarde anterior a cozinheira fazia um panelão de uma mistura com água, farinha e sal. Era impossível cozinhar bem, dada a quantidade e o tamanho da panela. Além do mais, era bem dura. Pela manhã tomava-se um facão e ia-se cortando dentro da panela,

fazendo-a em pequenos pedaços. Esmigalhava facilmente. Num enorme panelão de ferro que tínhamos que pegar uma em cada alça para colocar sobre o fogo, colocava-se umas duas colheres de banha, para economizar. Quando estivesse quente ia-se jogando a polenta e mexendo sempre por bastante tempo. Ela ficava toda soltinha e gostosa.

Entre as religiosas havia uma de saúde debilitada e para ela fazia-se, em separado, numa frigideira, a dita polenta com azeite ou manteiga. Invejava-lhe a sorte. Aquela chegava ficar crocante!

Nos lanches da manhã e tarde, comia-se uma fruta. Eram sempre contadas, logo, não havia repetições.

O almoço era bem reforçado e na janta era servida uma sopa ou mingau de banana que eu odiava.

Uma coisa me intrigava. Às vezes ganhava-se uma fruta, um pedaço de bolo ou doce qualquer de uma colega de classe. Não podíamos comer. Era dado à irmã mestra que o destinava à alguma aspirante ou colocado numa bacia que havia sobre um balcão e lá ficava até a irmã dar-lhe um destino. Só se podia comer o recebido se ela autorizasse.

Para mim, gulosa até hoje aquilo era muita provação.

Por ocasião da festa do padroeiro da congregação, as famílias amigas, professores mandavam muitas tortas e pratos diversos às religiosas. Aí tínhamos boa participação.

No domingo, logo após o almoço, uma colega e eu tomávamos uma cesta de vime e a lista de guloseimas feita pelas internas e íamos a um boteco próximo comprar as solicitações. Eram muitos pacotinhos com o nome da respectiva solicitante. Ao final, o vendeiro fazia um pacotinho para cada uma das compradoras. O triste da coisa é que ao retornar ao colégio devíamos entregá-lo à irmã que dificilmente nos destinava algo. No recreio daquele domingo ou quando achava-se por bem, distribuía-o às aspirantes.

Como menina nova, não passei fome não; mas muita vontade de gulodices!

Data : 30/04/2009

Título : Recordar é viver Episódio VIII: Ai, ai, que dor nos cabelos!

Categoria: Crônicas

Como boa família de origem italiana, meu avô, pais e tios haviam plantado enorme parreiral nas terras que, após a divisão ficaram para meu pai.

Quando conheci este parreiral, já não produzia tanto; entrara em decadência. Alguns anos após, foi destruído tendo sido aproveitado os arames de sustentação e suas vigas para novos e menores parreirais.

A uva, de várias espécies, era aplicada na fabricação de bom vinho. No porão de nossa casa havia várias tinas de madeira onde era feito o vinho e após transferido para enormes pipas para aguardar seu envelhecimento. Tínhamos vinho o ano inteiro.

Com o bagaço da uva fazia-se a graspa, aguardente proveniente da destilação do bagaço das uvas.

Tínhamos o alambique de cobre, com enorme serpentina. Eu não entendia como que , em se colocando bagaço de um lado, num grande panelão bem fechado, com fogo brando embaixo, saia lá do outro lado, num processo muito demorado, marcando até os graus do álcool contido no precioso líquido que descia preguiçoso para um recipiente, uma cachaça com sabor muito especial e apreciadíssima pelo homem, especialmente o de origem italiana.

Certa tarde em que papai se dedicava a este trabalho, chamou-me e mandou que eu ficasse cuidando que ele e meus irmãos mais velhos iriam para outros afazeres.

Recomendou-me cuidar do fogo, não o deixar morrer, mas colocar pouca lenha e que cuidasse dos números: quando o ponteiro chegasse em tal lugar, deveria trocar de recipiente.

Sentei perto do balde e fiquei cuidando o ponteiro. Também não entendia o que isto tinha haver com o fio de cachaça que descia.

Cada pouco passava o dedo sob o filete do forte líquido e levava-o à boca. Gostei daquilo...

Quando papai voltou encontrou tudo como ordenara e recolheu tudo para recomeçar no outro dia.

Como de hábito, toda noite após a janta, de joelhos, apoiados ao assento de uma cadeira, rezava-se o terço, seguido pela ladainha e mais orações. Naquela noite não foi diferente, só que a certa altura, quando todos rezavam eu saí da rotina e falei bem alto : “ai, ai, que dor nos cabelos”. Foi uma risada só. Aí que meu pai se deu conta de que eu havia tomado cachaça e provavelmente, sentindo-se culpado de me ter deixado só num trabalho que exigia cuidados de alguém mais responsável do que uma criança de sete anos, pegou-me no colo e sem nada dizer, levou-me para a cama.

Ainda hoje as famílias italianas que conservaram um pouco dos costumes de seus antepassados, continuam fazendo seu próprio vinho e graspa.

A dita graspa é produto raro e difícil de ser encontrado, dada a grande mão-de-obra exigida em seu preparo.

Como boa italiana, sempre gostei e, mesmo depois do porre precoce, continuo apreciando um bom vinho e uma inigualável graspa!

Data : 03/08/2018

Título : RELAÇÃO HOMEM X ANIMAL

Categoria: Crônicas

Sábio Ele. Foi pondo ordem na casa, criando, arrumando, separando, dando a cada coisa seu devido lugar como se faz ao se receber visita importante.

Criou e dependurou bilhões de enfeites na abóbada celeste, plantou infinitas espécies vegetais sobre o solo, pôs vida nas águas, criou muitíssimas espécies de animais para povoarem este mundão de Deus.

No entanto, não estava acabada sua obra.

Parou, pensou, descansou.

Faltava criar quem cuidasse disso tudo, com sabedoria e inteligência. E fez o homem. E fê-lo a sua imagem e semelhança. E o homem vivia feliz dividindo espaço com os animais, cuidando deles, alimentando-se da caça e pesca, usando da força animal para o trabalho e até vestindo-se com suas peles.

Era muito bom o relacionamento de uns com os outros, bastante próximos entre si, não fosse a inteligência e a imortalidade do homem, atributos que não fazem parte dos animais.

Gosto muito dos animais pelo quanto representam e merecem nossos cuidados.

Os insetos, tem a importante tarefa da polinização; a abelha de produzir o mel; e os minúsculos bichinhos que vivem no solo ou pouco além da superfície são encarregados da conservação e adubação do mesmo, como é o caso da minhoca.

Providenciou também animais fiéis e companheiros do homem, como é o caso dos cães. O cão é de fato muito fiel e amigo de seu dono, por vezes mais fiel que o próprio homem a seu semelhante.

Como moro sozinha tenho a companhia de duas cadelinhas. Uma é uma poodle que por longos dezesseis anos nos alegra com seu carinho e companhia. Cuido muito dela para que tenha uma velhice saudável.

A outra é uma lulu da pomerânia. É minha mais fiel companheira.

Onde eu vou dentro de casa ela está comigo. É cachorro de companhia e muito se apega a seu dono. Quando saio, deita à porta e chora.

Não vejo mal em ter apego aos animais, desde que não exagerado a ponto de substituí-los aos filhos.

Como ocorre com crianças e adultos abandonados, há também, cães abandonados, sofridos e doentes pelas ruas, remexendo lixeiras em busca de alimento.

Se o homem peca por excesso de cuidado a estes animais, igual ou maior pecado comete com o abandono dos mesmos.

É preciso mais equilíbrio e menos inversão de valores a este homem, razão da criação.

Data : 30/04/2009

Título : Retalhos do passado

Categoria: Crônicas

Toda vez que saio à rua, minha limitada massa cinzenta e talvez por ser limitada, fica confusa. Acho que as crianças também, às vezes, ficam confusas.

As crianças e os idosos muito se assemelham em seus encontros de idade. Enquanto aqueles sobem, estes descem e neste encontro são iguais; apenas a carga é diferente.

Hoje, no entanto, estou encucada com uma coisa bem simples.

Quando criança e sempre que voltava para casa, via minha mãe tomar de dentro de um armário um enorme balaio. Sobre ele muitas peças de roupa e mais ao fundo uma quantidade enorme de retalhos de todas as cores e tamanhos. Era dali que eu tirava os paninhos para fazer as bonecas e vesti-las.

Tomava a cestinha de costura, colocava o dedal no dedo linha na agulha e por longo tempo entretinha-se a remendar roupas. Fechava os buracos menores, refazia costuras e barras, pregava botões. Se o estrago era muito grande, achava um retalho do mesmo tecido ou semelhante e com maestria aplicava-o sobre a parte estragada. Pregado este, retirava a parte ruim, fazia o arremate e a peça saia pronta para o uso com seu belo remendo.

Jamais mamãe nos deixava vestir uma roupa rasgada. As calças masculinas feitas do grosseiro riscado, em geral rasgavam nos joelhos. Após certo tempo de uso contavam com diversos remendos.

As camisas, sendo mais finas, rasgavam com maior rapidez e os primeiros remendos eram aplicados nos ombros e mangas, onde o tecido, devido aos cestos carregados de pasto, estragava rapidamente.

E o balaio voltava para seu lugar, para ser novamente utilizado assim que o próximo remendo precisasse ser feito, atiçando minha curiosa mente infantil, hoje ainda curiosa, porém não mais infantil...

Data : 03/08/2018

Título : RIA DE SI, SE PUDER

Categoria: Crônicas

Era cedo de uma manhã chuvosa, primeiro dia do outono, prenúncio talvez de uma estação fria antecipando o inverno rigoroso.

Na soleira de um prédio estava ele sentado, tendo ao lado um saco preto dos que costumam ser usados para descartar lixo. Pela aparência do cara ali sentado, este saco preto devia conter seus pertences: umas peças de roupa mal lavadas – se lavadas, um cobertor velho e um pedaço de plástico, os quais estenderia à noite para dormir.

Quem sou eu para fazer este juízo se o saco estava fechado?

Era um indivíduo relativamente novo, mal vestido, cabelos e barba longos, magro, moreno. Feições bonitas se tivesse o cuidado devido.

Passei por ele, fui ao mercado e voltei. Pouco depois saí novamente, passando por ele na ida e na volta. Ele permanecia no mesmo lugar e na mesma posição.

No entanto, havia algo estranho naquele rosto sofrido: o homem ria. Por vezes baixo e, a seguir, dava discretas gargalhadas.

Ali por perto nada havia que o movesse a isso, mas ele ria.

Do que haveria de rir? Da própria sorte? Da vida que tudo lhe negara? Da falta de afeto da família? Da sociedade que o marginalizara? Da dor da fome que lhe comprimira o estômago ou da felicidade de, ao abrir lixeiras, deparar-se com quantidades de alimentos jogados das mesas dos mais afortunados?

Não sei, mas ele ria, ria muito, ria de si.

É uma virtude rir-se. Ele podia estar rindo não de alegria, já que o riso é a expressão da alegria, mas porque a fome, a droga, a bebida, o sofrimento lhe tenham afetado as faculdades mentais. Ria de seu infortúnio.

Nós que temos, não digo tudo de que necessitamos, mas até mais do que isso, por vezes, ao invés de nos mostrarmos felizes e agradecidos, reclamamos da sorte e invejamos a quem julgamos ter melhores condições do que nós.

Rir é uma excelente qualidade. É tão mais inteligente e simpático rir do que andar de rosto e coração fechados, de mal consigo e com o mundo.

Ria, ria de si, se puder.

Data : 03/08/2018

Título : ROTINA?

Categoria: Crônicas

...Está tudo aí e nada se repete.

Cada dia é único, irrepetível e intransferível. Cada palavra dita é sempre uma estreia e uma despedida. Um gesto é sempre a primeira e última vez que o fazemos. Jamais voltará a acontecer na mesma realidade cronológica, geográfica e emocional em que ele se deu.

No gesto de amanhã nem eu serei o que sou hoje, serei outro, como o meu gesto.

Li o livro de Elisa Lucinda, “Parem de falar mal da rotina”, e tenho-lhe admiração porque tem a mente aberta, uma sensibilidade extraordinária, uma visão que alcança o horizonte, uma inteligência que supera o limite e um coração que beira a perfeição.

Ela sabe viver e desfrutar as maravilhas da criação.

É aberta às mutações de toda ordem que ocorrem na natureza.

Alguém em tempos idos, falando do poder do Criador, disse aos alunos que embevecidos o ouviam, que Deus é tão poderoso e criativo que no universo todo não encontraríamos duas folhas iguais. Isto me marcou profundamente e muitas vezes, criança ainda, procurava folhas que julgava iguais e suas pequenas diferenças.

Agora, em minha limitação, jamais pensei que um gesto meu é único e irrepetível, assim como cada palavra dita é uma estreia e uma despedida, porque o momento em que ocorreu o gesto ou foi dita a palavra, jamais se repetirá.

Sempre ouvi dizer que se deve aprender uma coisa nova a cada dia. Aqui veio um turbilhão de coisas novas que eu, em meu mundinho restrito, nunca havia pensado.

Andava encucada com a tal história da rotina.

“... fulana o que está fazendo”, perguntava ao telefone a amiga.

E eu, um tanto frustrada, dizia: “Sempre a mesma coisa. Limpar, lavar, arrumar, cozinhar, tricotar, e amanhã começar tudo de novo”.

Como sou limitada! Também, nunca pensei na maravilhosa rotina de cada novo dia, no encantamento do nascer do sol, do desabrochar de cada flor, de cada onda que chega à margem, do voo de cada pássaro no azul do céu, de cada gota de chuva ou de orvalho que se forma sobre a grama... Tudo isto, e uma relação incontável de outras manifestações, fazem parte da rotina do Criador que tudo fez e faz em benefício de sua criatura.

Como somos pequenos, limitados e acomodados. É preciso que aprendamos a viver e encarar a vida com mais atitude e otimismo.

Data : 03/08/2018

Título : RUAZINHA DA MINHA INFÂNCIA

Categoria: Crônicas

Esta eu conheci bem. Saia do portãozinho de nossa casa e conduzia ao que hoje é a RS324.

Não era rua, mas um trilho cercado de grama nos dois lados. Sabia-lhe as curvas, os desníveis, as pedras que a calçavam, onde podia empossar água ou causar algum perigo de resvalar e cair

Findo o potreiro, um mata-burro a separava das lavouras.

A partir dali, pelo lado direito de quem vinha, era coberto por mata muito espessa de onde seguidamente víamos sair ratões, cobras, lagartos, saracuras...

Lá pelas tantas, à beira do mato, havia um toco de árvore apodrecendo. Não me perguntem o porquê, mas havia-me proposto que, a cada vez que passasse por este tronco, lembraria de um senhor, dono de uma casa comercial que julgávamos ser o mais rico do então povoado, hoje progressista cidade de Marau.

Logo adiante a ruazinha era ladeada por mata pelos dois lados.

Não nego, tínhamos receio de passar por aquele trecho do caminho, por vezes escuro da manhã, quando íamos à igreja para a missa da primeira sexta-feira do mês.

Jamais lembro de nossos pais terem nos acompanhado neste trajeto. E não só os nossos pais, pois no geral os pais não levavam nem buscavam seus filhos no colégio.

De uma coisa tenho certeza: hoje não faríamos aquele percurso a pé. Eram longos quatro quilômetros de péssimas estradas.

Quando chovia ou havia muita lama, íamos descalços e lavávamos os pés num córrego que passava próximo ao colégio, para então calçar o chinelo.

Hoje, essa ruazinha bem melhorada, conduz à residência de meus irmãos que ainda moram por lá.

Recebeu o nome de rua Sílvio Confortin, em homenagem a meu avô, proprietário de grande área naquela região. Exímio músico, homem culto, severo, conhecido e admirado por todos, veio criança nova da Itália, junto com seus pais que viveram a vida toda naquelas terras.

Muitos caminhos marcaram meu viver. Uns poucos largos e claros. A maioria estreitos, pedregosos e espinhentos.

Aquele caminho, embora estreito e difícil de se percorrer, foi o mais alegre de todos.

O importante, no entanto, é que passei por todos eles e retornaria a percorrê-los com muita alegria.

Data : 03/08/2018

Título : SAL DA TERRA

Categoria: Crônicas

“Sois o sal da terra e a luz do mundo.”

Sabemos o quanto o sal é importante em nossa vida.

Podemos preparar o melhor e o mais sofisticado dos pratos, mas se esquecermos do sal, vão ser o nosso esforço.

A falta de sal torna o alimento insosso, mas o excesso do mesmo o torna intragável e prejudicial à saúde.

É preciso que haja o meio termo entre a falta e o exagero. Assim é a vida.

Se vivida com moderação, sabendo separar o joio do trigo, se formos ponderados em nossos atos, agirmos com calma, dermos o devido valor às coisas, se olharmos ao nosso redor e virmos que não somos únicos, a vida nos sorrirá.

Um dos grandes males de que sofre a humanidade é achar que a vida é para sempre. Empenha-se ao máximo para acumular bens materiais, conseguir status, assenhorar-se do quanto for possível para ter uma vida e especialmente uma velhice tranquila. Esquece-se de pensar que a morte virá como um ladrão, sem aviso prévio do dia e da hora e que somente se levará o bem que tivermos praticado.

A vida é feita de muitos momentos e infinitos sentimentos, diz com propriedade Frei Jaime Bettega.

Muitos altos e baixos sucedem-se em nossos dias.

Há horas que sentimos prazer interior que nos torna leves, felizes; a seguir estes momentos de prazer cedem lugar à tristeza, solidão, vazio interior, cansaço, problemas de toda a ordem. Isso tudo também não é duradouro.

Esta mutação de sentimentos é o que torna suportável nosso viver.

É preciso que sejamos fortes e nos empenhemos sempre para conseguirmos transpor estas barreiras.

Por vezes, o fracasso nos vence e aí o trabalho da superação é maior.

Um ombro amigo vale ouro, tanto nos bons quanto nos maus momentos da vida.

Aqui vem-me à mente, a lição dos gansos silvestres em sua revoada.

Em grupo, o voo torna-se mais leve e fácil. O mais forte vai à frente seguido em dupla pelos demais, deslocando o ar, o que facilita o voo.

Eles são simples, humildes, unidos; o que os humanos nem sempre o são.

Há quem não divide com ninguém os problemas que os afligem; o que fazem é transformar probleminhas em montanhas intransponíveis.

Dividindo, diminui-se, reparte-se e a superação ocorre mais facilmente.

Data : 30/04/2009

Título : São cinco horas

Categoria: Crônicas

A hora ia avançada. Era quase o final de mais um dia de labuta. O dono da videira deu sua última busca pelas ruas e praças do vilarejo. Encontrou mais alguns desocupados e indagou deles qual a razão de assim estarem. “ninguém nos contratou”, foi a resposta. “Ide vós também para minha vinha”, disse-lhes o Senhor.

Finda a jornada de trabalho, o dono da videira chamou o feitor e mandou que pagasse a todos os operários com a mesma moeda, a começar por aqueles que haviam trabalhado somente uma hora. Tanto estes quanto os que haviam trabalhado mais horas ou os que haviam trabalhado desde cedo e enfrentado os rigores do sol, todos receberam a mesma paga.

Ao ver tanta generosidade do patrão com relação aos últimos, os que trabalharam todo o dia aproximaram-se na certeza de receber uma melhor remuneração, mas para seu espanto, receberam o mesmo salário dado aos últimos e reclamaram julgando-se injustiçados.

“Não foi este o contrato que fizestes comigo ao iniciar o trabalho na primeira hora? Não vos fiz injustiça alguma, apenas quis igualar os últimos aos primeiros”.

Para Deus, o divino patrão, não existe hora, nem tempo algum. Para Ele é sempre hora para começar a agir, a trabalhar pelo bem em favor do semelhante ou em seu próprio favor.

Nunca é tarde para um começo ou recomeço. Enquanto nos restam forças, boa vontade e vida, é tempo para cultivar-se, para crescer, para doar-se.

Ele, o verdadeiro patrão, não conta as horas, mas vê nossas intenções e será sempre muito justo na recompensa.

Mesmo sendo cinco horas no relógio de nossa existência, ainda poderemos produzir muitos e bons frutos.

Basta querer!

Data : 03/08/2018

Título : SAUDOSA TAPERA

Categoria: Crônicas

Tapera é uma palavra que calou fundo em mim.

Quando criança, saindo a passeio com papai e passando por antigas moradias abandonadas, ele dizia: aqui é uma tapera ou nesta tapera morava fulano e sua família.

Achava esta palavra 'tapera' meio misteriosa.

Se o poeta Odilon Ramos estivesse junto diria: 'menina, tapera é o que era e agora não é mais. Não são só quatro paredes e um telhado que desaba, mas um passado que se acaba e nem saudades se tem...!'. e eu ficaria olhando para ele, com admiração e espanto e ele vendo o meu encanto diria: se uma tapera falasse, lembraria de quem a ergueu um dia, com suor molhando a face e o riso iluminando a cara, nem supondo que um dia seu sonho acabasse.

Para mim, o ser humano tem forte ligação com a tapera.

Na infância e juventude, há o crescimento, exuberância de vida, explosão de sonhos que realiza, ou não, na vida adulta.

E Odilon Ramos, fazendo ligação com meu pensamento, volta-ria a dizer, que às vezes, o ser humano é feliz, goza da mocidade e sem razão se destempera.

Deixa que a vida entorte, se divorcie da sorte e, quando vê, virou Tapera.

Muitas pessoas tinham tudo para ter uma velhice digna e, tantas vezes, por razões diversas, óbvias ou não, a vida lhe deu as costas e acabam quais taperas abandonadas à sorte.

Faz-se tapera em nossa vida quando nos acomodamos, deixamos de lutar por nossos ideais, tornando-nos sedentários, pessimistas, egoístas, quando nos fechamos em nós mesmos e deixamos de sonhar.

Data : 30/04/2009

Título : Se

Categoria: Crônicas

Se está feliz, divide com os outros esta tua felicidade.

Se te invade a tristeza, não a deixe transparecer.

Se o dia está lindo, agradece.

Se nuvens encobrem o sol, por trás delas ele brilha.

Se está cansado, nada como uma noite bem dormida.

Se sentes solidão, junte-se aos amigos.
Se está entediado, ocupa-te.
Se vês o erro, corrige-o.
Se teu irmão precisa de ti, estende-lhe a mão.
Se alguém chora em teu ombro, consolá-o.
Se alguém te magoa, perdoa-o.
Se o frio invade tua alma, procura a fornalha divina.
Se te sentes fraco, achega-te aos fortes.
Se sentes os anos pesarem, agradece a Deus por ter chegado até aqui.
Se vês praticar o bem, elogia.
Se sentes vontade de chorar, não contendas as lágrimas.
Se alguém te pede um conselho, seja ponderado.
Se espinhos no caminho te ferirem, semeia flores.
Se te revolta a injustiça, seja justo.
Se basta um sorriso, não o negue.
Se a criança te olha, sorri para ela.
Se pode afagar o rosto de alguém, transmite-lhe ternura.
Se foste criado para o alto, não te apegue a mesquinhas.
Se teus dias forem monótonos, transforma-os em algo produtivo.
Se tem vontade de abraçar, não reprima teu desejo e transmite calor.
Se foste feito para o infinito, não te apegue às coisas materiais.
Se não sabes o dia de amanhã, vive o dia de hoje como se fora o último.
Se pode fazer agora, não deixe para depois.
Vive intensamente, agora, cada dia de tua vida.
E seja feliz!

Data : 03/08/2018

Título : SE AS PAREDES FALASSEM

Categoria: Crônicas

Ao surgir, chamaram-no CREATI (Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade).

Ele tem o dom de reviver, rejuvenescer, despertar qualidades adormecidas, apontar caminhos, renascer esperanças, esquecer dissabores.

É pai e mãe que acolhe, acaricia, que cura as feridas, devolve a alegria de viver, descongela corações, desfaz o véu que impede os olhos e a inteligência de ver as coisas boas e belas que a vida oferece.

É um privilégio somar aos que, inteligentemente, procuram esta Escola de vida e sabedoria.

As paredes que nos acolhem não falam, mas quanta sabedoria, experiência de vida, emoções, encantos e desencantos teriam a nos contar?

Importa ter a sensibilidade de ouvi-las e senti-las.

Importa sabermos desfrutar da sabedoria que emana das pessoas que aqui nos cercam, como raios de sol cuja luz nos inunda e nos revigora.

Parabéns, CREATI!

Parabéns a teus idealizadores e colaboradores, que, num gesto de grandiosidade, se preocuparam em tornar prazerosa e produtiva a terceira idade.

Data : 30/04/2009

Título : Se poeta eu fosse

Categoria: Poesia

Queria engrandecer a natureza,
Cantar a beleza das florestas em seus infinitos tons,
Exaltar a altitude das montanhas e penhascos,
Enobrecer a profundidade das depressões.

Cantar em verso a alvura da cascata,
Banhar-me em suas límpidas águas,
Sobre as pedras sentar-me a contemplar,
Fechas os olhos e melodias escutar.

Enamorar-me com a serenidade da fonte,
Extasiar-me diante da imensidão do mar.

Voar nas asas do vento,
Por entre as mãos uma estrela segurar.

Quisera poetar o vulcão em lavas
A lançar o fogo que queima, abrasa, consome,
Qual coração a explodir de amor e paixão
Por sua bela da qual está enamorado.

Sobre grama fresca queria repousar,
E absorta, a minúscula flor contemplar,
Emudecer, simplesmente emudecer
Ante a perfeição de tão harmônico ser.

Ser lírica ante o sol que por entre as nuvens surge
Inundando o cosmo com seus raios de ouro
Da mesma forma, poder saudá-lo à tarde
Quando, em fulgurantes cores por traz do monte vai.

Pôr-me à janela a espreita da lua que lenta surge,
Cantada em prosa e verso pelos enamorados.
Pegar carona numa cauda de cometa, e
Por entre as estrelas viajar, sonhar, poetar, poetar...

Data : 30/04/2009

Título : Sempre jovem

Categoria: Crônicas

“A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte.”

Este foi o lema de nosso convite de formatura do curso ginásial, nos idos de 1955. Não preciso dizer que esta formatura era privilégio de poucos e revestia-se de muita solenidade.

Hoje, após várias décadas de caminhos percorridos, entendo melhor o significado desta frase. Viver bem é uma arte. O resultado total de nossa vida será em grande parte aquilo que fizemos em nossa juventude. Por mais alto que se erga o edifício, sua solidez depende sempre de seus alicerces.

E a formação que nos foi dada tinha base sólida em seus ideais, planos, trabalho e dedicação.

Nossa juventude não teve valor meramente biológico.

No terreno que cultivamos com esmero, foi lançada a boa semente que vingou, produziu frutos e flores.

A boa formação recebida permaneceu em nós. Foi-nos inculcada a escala de valores, fomos amadurecendo e conosco cresceram estes valores.

Hoje, embora pele enrugada e cabelos brancos, os valores que trazemos em nós, aquilo que nos caracteriza, o que nos valoriza, nos fazer sermos fortes, generosos, abertos ao bom e ao belo; que nos dá alegria, coragem de enfrentar, vontade de viver, é o que constitui a nossa essência, o eu que sou, o que a traça não corrói e o tempo não apaga. Trazemos em nosso íntimo o que o jovem traz em sua aparência: vida.

Para ser jovem não basta a idade, é preciso o espírito, diz o escritor Emir Calluf em seu livro intitulado: “És jovem apenas uma vez na vida”.

Diz também que ser jovem não é ser hoje, é ser amanhã.

Acredito que em épocas passadas se vivia com mais intensidade os valores da juventude e hoje, com satisfação, colhemos os frutos.

Data : 30/04/2009

Título : Só para os fortes

Categoria: Crônicas

Li de Druázio Varella, médico cancerologista, o livro “Estação Carandiru”.

Não sei dizer se gostei ou não de tê-lo lido. Causou-me certo impacto e surpresa ao mesmo tempo.

Minha admiração a este simpático careca, de olhar doce e sorriso cativante, de coração muito humano, generoso, de sentimentos nobres e de muita coragem que é Dráuzio Varella.

Jamais, ao gravar um vídeo sobre AIDS na enfermaria da penitenciária do Estado, imaginou que se envolveria tanto com a vida de quem vive por trás das grades de uma casa de detenção.

As primeiras impressões não mais o largaram e ele pediu para fazer um trabalho voluntário de prevenção à doença junto aos presos; trabalho que começou em 1989 e não mais parou. Teve apoio da universidade paulista, com a qual realizou muitas pesquisas, organizou palestras, gravou vídeos, editou revistas em quadrinhos e atendeu muitos, muitos doentes.

Conseguiu, no decorrer dos anos, a confiança dos carcereiros e ele pode andar com liberdade pela cadeia onde fez amizades e conheceu muitos mistérios da vida carcerária. Ele mostra, através das páginas de seu livro, o qual recebeu o prêmio Jabuti de livro do ano, que a perda da liberdade e a redução do espaço físico não conduzem o homem à barbárie, mas à criação de novas regras de comportamento que visam a preservação e a integridade do grupo.

Entre os habitantes do xadrez, um crime jamais prescreve. Pagar a dívida assumida, nunca dedurar um companheiro, respeitar as visitas, não cobiçar a mulher alheia, exercer a solidariedade e o altruísmo recíproco, dão dignidade ao preso. O desrespeito é punido com desprezo social, castigo físico ou pena de morte. No mundo do crime, a palavra empenhada tem mais força que um exército. Numa cadeia, ninguém conhece a moradia da verdade.

O livro do Dráuzio abre espaço para interlocutores que contam suas passagens pelo mundo do crime, as razões que os levaram ao delito, as fugas, a vida nas celas em sua maioria superlotadas, a maneira como se organizam nelas, os castigos infligidos, a malandragem dos mais antigos ou mais espertos que detém o poder sobre as celas, a comida, o uso do espaço, etc.

A droga que anda solta junto a esse mundo de desocupados e a AIDS que prolifera vertiginosa entre eles, unidas à promiscuidade de vida, fazem com que as enfermarias estejam sempre lotadas e o número de vítimas seja muito grande.

Os carcereiros e os encarregados dos setores são pessoas muito frias e insensíveis que impõem respeito por suas brutalidades.

A obediência às ordens e às normas do presídio é sagrada.

A liberdade faz parte da natureza humana e tolhê-la é privar o homem de algo tão ou mais importante que qualquer dos seus sentidos. O sistema carcerário vigente põe em dúvida sua validade. Ao sair de seu cativeiro, estará este elemento consciente de que a marginalidade não o leva a bom termo e que o caminho do crime é muito incerto, inseguro e anti-social?

Ao tomar a liberdade estará ele apto a assumir alguma profissão fruto de um aprendizado no presídio?

Se a resposta for afirmativa, continue o sistema carcerário em sua antiga e inadequada estrutura, mas tudo indica deva haver uma reestruturação nesta instituição.

Data : 30/04/2009

Título : Solitários, o pescador e eu

Categoria: Crônicas

Sentei, muito cedo da manhã, frente à imensidão do mar.

Uma névoa densa pairava sobre as águas, dando-lhe um tom acinzentado, bem como às encostas, encobrindo aquele encanto construído pela magia da natureza que mistura milhares de tons da vegetação às pedras ali engastadas quais diamantes sobre fina jóia.

Ao longe, onde a água parece tocar o céu, enormes navios, agora de formas indefinidas, aguardam, em fila indiana, a vez de atracar ao porto. Quase junto a mim, em seu impecável uniforme, dezenas de gaivotas confabulam, como a planejar o dia, distribuir tarefas, marcar encontros. Em vôo rasante achega-se mais uma e logo outra e mais outras e todas são bem recebidas com cumprimentos do grupo.

À ordem da líder, todas, a uma vez, alçam vôo rumo ao infinito. Em meio à névoa agora menos densa, um barco balança ao léu.

Seu ocupante, figura esguia e indefinida, lança ao mar a tarrafa, retirando-a logo após e desembaraçando alguns peixinhos e mariscos que a ela se prenderam. Só ele e Deus sabem quantas vezes esta manobra é repetida. É assim que este homem humilde, hoje solitário em seu barco, assim como eu sentada sobre uma pedra; sustenta sua mulher e seus filhos.

Uma coisa me causou inveja: deve morar naquela casinha branca construída sobre a rocha, logo acima do nível do mar, tendo as folhas de uma bananeira a encobrir-lhe a porta.

Que sono tranquilo terão seus moradores, embalados pelo barulho das águas batendo sobre os alicerces de sua casinha branca!

Lá ao longe, avisto outro barquinho e junto às areias finas da praia, alguns casais desfrutam a brisa fresca.

Vou-me, pois já não estamos sós, nem o pecador, nem eu.

Data : 03/08/2018

Título : SOMAR PALAVRAS

Categoria: Crônicas

(homenagem à Orfelina Vieira Mello)

É tempo de escolher quem saiba somar nossas palavras em uma grande carta.

Você, amiga Orfelina, sempre foi achegada às palavras, sabia usá-las e dar-lhe o devido lugar. Era familiarizada com as letras.

Hoje, em outra dimensão, para nós totalmente desconhecida, você conhece e vive o verdadeiro sentido de cada uma delas e seria a minha escolhida para tomar nossas palavras e dispô-las num grande pergaminho.

Para nós, que aqui vivemos, que somos tão apegados ao material, que temos dificuldades em atribuir escala de valores, deixamos as palavras valiosas dormirem em dicionários empoeirados em nossas estantes ou em bibliotecas pouco frequentadas.

Dia desses, Orfelina, relendo alguns de seus escritos publicados no silêncio, entre suas palavras li seu coração muito livre, desapegado, capaz de atribuir a cada coisa, o seu real sentido.

Fiquei comovida no dia em que você, entrando na Oficina Literária, entregou-me o jornal no qual você incluía dois de meus textos: “Nós” e “Nossas Avós Faziam”. Guardei com cuidado o seu presente, senti-me valorizada. Nunca alguém havia feito isto para mim. Os textos estão devidamente arquivados e cada vez que os vejo, me lembro de você.

Você, saúde frágil e vontade férrea, agia qual formiguinha. Não fazia barulho, não chamava atenção, não propagava erros aos quatro ventos, assim como se empenhava para despertar palavras adormecidas nas páginas do dicionário, tais como Paz, Esperança, Respeito. Ao seu redor, essas palavras voavam quais borboletas coloridas.

Tinha o poder de aprisionar outras, levando-as para o sono, para a escuridão e o silêncio. Fome, opressão, violência, injustiça não tinham vez com ela.

Orfelina, mais do que ninguém, você sabia como são fortes as palavras. Dizem coisas que só o coração escuta. No entanto, nós fazemos muito barulho interior, o que nos impede de nos ouvirmos.

Tentei fazer silêncio para ouvir algo em mim, possivelmente palavras adormecidas e distingui uma que me deixou feliz, pois me permite viver as diferenças: igualdade.

Muitas vezes questiono-me a respeito das nossas limitações. Hoje você, despojada do frágil invólucro que lhe cobria a essência, vive em plenitude o valor e a força de cada palavra. Você as conhece todas.

Para nós, muitas palavras moram acordadas em nossos sonhos. Enquanto sonhamos estamos vivos e quiçá os sonhos nos ajudam a despertar nossos valores.

Você pode nos auxiliar neste sentido, agora. Fique com Deus e não nos esqueça. Seja nossa representante junto ao Pai. Saudades.

Data : 30/04/2009

Título : Sombra
Categoria: Crônicas

O sol se esconde por trás de uma nuvem que projeta sua sombra sobre a terra.
Benfazeja sombra para o viandante cansado, o operário suado, o idoso que conversa no banco da praça, o casal de enamorados, as crianças que brincam na calçada...
Quando da estação fria do ano, a sombra não é tão desejada.
Procura-se o sol que aquece e alegra.
Por vezes faz-se sombra no interior da pessoa.
A luz da alegria dá lugar às sombras da tristeza, do desânimo, da falta de vontade...
E a escuridão que se faz no espírito é cruel.
Tem-se a impressão de que tudo conspira contra nós, de que somos um barquinho sem leme à mercê do mar revolto da vida.
Bendito sol, bendita sombra, cada qual em seu tempo e em seu lugar.

Data : 03/08/2018
Título : SONHO MEU... SONHO MEU
Categoria: Crônicas

Todas as famílias deveriam ter um sítio. Não haveria necessidade de ser uma área extensa que exigisse suor para cuidar... Coisa pouca.
O meu teria uma casinha, tipo bangalô, bem ajeitadinha, clara, com boa passagem de ar em suas poucas repartições.
A peça essencial seria a cozinha, onde arderia o fogão a lenha, fantasma de um mundo que não mais existe, uma geladeira e uma mesa redonda que ocupa pouco espaço e, ao redor da qual, se acomodam muitas pessoas.
Este meu bangalô estaria bem próximo da mata onde o gorjear matutino dos pássaros seria meu despertador.
A um lado da casa cultivaria uns canteiros com temperos e alfaces. À frente, abrindo caminho para a moradia, plantaria árvores frutíferas de pequeno porte.
A água fresca e pura viria de um poço cavado na terra trazida às torneiras por uma bomba que encheria a caixa d'água.

Seria muito interessante, no piquete, pastar um cavalo de montaria e, num cercado, ciscarem algumas galinhas poedeiras, onde o galo cantor anunciaria a chegada das visitas.

Que mais poderia querer eu, que sob a sombra de uma árvore instalaria uma cadeira de balanço onde passaria os mais agradáveis momentos crochutando, bordando ou lendo?

Haveria rotina mais desejada, ainda mais sabendo-se que a rotina é a palavra que na prática mais muda? A rotina de hoje, mesmo repetida, nada tem a ver com a de ontem.

De espaço em espaço, largaria o que tenho nas mãos e surpresa,

ficaria a olhar o firmamento azul, em absoluto silêncio, onde, por entre algumas nuvens, admiraria os pássaros que, quais pandorgas ao vento, enfeitam o espaço vazio em seus voos ritmados.

A natureza é, depois do homem, a mais bela criação de Deus, que a fez para sua criatura maior. É uma bênção, um milagre da renovação.

Ele, o mais sábio jardineiro, sabe do que a natureza precisa para renovar-se e ficar cada dia mais encantadora. E lá vem a chuva que a rega, o vento que espalha as sementes, o sol que aquece...

A nós cabe o sentimento de gratidão e compaixão por aqueles que não têm olhos para ver e o coração para comover-se diante do milagre da natureza.

Num ambiente tão seletivo, em afinidade com a natureza e com o Criador, longe da dualidade de intenções dos seres humanos que ora amam, ora odeiam, a mente tranquila, o coração leve, só restaria um sentimento: gratidão.

“Quando alguém sonha sozinho não passa de um sonho, mas quando muitas pessoas sonham juntas, pode tornar-se realidade.” – Dom Helder

Data : 30/04/2009

Título : Sonhos

Categoria: Crônicas

Procuro sonhadores, sim sonhadores.

Procuro sonhadores, acordados, que sentem a vida pulsar no dia-a-dia, pessoas com a mente povoada de projetos, metas, idéias, que buscam e lutam por algo.

É destes sonhadores que o mundo está carente. Os sonhos nos inspiram a criar, nos animam a superar, nos encorajam na caminhada. São projetos de vida que se alimentados nos ajudam na superação das dificuldades e na realização pessoal.

São bússolas do coração, janelas da mente e nos põem em agradável sintonia com a vida.

Os sonhos são como o vento: você os sente, mas não sabe de onde vieram e para onde vão.

São como flores que nascem nos terrenos da inteligência e crescem nos vales secretos da mente humana.

Eles trazem saúde para as emoções, renovam nossas forças, oxigenam a inteligência, produzem prazer, ajudam-nos a rir de nós mesmos e a dar sentido a vida.

Não há idade para sonhar: os jovens precisam de muitos sonhos para alimentar projetos que os levarão a muitas realizações. Os idosos precisam sonhar para nunca aposentar a mente e transformar a terceira idade na fase mais rica, calma e produtiva da existência, com direito ao usufruto da sabedoria acumulada ao longo dos anos.

“Sonho em ver os adolescentes olhando para a vida sem medo do amanhã”, diz um grande escritor.

Precisamos sonhar grande, porque se nossos sonhos forem pequenos, o alcance de nossa visão será limitado, nossas metas e nossas capacidades serão diminuídas e grandes risco de o sonho se desfazer.

“Os sonhos precisam de persistência e coragem para serem realizados. Muitos enterram seus sonhos nos escombros de seus problemas” - Freud.

Sem sonhos, as pedras do caminho se tornam montanhas, os pequenos problemas criam dimensões intransponíveis; as perdas, insuportáveis e as decepções, golpes fatais.

A vida sem sonhos é como um rio sem nascente, uma manhã sem orvalho, uma flor sem perfume.

Sem sonhos, a coragem se dissipa, o sorriso vira disfarce e a emoção envelhece.

Sonhe com as estrelas para poder pisar na lua; com a lua para poder pisar nas montanhas; sonhe com as montanhas para pisar sem medo nos vales de suas perdas e frustrações.

Data : 03/08/2018

Título : SOU ÚNICO

Categoria: Crônicas

E o Éden maravilhoso e perfeito lá estava e recebeu a obra máxima da criação, o homem. Inteligente, livre, feliz, com ordens de guardá-lo, cultivá-lo e povoá-lo.

Este, deslumbrado por tanta beleza, com poderes de domínio, sentiu-se autossuficiente, a pretensão apoderou-se dele e rebelou-se contra o projeto da criação.

Sua ousadia não ficou impune: o trabalho tornou-se penoso e fatigante, veio a dor, a doença, limitações físicas, fraquezas morais e emocionais. “Comerás o pão com o suor do teu rosto”.

Sem demora entrou o mal, a rivalidade, a violência, a destruição e a morte.

O Criador, no entanto, continuou mantendo sua obra.

Desde então, o sol nasce diariamente, embora encoberto por nuvens, percorrendo a grande concha acústica que nos cobre, iluminando, aquecendo, trazendo vida, fazendo germinar as sementes, crescer as plantas, amadurecer os frutos.

A lua, menina de ouro do sol, bem como um número infinito de corpos celestes, bailam na abóboda celeste, brincando de esconder, e à noite, quais pequenas luzes natalinas, enfeitam o grande palco da vida.

E cá, fazendo parte desta composição de corpos celestes, está a terra, que, embora maltratada, mal dividida, profanada pelo uso indevido de agrotóxicos, continua obediente às ordens recebidas quando de sua formação: que a terra produza relva, ervas que produzam sementes, árvores que deem frutos, frutos que contenham sementes cada qual com sua espécie.

Completando a obra da criação, pássaros, aves e animais povoam a terra e os peixes dão vida às águas. Cadê a sensibilidade humana que não sabe ver e encher-se de admiração diante da explosão de vida existente na natureza e que a cada instante se renova?

Pelas janelas dos olhos e dos outros sentidos que possuímos e cada qual capta a parte que lhe cabe, assistimos e atuamos nesta grande obra aberta que é a vida.

Ora somos atores, ora expectadores. Importa desempenhemos bem nosso papel.

Na grande sinfonia da vida é preciso que toquemos com afinação o instrumento que nos cabe tocar e tenhamos a sensibilidade de ouvir e admirar a arte e a capacidade de quem toca ao nosso lado.

“O que a vida quer da gente, é coragem”, diz Guimarães Rosa.

E Elisa Lucinda para quem a vida é poesia e arte, diz: “A vida é uma colcha de retalhos bordada de personagens tão comuns, pescados no mar do cotidiano, ...como quem vai bordando a existência, ...como quem colhe poesia pela vida afora e traz notícias da melodia que não se perdeu, ...que parece coisa inventada...”

A natureza nos dá a regalia de sermos cada um, a seu modo, precioso e único exemplar.

Data : 30/04/2009

Título : SUS, a vida é bela!

Categoria: Crônicas

Ouve-se por vezes, pessoas não tão idosas, dizer que se sentem velhas, incapazes, inúteis.

Escondem suas capacidades e seus dotes atrás de umas dezenas de anos e não fazem outra coisa que não esperar os dias passarem.

São pessoas que, ao se conversar com elas, o assunto é reclamar da vida do sofrimento, da falta de atenção dos mais jovens e a cada dia que passa são acometidas por uma nova doença.

Talvez tenham realmente tido uma vida atribulada, para a qual não tiveram ajuda ou capacidade de superação. São pessoas um tanto infelizes que se sentem marginalizadas. Não conseguiram embarcar no trem da amizade, da alegria, da solidariedade, da ajuda mútua.

Rastejaram pela vida e tudo viram com olhos muito terrenos. Não observaram o vôo elegante e altivo das águias que fazem seus ninhos no cume das montanhas, onde o ar é puro e não há a podridão tão cobiçada pelas aves de rapina.

Nós fomos criados para o infinito, para a luz, para a vida e é por isto que a cada amanhecer temos que agradecer ao criador o dom da vida, da inteligência, da capacidade de doação tão própria dos corações generosos.

A pessoa que assim procede é feliz, supera todas as dificuldades, esquece seus males e acima de tudo é sempre jovem, ao contrário de mitos jovens que, ao invés de alçar vôo, rastejam acorrentados à dependência de drogas e vícios. Ao se darem conta do tempo perdido poderá ser tarde demais.

O coração qual sementeira, precisa ser cultivado, ter arrancado de si toda erva daninha, ser purificado através da tribulação, a fim de que voe livre e feliz além de aniversários e através do sempre.

Data : 30/04/2009

Título : Triste engano

Categoria: Crônicas

Lei?

Sempre achei que esta devia ser justa, certa e correta; Solução para o crime,
Remédio infalível para o transgressor.

Autoridade?

De um equilíbrio impecável.

Ao comunicar uma ocorrência, meia solução!

Antes de autoridade, humano, com muitas carências e limitações.

Cadeia?

Escola de correção, tratamento adequado ao infrator. Que sai com uma nova visão de mundo e sociedade. Só se corrige o que e a quem se quer bem!

Castigo?

Não se corrige com ódio ou rancor.

Agentes Penitenciários?

Pessoas suficientemente formadas e educadas para tratar quem traz

A marca negra do destino.

Isto e muito mais eu achei, Eu pensei...

Ao invés... A realidade...

Lei?

Distorcida, desfocada, distintamente aplicada, elitista.

Autoridade?

Endurecida e fria, habituada a lidar com o crime, a distorção, o erro.

Cadeia?

Corrupção, deslealdade, fome, revolta, ódio, rancor, crime, morte. Escola de aperfeiçoamento do que existe à margem da vida.

Indigno para o ser humano.

Castigo?

Revolta, agrava, transforma, denigre, desumaniza. Dó, corrói, corrompe, mata.

Agentes penitenciários?

Forjados no formão da dureza, do coração de pedra, do você me paga, do eu me cobro em você.

Prisão, para quê?

Sessão de afogamento, chicote, estilete... Não é solução, Não muda ninguém, a não ser para pior.

Marca o corpo e machuca o espírito, o ser em seu íntimo.

Prisão para que, se fomos criados para a liberdade?

Data : 30/04/2009

Título : Um pouco deste País

Categoria: Crônicas

A vida continua me oferecendo agradáveis surpresas, como a viagem que fizemos, minhas filhas e eu, para a Bahia, mais precisamente, Porto Seguro. Terra Mater do Brasil, onde permanecemos por vários dias. Viagem ótima, hospedagem excelente. Os guias turísticos incansáveis em suas explicações e orientações (ou será que era eu a insaciável em perguntar?).

O baiano, povo alegre, simples, tranqüilo, tostado pelo sol causticante, acostumado com a falta de chuva, desdobra-se em atenções a seus visitantes, visto ser o turismo sua fonte de renda.

O que atraiu de imediato minha atenção, foi a vegetação típica da região: coqueiros, coqueiros e mais coqueiros. Altivos, elegantes, eretos, carregados de belos e bem dispostos frutos. Em um só coqueiro havia muitos frutos bons para colheita, outros à meia viagem e ainda outros iniciando o processo de crescimento.

Junto aos lugares históricos que deram início à nossa civilização, fiquei fascinada pela jaqueira, árvore de grande porte, farta copada, folhas de um verde musgo encantador e aquela fruta enorme, a jaca, a qual não encontramos no Sul.

Ironicamente, cada vez que via uma destas árvores, imaginava alguém descansando a sua sombra e ser atingido por um destes enormes frutos. O estrago seria grande.

Sempre tive curiosidade em conhecer o mangue, vegetação típica das regiões ribeirinhas com seus solos negros. Surgindo de dentro daquela lama negra, número sem fim de caranguejos pretos ou avermelhados, alheios aos gritos de admiração ou espanto dos curiosos turistas. Também saciei a curiosidade com relação ao caju: conheci o cajueiro,

experimentei sua fruta com sua castanha. Acho o caju o mais lindo entre as demais frutas.

Embora quase em extinção, lá estavam as baianas em seus trajes típicos, com seus tabuleiros repletos de cocadas, acarajés e outras iguarias. Famosa em Porto Seguro, a Passarela do Álcool. Durante o dia, Avenida do Descobrimento e, ao entardecer entrando pela noite e madrugada, é ocupada por milhares de barracas, oferecendo ao turista tudo o que possa imaginar em matéria de gastronomia, artesanato e muita música.

As praias das quais o baiano se orgulha, são deveras lindas, mas de uma beleza diferente das nossas.

A água não é poluída, mas a areia é grossa e o espaço para os banhistas diminuto. Estes abrigam-se junto aos grandes quiosques cobertos cm palha de buriti sob os quais existem numerosos pontos de venda de bebidas e lanches e onde você é constantemente importunada por vendedores ambulantes que te oferecem uma diversidade de produtos baratos.

Se as praias não são poluídas, é altíssima a poluição sonora. O axé é tocado direto junto com muita dança e esforço em envolver todos os presentes.

Alegria parece ser o lema do baiano ou o que tenta passar ao visitante. E consegue!

Data : 03/08/2018

Título : UMA BARRAQUINHA PARA MIM

Categoria: Crônicas

Ele tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os para uma alta montanha e ali transfigurou-se diante deles. Repentinamente, suas vestes ficaram brancas como a neve e apareceram-lhe Moisés e Elias que conversavam com Ele.

Atônitos, os apóstolos nada entendiam daquela transfiguração.

Pedro, o mais destemido, falou ao Mestre: É bom ficarmos aqui. Façamos três tendas, uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias.

Tão maravilhados e assustados estavam que esqueceram da tenda para eles.

Gostei da ideia: quero uma tenda para mim, pequena e aconchegante, ao pé daquele morro na encosta da Mata Atlântica, na Praia de Bombas, Santa Catarina, entre a grama verde e as primeiras árvores. Lá escondidinha.

É um lugar perfeito. A natureza é de uma exuberância total: palmeiras diversas, pitangueiras, ariticunzeiros, bananeiras em plena produção, jabuticabeiras, sem faltar o majestoso flamboyen com algumas flores dispersas em seus ramos e muitas, muitas outras espécies, além de orquídeas abraçadas aos troncos das árvores.

Os pássaros fazem festa direto junto a esta exuberância.

Jamais havia sido acordada pela manhã ao canto estridente das saracuras sob a janela do quarto.

Veze que outra, surge uma borboleta grande, de um azul estonteante contrastando com os infinitos verdes. Dá uma revoada e some. Eu lhe garanto, disse a poetisa Cecília Meireles, que não existe visão de outro mundo que se compare, em beleza, à asa de uma borboleta.

Ao lado da casa, um enroscado de galhos, cipós, flores e pitangueiras, os beija flores não cessam de voar de galho em galho, flor em flor, com leveza e a velocidade que lhe são características.

Saindo pela porta dos fundos, você se depara com um canteiro de ervas para chás úteis para qualquer mal estar que possa sentir.

O capricho e o gosto pela natureza fizeram do seu Edison e da dona Neidi, parte inseparável deste recanto abençoado.

Sabem o nome de todas as espécies vegetais que ali se encontram.

Se eu morasse naquela tenda imaginária onde o canto das saracuras faz eco na montanha, vez por outra daria uma escapadela até a mini praia de Lagoinha, encantadora, onde enormes pedras se postam à beira d'água, como guardas vigilantes. A faixa de areia é bem estreita e os visitantes, assim que chegam, descem à água onde os esperam quantidade incontável de peixes listradinhos que fazem a alegria dos visitantes extasiados.

É muito lindo e desestressante este lugar.

Percorrendo estas costas onde a natureza não poupou arte e gosto, cada vez mais me conscientizo de que a natureza é o que de mais belo existe e seu Criador a fez exclusivamente para alegria e desfrute do ser humano.

Se todas as pessoas soubessem admirar as infindas belezas da criação, haveria mais paz, amor, tranquilidade entre os humanos.

Data : 03/08/2018

Título : UMA CIDADE, UMA PRAÇA, UMA ÁRVORE. A MINHA ÁRVORE

Categoria: Crônicas

Sou amante da natureza. Tudo nela me fascina. Tudo é perfeito neste jardim maravilhoso, de matizes mil, obra do arquiteto maior.

Encantam-me as enormes árvores de longos ramos e copadas fartas, que produzem sombra, dão abrigo, além de lições de sabedoria como é o caso do ereto pinheiro. Inclino-me ante a relva com suas pequenas e delicadas florzinhas.

Elejo sempre uma árvore que me cativa. Desta vez, a minha árvore, a que me faz parar e admirar, elogiá-la secretamente, está logo ali, na Praça Tochetto, perto da movimentada parada de ônibus da Avenida Brasil, escondidinha por entre outras árvores, sem chamar a atenção de quantos por ali passam.

Esta praça tem sua origem nos meados de 1965 e seu nome atual é uma homenagem ao Professor Ernesto Tochetto.

Se esta árvore é tão velha quanto a praça, não sei, mas penso que sim, em razão de seu grosso e velho tronco, cheio de cupins e de seus longos braços, mais de trinta metros, amparados por fortes escoras e cheios de algas e parasitas.

O fato é que ela está lá com toda sua humildade e imponência, braços abertos em sinal de acolhida, bênção e proteção.

Se falasse quanto teria a nos dizer sobre a vida e crescimento da cidade, histórias e estórias ouvidas dos velhos aposentados que sentam sob suas ramadas e rememoram os longínquos anos triste ou alegre- mente vividos, dos encontros das comadres e suas fofocas e, porque não, dos suspiros amorosos dos jovens casais em seus abraços e beijos?

Há pouco tempo parei junto a uns velhos ali sentados e perguntei pelo nome desta árvore que para mim é o mais belo exemplar do local. Frustrrei.

Olharam-me, deram uma risadinha e disseram não saber seu nome, bem como de quase todas as outras árvores ali existentes.

Os taxistas que estão ali por mais de trinta anos, deram-me a mesma resposta.

Restou-me a pesquisa. Assim, soube que nesta praça existem vinte espécies arbóreas, entre elas a paineira, o umbu, ipês roxo e ama- relo, figueiras e até um exemplar da sequóia, originária da América do Norte.

Mas a minha árvore, a que me atraiu a atenção e quero que continue ali, de braços abertos, abençoando, acolhendo e protegendo, é a Tipuana.

Caracteriza-se por ser bela e frondosa árvore, de crescimento rápido, indicada para o plantio em praças e parques devido seu porte avantajado. Aprecia o calor e a umidade, mas é capaz de tolerar o frio.

Suas flores são minúsculas e alaranjadas. As vagens contém as sementes. Sua madeira não é aproveitada para fins industriais.

Divido com vocês a beleza da minha árvore, a Tipuana, e fica meu convite para que a conheçam e a admirem.

Data : 30/04/2009

Título : Uma mulher tão igual e tão diferente

Categoria: Crônicas

Tão igual a milhares de outras mulheres que têm uma alma grande e um coração generoso, que é sensível e tem sentimentos nobres, que se alegra ao ver os outros felizes e sofre com as tristezas e os infortúnios alheios.

Inteligente, prendada, amante do trabalho e que a vida tornou bem responsável.

Uma mulher que ama as filhas e só lhes quer o bem, seja na doçura ou aspereza de palavras; que as abençoa sempre que saem e as acompanha com o pensamento. Sempre que uma delas está em necessidade acende uma vela ao anjo da guarda ou às almas para que a ilumine. Uma mãe como tantas que não dormem enquanto as filhas não retornam à noite, que se preocupa com a saúde, o bem estar, o trabalho, o estudo e as notas das filhas.

Uma mulher que como qualquer outra realizou muitos de seus sonhos, mas que teve muitas ilusões e decepções na vida.

Uma mulher carente, muito carente, que sonhava encontrar um príncipe encantado que a cobrisse não de jóias, mas de muita compreensão, afeto e amor.

Doce ilusão. Em poucos dias veio a realidade. O príncipe era um sapo; não aprendera dar, só receber; a vida já lhe tinha sido severa madrasta. Fez dele um homem sofrido, desconfiado, calado, pessimista, dono da verdade, isolado de tudo e de todos. As próprias filhas, às quais dizia serem suas 'reliquias', lhe eram na verdade, estranhas... Como as fez sofrer, provavelmente de forma involuntária. Nelas também foram cultivadas muitas mágoas e traumas...

Não fora feita para ele e tão menos ele para mim. Ele fizera da cabine de um caminhão sua morada; era livre, independente desde menino de treze anos.

Eu, com doze anos, também deixei a casa paterna. Fui educada com muita rigidez. Aprendi a ser dócil, submissa, exata, cumpridora do dever, que calava, calava sempre...

Enveredara por bom, excelente caminho, mas que não fora feito para mim. E lá se foram não um ou dois anos, mas dezesseis longos anos de muito proveito que não deixaram saudades ou mágoas, apenas marcas fortes.

Para um homem vivido, experiente, conhecedor dos perigos da estrada e do mundo, eu era muito certinha, inexperiente, ingênua. Foram tempos muito difíceis, sofridos em todos os sentidos. Decorridos dez anos, ele adoeceu. A doença que o acompanhou por mais vinte anos, acentuou-lhe o lado intempestivo e atravessamos períodos negros, minhas filhas e eu. Não poucas vezes o desânimo se apoderava de mim e chorei muito.

Passados, hoje, dois anos e cinco meses de sua partida, aqui estou, sem remorsos, sabedora do dever cumprido e de tê-lo cuidado com desvelo. A vida a dois fez-me sofrer e crescer muito.

Refeita do abalo físico e emocional, hoje estou razoavelmente bem. Ainda sonhos a realizar, sendo que o maior é o de ver as filhas encaminhadas na vida e eu curtindo netos!

Tenho saudades dele; sua presença no lar faz falta. Hoje, mais do que nunca entendo seu comportamento: a doença o foi degenerando, levando-o nos últimos meses à loucura. Fique bem agora: tenha eterna saúde, paz e alegria, e olhe por nós.

Eu voltei à escola que tanto amava. Não aos alunos queridos que abraçava e era por isso repreendida, mas a turma de colegas vividos, experientes, amigos de verdade e que me fazem muito bem. Já fiz algum progresso e estou me realizando.

O que ficou para traz não me perturba. Nunca é tarde para ser feliz, porque a felicidade é feita de pequenas coisas e de curtos momentos.

Data : 03/08/2018

Título : VEIA BAILARINA

Categoria: Crônicas

O título deste livro de Ignácio de Loyola Brandão, não podia ter surgido numa hora mais imprópria, qual seja, minutos antes da cirurgia que tanto o atormentava.

Sua veia é bailarina, lhe disse a enfermeira que, pela sétima vez, tentara pegá-la para introduzir nela um pequeno cateter.

A imagem da veia bailarina que recusa a agulha, que tem vontade própria, o tranquilizou.

Achou poética e linda a gota de sangue que a veia tinha chorado. Neste momento, nasceu a inspiração e ele fez um quase-romance após extirpado o mal que tanto o atormentara, um aneurisma cerebral.

Ele ficou bom e prossegue fazendo o que mais gosta: escrever.

Mas, há por aí afora, um mal que pulula descontroladamente, sem ser reconhecido e receber o devido tratamento. É o aneurisma social, o cancro que corrói nossa sociedade.

Exemplo citado pelo escritor, é que, logo à saída do prédio em que Brandão residia, há uma pequena praça onde um grupo de mendigos dormia sobre papelões estendidos. Rostos macilentos, cabelos desgrenhados, roupas imundas. São sujos, fedem. Tem o corpo coberto por uma escama negra e suas unhas são garras.

Eles não têm aneurisma cerebral, pois se o tivessem já estariam mortos. São frutos do aneurisma social, do abandono, são um estorvo à sociedade que os evita e nem quer que se aproximem de suas residências, de suas vidas.

Hoje em dia, o aneurisma da ambição, do querer, do ter e do poder, está disseminado na sociedade.

Felizmente, ou infelizmente, esta bolha da ambição em muitas cabeças já estourou e o mal está feito: desvios, roubalheiras, corrupção, má administração pública, obras

superfaturadas, aumento de impostos que recaem sobre a já sofrida população, esquecida em seus mais sagrados direitos à saúde, educação, habitação...

Assim como Brandão, que extirpou o aneurisma e ficou bom, é necessário que surjam especialistas que exterminem os numerosos casos de aneurismas sociais que tomam conta da sociedade, em todos os setores, deixando-a insegura, intranquila, revestida de uma escama escura que, ao mesmo tempo em que visa sua proteção e defesa, constitui doença a ser combatida e curada em nossos meios.

Data : 03/08/2018

Título : VELHO FOGÃO

Categoria: Crônicas

Quente, aconchegante, amoroso, carinhoso, capaz de ouvir e guardar segredos, dom de unir pessoas e mais, muito mais qualidades.

Se fosse um ser humano, seria quase perfeito, mas não é humano o nosso bom e acolhedor fogão a lenha.

Da marca “Geral”, com fama de ser a melhor, era de esmalte branco com ramos de flores que lhe davam um charme especial.

Possuía caldeira para água quente e amplo forno com divisória.

Permanecia quente por vinte e quatro horas diárias.

Papai levantava muito cedo, revolvía as cinzas e lá estavam as brasas da noite anterior. Com grimpas de pinheiro e alguns gravetos reacendia o fogo, punha sobre ele a velha chaleira de ferro com água para o chimarrão que tomava sozinho enquanto lia ou relia o “Correio Riograndense” ou a revista “Família Cristã”, muito boa, por sinal.

Clareando o dia, saía para as lides diárias, nos paióis.

Aí levantava a mãe, tomava umas cuias do chimarrão já pronto, armava-se de baldes e caneco e ia para a estrebaria ordenhar as vacas.

De regresso, num panelão, colocava o leite da noite anterior e o da manhã, aquecia-o um pouco e punha nele o coalho para fazer o queijo.

Nós, crianças, a esta altura, estávamos na estrada rumo ao colégio.

À noite, era colocada sobre o fogo uma panela com batatas que, ao levantar, descascávamos, cortávamos em rodela e púnhamos sobre a chapa quente para criar uma casquinha dourada. Comíamos estas batatas com leite e nos mandávamos estrada a fora, quer chovesse, fizesse frio ou calor.

E o velho fogão continuava sua missão: produzir calor, cozinhar o alimento, reunir a família ao seu redor.

Quanta lenha foi nele queimada. Não havia necessidade de poupar, pois havia muitas matas próximas da casa.

Quanto feijão, arroz, verduras e legumes, carnes, massas cozinhou. Quanta polenta foi mexida na caldeira de ferro colocada diretamente sobre as brasas. Quanto leite ferveu para o café da manhã.

No forno colocava-se lenha para secar se esta estivesse úmida, mas a finalidade principal era a de assar cucas, bolos, bolachas, carnes...

Sem dúvida, o fogão era a peça principal da casa. Impossível viver sem ele, ainda mais numa família numerosa como a nossa.

E o velho fogão jamais fez greve, jamais cobrou pelos serviços prestados, não reclamou de trabalhar feriados e fins de semana. Esquentou mãos e pés, secou roupas, acompanhou o dia-a-dia da família, viu as crianças crescerem, os namorados chegarem, ouviu conversas, histórias e estórias, discussões e repreensões, viu brigas entre irmãos e nunca emitiu opiniões.

Ele foi tão ardente quanto os corações apaixonados, tão amoroso e acolhedor quanto o coração materno, tão compromissado quanto o chefe de família.

Hoje a maioria das famílias, dado o progresso, o substituiu pelo fogão à gás, mas garanto que o velho fogão deixou saudades, sem dizer que a comida feita no fogão a lenha é bem mais gostosa porque feita com mais vagar.

Muitas e boas lições podemos usufruir deste bom e velho amigo, que aqueceu corpos e sonhos ao longo do tempo...

Data : 30/04/2009

Título : Vento

Categoria: Crônicas

Vento, tua força passou sobre a cidade. Não poupaste a fragilidade das casas, dos telhados e das janelas. Não pediste licença e entraste como um ladrão que chega para o assalto.

Tua velocidade derrubou árvores que caíram indefesas como um pássaro nas mãos de caçador.

Teu ímpeto derrubou muros mal protegidos que não agüentaram teu impulso repentino.

Furioso, derrubaste diques e a água invadiu as casas deixando milhares de desabrigados.

Vento, volta, vem de novo com tua força invisível e destruidora, não para derrubar casas e muros, mas para penetrar nos corações das pessoas e varrer delas a malícia, os sentimentos poluídos, derrubar os preconceitos, os muros que dividem as pessoas e as classes. Vem derrubar a presunção e o orgulho que constroem as barreiras sociais, vem decompor as palavras que destroem e ferem as pessoas.

Vem vento, para abrir os corações fechados pelo egoísmo e amor próprio, vem despoluir os sentimentos e os pensamentos, para que os homens sejam mais justos e íntegros, para que, de consciência limpa, não mais se cometam as falcatruas e injustiças sociais que mancham e enfeiam a imagem de um país privilegiado qual o nosso.

Data : 30/04/2009

Título : Vida – Dom e Mistério

Categoria: Crônicas

Sempre passava por ali e nada havia que me atraísse a atenção.

Nesta manhã passei novamente, só que com um objetivo em mente: ver.

O sol radiante transmitia-me um calor agradável, aquecia a terra e as plantas como que se erguiam para saudá-lo e receber sua luz e calor. Cada uma diferente da outra no tamanho, formato e cor. Quanta criatividade de seu criador!

E as flores? Existe algo mais belo, perfeito e que sensibilize tanto como uma flor?

Elas são simplesmente lindas, tão mais lindas quanto mais simples e pequenas. Nem o próprio rei Salomão em toda sua pompa se vestiu como uma delas, diz o livro sagrado.

Jamais o mais exímio pintor lhe imitará a perfeição de cores e traços.

Para tocar a insensibilidade humana, muitas exalam doce e suave perfume.

Aqui e acolá, anunciando a primavera, arbustos cobrem-se de milhares de alegres florzinhas.

E as plantas, que imponência! Quantas tonalidades de verde usou o divino agricultor! Que fantástico ver árvores carregadas de frutos!

Fico pasma diante de uma sementinha aparentemente sem vida ser lançada ao solo e alguns dias após surgir uma vida frágil no começo e com o passar do tempo crescer, desenvolver-se e produzir frutos. Que lição de vida!

Na natureza tudo é misteriosamente belo e mais misterioso ainda é que tudo o que nela existe foi criado em razão de um ser superior: o homem.

É neste magnífico reino que nós vivemos.

Fomos chamados à vida por alguém que muito nos amou. A vida é o maior presente que o criador nos deu. Cercam-nos somente coisas lindas que nos alegram, nos ajudam a crescer e sermos felizes. Deus em seus planos de amor quis que o homem vivesse na maior felicidade, mas, respeitando sua criatura, deu-lhe a liberdade. O que fizemos nós? Nós a usamos de muitas formas e de seu mau uso, sobreveio o sofrimento, a dor, a perda.

Muitos empenham-se em bem viver, com honestidade, trabalho, honradez; sabem que esta vida não dura para sempre e dela só levamos o bem que fizemos. Depois desta, vida melhor nos espera.

Outros apegam-se à vida, amam-na como se ela fosse o fim último.

Há também os que fazem mau uso de sua liberdade e vivem a vida com desmazelo.

A flor que hoje alegra a vida amanhã fenece e morre. A planta dura certos anos e seca.

A vida humana também tem seu tempo contado. Uns vivem longa vida como árvores que florescem, frutificam, dão sombra e são muito úteis.

Outros, tem a jovem vida ceifada, deixando inúmeros sonhos por realizar e outros tantos a prantear-lhe a ausência.

Há os que são como florzinhas que se abrem ao nascer o sol e fenecem ao anoitecer.

A vida, diz uma enciclopédia, é o tempo que ocorre entre o nascimento e a morte.

Para mim, a vida é um mistério do qual pouco ou nada entendemos, mas acima de tudo é um dom com o qual o Pai nos presenteou.

Cumpra que nos empenhemos ao máximo para bem vivê-la.

Data : 30/04/2009

Título : Viver para sempre

Categoria: Crônicas

“Cada lugar encerra infinitas camadas de passado, do nosso passado, como vestígios de pinturas antigas que vão se acumulando...”

Cláudia Laitano

Tão real quanto verdadeira esta afirmação.

Como não me fixei muito tempo no mesmo lugar, não observei as camadas se sobreporem nas esquinas ou ruas de alguma cidade.

Uma coisa, no entanto, ao ler o texto da autora, voltou à tona vinda do meu íntimo. O colégio onde cursei as primeiras séries do ensino fundamental. Era uma construção em madeira, a qual, entrando-se pela frente, comportava grandes salas de ambos os lados do corredor, um só piso, muito extensa em seu comprimento.

Para além das salas de aula, ficava a residência das religiosas, nossas admiráveis, enérgicas e boas professoras.

Esta construção não teve antecedentes, pois ali, junto à igreja, nascera a nova comunidade que fora crescendo, alastrando-se e dando origem a uma cidade, hoje em franco desenvolvimento.

Naquele educandário dirigido por exímias professoras européias, quanta inteligência se abriu ao saber, quantas personalidades moldadas, caminhos abertos, sonhos despertos, ideais surgidos e seguidos. Foram pinceladas e mais pinceladas, retoques, podas e até marretadas e os jovens dali partiam com muito saber e boa iniciação para a vida, disso sou testemunha.

Há muito a escola já não existe.

Sobre aquele santuário, ergue-se imponente construção sob cujos alicerces jazem tantas lembranças, tantas lições apreendidas e valores agregados.

Entre a escola e a igreja havia um campanário que abrigava um sino cujas badaladas anunciavam as ave-marias, chamavam os fiéis à missa e quando seu dobrado era triste e lento, avisava do passamento de algum fiel.

Em substituição a ele, hoje há um enorme e majestoso campanário com três grandes sinos. Sinal de progresso, lógico. Talvez tenha sido erguido graças aos meus sacrifícios e vou explicar o porquê.

Todas as primeiras sextas-feiras do mês, 5h da manhã, escuro ainda e não importando a chuva ou o frio do inverno, eu ia com meus dois irmãos mais velhos, a Delma e o Laudi, carregando além do material uma cestinha de fatias de pão com mel e uma garrafa de café com leite, rumo à igreja, para a missa obrigatória em honra ao Sagrado Coração de Jesus. Eram 3 km a pé, em meio a um mato fechado que íamos desbravando, cheiinhos de medo. Depois da missa, íamos comer nosso pão impregnado de mel (eu odiava isso, até hoje não como mel, tamanho o trauma!).

Era exigir muito dessas três crianças, nenhuma delas com mais de 10 anos.

Aquele nosso sacrifício inúmeras vezes repetido, serviu de fermento à construção daquela torre, pois além de estar escrito no livro da vida, está misturado à argamassa que sustenta a construção.

E o poço d'água pura que havia ao lado do colégio, junto à residência das religiosas e cujo balde descia e subia infindas vezes pendurado a uma corda, aos ais da velha roldana, até saciar a sede de todos os alunos? A bem da verdade, nós alunos não podíamos tirar a água do poço. Havia uma pessoa encarregada de fazer por nós e encher nossos canequinhos que passavam de um a um.

Quantas vezes nos dirigíamos ao poço e o balde estava vazio. Ao seu redor havia uma Saliência em madeira para pôr o balde, os canecos e até o material escolar.

Por ocasião de uma festa na igreja, dirigimo-nos, a Delma e eu, para tomar água no poço, orgulhosas em nosso novo vestido de chita e segurando nas mãos uma grande moeda de mil réis que gastaríamos em jogos e guloseimas; única vez no ano em que

podíamos fazer isso. Era costume os pais nos darem aquele valor por ocasião desta festa.

Distraída, coloquei a moeda naquela dita mesa e só escutei um “ploc” quando esta bateu na água.

Acabara aí a tão sonhada festa.

Hoje, sob aquela imponente construção, está sepultada a minha moeda e com ela minha profunda frustração, meus sonhos de menina desfeitos, minhas lágrimas sentidas por aquela pequena grande perda. Se as profundezas falassem, aliás, falam... Nós é que somos insensíveis a voz do silêncio. Quantas coisas lindas, quantas reminiscências viriam à lembrança, quantas maravilhas voltariam a sua cor normal.

Desenterremos essas recordações da infância. Elas são o azeite da lamparina da nossa vida, o estímulo em nossa jornada, além de nos fazer renascer...

Quase como se estivéssemos aqui desde o tempo dos dinossauros, quase como se fôssemos ficar aqui para sempre...

Data : 03/08/2018

Título : VOCÊ FAZ SUAS ESCOLHAS E SUAS ESCOLHAS FAZEM VOCÊ

Categoria: Crônicas

Sábida esta afirmativa de Steve Beckman. E este atributo, a liberdade de escolhas, nos foi dado pelo Criador. Muitas vezes seria necessário que Ele nos advertisse de uma escolha menos boa que fazemos. Aliás, Ele nos adverte, nós é que não lhe damos ouvido. Ainda resta a oportunidade de desistir e retornar.

Esta afirmativa de Beckman fecha com a escolha que fiz, escolha impensada, quando no começo da adolescência, levada pela ilusão de uma vida fácil, bonita e a convite de uma colega tão jovem quanto eu, fomos para o colégio interno com o fim de nos tornarmos religiosas. Escolha boa, lógico, mas não fundamentada numa vocação.

Formação rígida e disciplina austera foram cobradas desde o ingresso na casa de formação. As regras eram impostas e cobradas. Tudo devia ser bem feito, nos mínimos detalhes. Toda pequena infração era corrigida com rigor.

Esta educação rígida comandada por religiosas europeias que haviam sofrido as agruras das grandes guerras, era aceita por nós com timidez e receio.

Seguido alguma colega desistia, ou era mandada embora; o que muito nos entristecia, pois a amizade nos unia com o tempo.

Os anos passaram e este sistema foi por mim incorporado.

Séria, correta, cumpridora dos deveres, pontual, exemplo para as colegas que ingressavam; até o dia que achei que não era a vida que queria para mim. Foi uma época de sofridas dúvidas até a decisão de voltar à vida leiga.

É claro que ao despir as vestes religiosas, ficou comigo a formação recebida. A escolha me fez integralmente.

Embora passadas quatro décadas e meia desta não fácil decisão, pouco em mim mudou. Foi uma escolha boa, mas não tão acertada, dada a falta de vocação para a vida religiosa.

Os frutos colhidos foram muitos e sou muito agradecida.

Data : 30/04/2009

Título : Voltar distância

Categoria: Crônicas

“Voltar distância, à primeira ignorância... pediria ao Senhor que me divertisse a infância.” Jayme Caetano Braun - Meu pedido

Não tenho a alma poética, desde grande compositor gaúcho, mas numa coisa nossos pensamentos se irmanam; voltar a primeira ignorância.

Houve um período em minha vida que ao ver os pequenos irem para a escola, seus olhinhos cintilantes de felicidade, a mente e o coração abertos sedentos do saber em seus lindos uniformes, me invadia um sentimento de tristeza.

O véu que encobria aquelas mentes virgens seria rasgado. Ao olhos do professor, quem sabe não tão animado quanto os aluninhos, o terreno para receber a semente.

Quanta responsabilidade no cultivo deste pequeno grande complexo campo que é a mente humana.

Será a semente de boa qualidade? Lançada com amor e carinho?

Feita a semente não tem como recolher a semente. Cumpre zelar para que a ela não se junte a semente do joio, cuidar que a raiz não seja carcomida por lagartos e suas folhas danificadas por insetos. O solo precisa ser revolto, adubado e regado sempre que necessário para que a plantinha tenha seu desenvolvimento normal.

No entanto, estas pequenas inteligências terão os devidos cuidados? Quantos não serão sufocados por ervas daninhas ou crescer defeituosas? Quantas serão podadas fora de época, impedindo seu crescimento normal, impedindo a floração e a produção de bons frutos? Quando um vestido nos ficava curto por havermos crescido, mamãe cortava-o á altura dos quadris e intercalava uma tira de outra cor o que nós achávamos muito lindo.

Quando uma roupa domingueira ficava gasta ou desbotada pelo uso, era passada para uso nos dias de semana e assim se uma peça não tivesse conserto, servia como pano de chão.

Por incrível que pareça, hoje os jovens e muitos adultos também, adoram usar roupas surradas e rasgadas. É moderno e muito charmoso. Os jeans já vem da fábrica desbotados, envelhecidos e rasgados. Por vezes tão rasgado que mamãe ficaria penalizada da pessoa que os usa ou pior, a chamaria de relaxada.

Gosto das barras de calças e saias desfiadas, nos outros, lógico. Ocorreu-me, agora uma idéia e acho que os jovens estão certos.

Eles são generosos, sensíveis, altruístas.

O uso destas roupas que eu classifico como velhas e estragadas, não seria para amenizar a triste sorte dos desprovidos de recursos, dos que calam os restos que jogamos ao lixo?

Já pensou aquele desafortunado ter o prazer de olhar para suas roupas surradas e achá-las parecidas as daquela loira que passou a sua frente?

Pode até ser que ele pense em lavá-las para ficarem mais parecidas. Legal não!

Às vezes acho que andamos de cabeça para baixo, mas deixo meu tributo de louvor ao progresso.